

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ARTES CIÊNCIAS E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS CULTURAIS

DANIEL DE SOUSA SILVA

**Vozes negras na literatura de ficção: uma análise de
Neuromancer de William Gibson**

Versão Corrigida

São Paulo
2023

DANIEL DE SOUSA SILVA

**Vozes negras na literatura de ficção: uma análise de
Neuromancer de William Gibson**

Versão Corrigida da Dissertação
apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Estudos Culturais da Escola de Artes, Ciências e
Humanidades, da Universidade de São Paulo,
como parte dos requisitos para obtenção do título
de Mestre em Estudos Culturais.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Madalena
Pedroso Aulicino

Versão Corrigida

São Paulo

2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca da Escola de Artes, Ciências e Humanidades,
com os dados inseridos pelo(a) autor(a)
Brenda Fontes Malheiros de Castro CRB 8-7012; Sandra Tokarevicz CRB 8-4936

de Sousa Silva, Daniel
Vozes negras na literatura de ficção: uma análise
de Neuromancer de William Gibson / Daniel de Sousa
Silva; orientadora, Madalena Pedroso Aulicino. --
São Paulo, 2023.
116 p.

Dissertacao (Mestrado em Filosofia) - Programa
de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Escola de
Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São
Paulo, 2023.

Versão corrigida

1. Neuromancer. 2. William Gibson. 3. Ficção
especulativa. 4. Estudos Culturais. 5.
Representações sociais. 6. Afrofuturismo. I.
Aulicino, Madalena Pedroso, orient. II. Título.

SILVA, Daniel de Sousa. **Vozes negras na literatura de ficção: uma análise de Neuromancer de William Gibson.** Dissertação (Mestrado) apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Estudos Culturais.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Este trabalho é para Amanda: meu
coração e meu mundo.

Agradecimentos

Inicio estes agradecimentos com a memória de toda a esperança depositada em mim. Agradeço à caríssima professora Madalena Pedroso Aulicino, pelas sugestões de leitura e pela orientação atenta e paciente, compreensiva deste trabalho com sua erudição apurada e exigente. Agradeço, também, por ter me acolhido muitas vezes ao longo do trabalho, alimentando de fé as minhas ações, além de ter estimulado meu desejo de compreensão da realidade escrita aliada ao tempo do trabalho.

Ao professor Rogério Monteiro de Siqueira, cuja gentileza e olhar sensibilíssimo foram de fundamental importância no início da pesquisa e nos rumos que ela tomou. À professora Inês Cordeiro Gouveia, pelo interesse no andamento dos estudos, pela sabedoria e calma inspiradoras. A ambos, pelos apontamentos e recomendações ao longo da pesquisa e durante o Exame de Qualificação.

À minha companheira de todas as horas, Amanda Pavão, pela paciência, pela compreensão dos humores, das ausências e pelo amor de tantos anos.

Aos meus padrinhos, Lourivaldo e Graça, que sempre me incentivaram a estudar e nunca me faltaram para renovar o ânimo.

A Vânia Cândida, cujos conselhos, apoio e exemplo de uma vida voltada para a educação e luta por um mundo mais justo, fazem de mim devedor de muito do pouco que sei.

A meus irmãos, Fernando e Eliseu, que me acompanham nas dores e alegrias dessa vida.

Aos queridos amigos: Clodoaldo Gradice, Carlos Alberto Fernandes Filho, Júlio Conejo e Márcio Leal.

Essencialmente, os maiores agradecimentos aos meus pais, Maria Luiza e José, mesmo agora há muito tempo distantes pela partida da vida, pela força incrível que me deixaram de persistência. Junto deles agora meus avós, Luiza e Engracio e neste semestre de 2023, meu segundo pai, meu estimado tio João. Que todos residam em uma morada de luz, recompensa justa do muito que fizeram.

A todos, mesmo os que não foram citados, eterna Gratidão.

“Nascemos não com propósito, mas com potencial.” (BUTLER, Octavia)

“Como eu tenho dito muitas vezes, o futuro já chegou. Só não está uniformemente distribuído.”(GIBSON, William)

SILVA, Daniel de Sousa. **Vozes negras na literatura de ficção: uma análise de Neuromancer de William Gibson**. 2023. 107 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

O presente estudo busca analisar a representação da cultura negra no romance "Neuromancer", de William Gibson, considerando seu impacto no contexto da Ficção Científica e sua relevância para a construção de narrativas afrofuturistas. Por meio de uma abordagem interdisciplinar que combina estudos culturais, teoria literária e afrofuturismo, pretende-se examinar as formas pelas quais a obra de Gibson incorpora elementos da cultura negra, os desafios enfrentados pela comunidade negra e as possibilidades de afirmação e reimaginação da identidade negra na sociedade futurista retratada no romance. O trabalho investiga como elementos da cultura negra são incorporados à narrativa futurista do livro, bem como a relevância dessa representação para a construção de identidades negras em um contexto especulativo. O objetivo deste trabalho foi a investigação e análise crítica a respeito da representação da cultura negra no romance Neuromancer de William Gibson, investigando como a obra retrata a identidade, experiência e desafios enfrentados pela comunidade negra. Além disso, o presente trabalho pretende analisar o impacto da representação da cultura negra em Neuromancer no campo da ficção científica e nos debates sobre representatividade e inclusão, considerando sua relevância para a ampliação da diversidade de vozes e perspectivas dentro do gênero literário, estabelecendo conexões e diálogos críticos entre a obra de Gibson e outras produções culturais afrofuturistas, identificando temas e abordagens comuns que transcendem as fronteiras da literatura e influenciam a representação da cultura negra no imaginário coletivo.

Palavras-chave: Neuromancer. William Gibson. Ficção especulativa. Estudos Culturais. Representações sociais. Afrofuturismo

ABSTRACT

SILVA, Daniel de Sousa. *Black Voices in Fiction Literature: An Analysis of William Gibson's Neuromancer*. 2023. 107 p. Dissertation (Master's) - School of Arts, Sciences and Humanities - University of São Paulo, São Paulo, 2023.

The present study aims to analyze the representation of Black Culture in William Gibson's novel *Neuromancer*, considering its impact in the context of Science Fiction and its relevance for the construction of Afrofuturist narratives. Through an interdisciplinary approach, that combines cultural studies, literary theory, and Afrofuturism, it seeks to examine how Gibson's work incorporates elements of black culture, the challenges faced by the black community, and the possibilities for affirmation and reimagining of black identity in the futuristic society portrayed in the novel. The objective of this work was to investigate and critically analyze the representation of black culture in William Gibson's *Neuromancer*, examining how the work portrays the identity, experience, and challenges faced by the black community. Furthermore, this study aims to analyze the impact of the representation of black culture in *Neuromancer* in the field of science fiction and in debates about representation and inclusion, considering its relevance for expanding the diversity of voices and perspectives within the literary genre. It establishes connections and critical dialogues between Gibson's work and other Afrofuturist cultural productions, identifying common themes and approaches that transcend the boundaries of literature and influence the representation of black culture in the collective imagination.

Keywords: *Neuromancer*. William Gibson. Speculative fiction. Cultural studies. Social representations. Afrofuturism

1. INTRODUÇÃO	11.
2. Contextualização e Relevância de "Neuromancer" no Cenário da Literatura de Ficção Científica	16.
2.1 "Neuromancer" de William Gibson: A Vanguarda Cyberpunk	16.
2.2 William Gibson: Impacto e Legado do Autor na Ficção Especulativa	21.
2.3 Neuromancer de paperback original a obra premiada	30.
2.4 Distopia panóptica em Neuromancer: o ciberespaço	35.
3. O lugar da fantasia especulativa	40.
3.1 O apelo da ficção científica: cultura e ciência	43.
3.2 Futuro distópico: a heterotopia na escrita de William Gibson	49.
3.3 Representação Negra na fantasia especulativa	61.
3.4 Doutor Benignus: ficção científica em terras brasileiras	68.
3.5 .Ficção Científica: porque lembramos de Isaac Asimov e não de Jeronymo Monteiro	76.
4. Afrofuturismo: vozes negras na ficção científica	81.
4.1 Confluência entre afrofuturismo e a ficção de William Gibson	88.
4.2 Raça e cyberpunk: identidades diversas em Neuromancer	93.
Considerações Finais	101.
REFERÊNCIAS	108.
GLOSSÁRIO	113.

1. Introdução

A presente dissertação é um estudo feito a partir do livro de ficção “Neuromancer”, do escritor estadunidense William Gibson, tendo publicado sua primeira edição em 1984 e com grande impacto na produção de ficção científica de mesmo gênero até o início dos anos 2000. Em paralelo ao feito do autor, a representação da cultura negra na literatura tem desempenhado um papel significativo na desconstrução de estereótipos e na promoção da inclusão e diversidade dentro do cenário literário. Ao longo das décadas, diversos autores têm explorado as complexidades e as riquezas da cultura negra por meio de suas obras, trazendo à tona questões relacionadas à identidade, experiência e resistência da comunidade negra. No contexto da Ficção Científica, um gênero que possibilita a especulação sobre futuros distópicos e avanços tecnológicos, a representação da cultura negra tem sido uma área de estudo cada vez mais relevante. Por meio da obra de Gibson, observa-se que “Neuromancer” se apresenta como uma narrativa futurista ambientada em um mundo pós-industrial, onde a tecnologia se mescla com elementos distópicos e cibernéticos. Nessa trama intrincada, Gibson cria um cenário onde a cultura negra é abordada de maneiras sutis e impactantes, proporcionando uma reflexão sobre questões raciais e a complexidade das identidades afrodescendentes na sociedade.

O objetivo deste estudo é analisar a representação da cultura negra dentro da obra “Neuromancer” de William Gibson, considerando seu impacto no contexto da Ficção Científica e sua relevância para a construção de narrativas afrofuturistas. Por meio de uma abordagem interdisciplinar, que combina estudos culturais, teoria literária e afrofuturismo, pretende-se examinar as formas pelas quais a obra de Gibson incorpora elementos da cultura negra, os desafios enfrentados pela comunidade negra e as possibilidades de afirmação e reimaginação da identidade negra na sociedade futurista retratada no romance. Referências bibliográficas dos Estudos Culturais serviram de base para propor uma pesquisa que historicizasse este conjunto documental e que, ao mesmo tempo, permitisse debater a presença dos elementos de representações sociais produzidas a partir delas.

Já durante a pesquisa, o auxílio da Prof^a. Dr^a. Madalena Pedroso Aulicino, orientadora do trabalho, foi muito importante para o aprofundamento do método interdisciplinar, para o acréscimo da bibliografia e possibilidades de trajetórias.

Como a própria Ficção Científica, o Afrofuturismo demonstra ser de difícil definição. Para o crítico literário estadunidense, Mark Dery, trata-se de um gênero estético que guarda suas características em si mesmo: escrito por pessoas negras, para pessoas negras (DERY, 1994, p.180). Essa lógica nasceu do questionamento do porque existirem tão poucos autores negros de ficção científica, uma vez que o gênero aborda diferença e mesmo preconceito. Utilizar seres não humanos transmutados em máquinas, alienígenas e seres fantásticos para abordar preconceito e discriminação é muito comum na fantasia e na ficção científica. Esses temas tendem a aparecer como recurso metafórico, sem focar em grupos minoritários do mundo real, mas as situações e os problemas que as personagens enfrentam ao longo da narrativa são semelhantes, quando não idênticos. Esse tipo de leitura aproxima os temas da ficção científica com a experiência negra diaspórica. Em linhas gerais, o Afrofuturismo é um conceito utilizado para designar e contemplar a produção artística que surge da intersecção entre a ficção especulativa e o protagonismo negro, tanto em termos de autoria quanto de representação de personagens. O desejo de realizar esta dissertação surge da preocupação com a falta de representatividade negra em obras literárias especulativas e com a ausência ou inadequado reconhecimento de propostas que aproximem temáticas negras do grande público da ficção. Considerando a ficção especulativa e a autoria negra como dois tipos de produção que tendem a ser desvalorizados pela indústria editorial e pela crítica literária como um todo, este estudo pretende trazer essa discussão para a esfera acadêmica - um espaço ideal para a partilha de conhecimento. A sub-representação das vozes negras na ficção especulativa continua a ser uma questão presente nas paisagens literárias globais. A ficção especulativa engloba gêneros como a ficção científica e a fantasia, oferecendo uma plataforma para imaginar mundos e narrativas alternativos que transcendem os limites da realidade atual. No entanto, neste domínio, persiste uma notável escassez de obras que representem autenticamente experiências e perspectivas negras.

O Exame de Qualificação permitiu uma importante mudança dentro da proposta de pesquisa. De um estudo sobre o Afrofuturismo em *Neuromancer* de Gibson, passa-se a considerar a análise de como a cultura negra é representada no romance *Neuromancer* de William Gibson, identificando os elementos narrativos e simbólicos que retratam a identidade e experiência negra na obra. Através de uma análise crítica e de uma exploração dos contextos culturais, históricos e teóricos em que surgem, esta investigação visa aprofundar a nossa compreensão do poder transformador do Afrofuturismo no domínio da ficção especulativa. A representação da cultura negra no romance revela a complexidade das identidades afrodescendentes na sociedade futurista, explorando questões de raça, identidade e poder. Além disso, pretende lançar luz sobre o significado social e cultural da literatura afrofuturista, o seu potencial para desafiar as narrativas dominantes, expandir os horizontes imaginativos e promover uma maior representação e reconhecimento das vozes marginalizadas. A partir dessa inversão deu-se a organização dos capítulos desta dissertação.

Outra motivação para a realização desta pesquisa vem de uma antiga e presente paixão, a Ficção Científica, tanto pelo papel que ela desempenhou em minha formação pessoal e intelectual quanto pela apreciação como forma de arte escrita e de técnica.

A dissertação está estruturada em três capítulos. No primeiro, trará o surgimento e a importância de "*Neuromancer*" no contexto da Ficção Científica e da literatura *Cyberpunk*. O objetivo principal consiste em analisar as contribuições e inovações de William Gibson no gênero, destacando sua visão e sua abordagem distópica da relação entre humanidade e tecnologia. A obra representa um marco significativo na literatura de Ficção Científica, especialmente no subgênero conhecido como *Cyberpunk*. O romance de Gibson emergiu em um contexto social e tecnológico particularmente marcante, à medida que a era da informação e a ascensão da tecnologia digital começaram a transformar rapidamente o mundo. No final do século XX, o advento da internet, a crescente interconectividade e a proliferação da tecnologia computacional abriram caminho para novas possibilidades e desafios. Foi nesse cenário que o autor desenvolveu sua narrativa, explorando os limites da tecnologia e suas implicações sociais, ao mesmo tempo em que

apresentava uma visão distópica de um futuro próximo. A genialidade de "Neuromancer" reside na maneira como Gibson antecipou e capturou a essência do ciberespaço, uma realidade virtual onde a mente humana e as redes de computadores se fundem. Através da figura central do hacker Case, o autor explora a relação complexa entre humanos e tecnologia, expondo as consequências psicológicas e sociais desse envolvimento profundo com a realidade digitalizada. A obra também aborda temas relacionados ao poder, controle e desigualdades socioeconômicas em um mundo cada vez mais dominado por megacorporações e governos opressivos. O protagonista, Case, é um anti-herói mergulhado em um submundo tecnológico, onde a linha entre o real e o virtual se torna indistinta. Essa atmosfera distópica e sombria retratada por Gibson reflete as preocupações e inquietações de uma época em que o avanço tecnológico se mostrava tanto promissor quanto perturbador. Além disso, será investigado o impacto cultural e literário da obra, considerando seu legado e influência na produção literária contemporânea. Por meio de uma análise crítica da estrutura narrativa, dos temas abordados e da linguagem empregada por Gibson, busca-se compreender como "Neuromancer" transcende os limites do gênero e estabelece novos padrões de excelência e originalidade na Ficção Científica.

No segundo capítulo, apresenta-se alguns aspectos da ficção especulativa ao espaço ocupado pelas tradições negras em Neuromancer. A Ficção Especulativa é um gênero literário que abrange uma ampla variedade de narrativas que exploram possibilidades imaginativas e especulativas em relação ao futuro, realidades alternativas e elementos fantásticos. Desde sua emergência como forma literária, a Ficção Especulativa tem sido uma plataforma importante para a expressão de ideias, críticas sociais e reflexões sobre o ser humano e seu relacionamento com o mundo ao seu redor. Abrimos espaço para comentar a respeito do cenário da ficção em território nacional, com o intuito de dimensionar a sua produção e interesse do público.

É notável que, por muito tempo, as tradições negras e a experiência negra têm sido marginalizadas e subrepresentadas na ficção especulativa. Ainda que o gênero tenha sido capaz de explorar diversas temáticas e perspectivas, as vozes e as contribuições dos autores e autoras negros têm sido frequentemente negligenciadas, perpetuando uma narrativa dominante que não

reflete a riqueza e a diversidade da experiência negra. Ao considerar as tradições negras na Ficção Especulativa, é fundamental reconhecer a diversidade das experiências negras e as diferentes culturas e mitologias que compõem essa rica tapeçaria. A inclusão das tradições negras na ficção especulativa oferece uma oportunidade de romper com as narrativas hegemônicas e estereotipadas, permitindo a exploração de novos temas, mitologias e perspectivas. Ao incorporar elementos das tradições negras, como a espiritualidade, a cosmologia, as crenças ancestrais e os contos populares, a ficção especulativa pode se tornar uma plataforma para a reimaginação e a afirmação da identidade negra. Por fim, este estudo busca destacar a importância de ampliar a representação das tradições negras na ficção especulativa, não apenas como uma questão de justiça social e igualdade, mas também como uma forma de enriquecer e aprimorar a literatura como um todo. A inclusão de diversas perspectivas culturais pode levar a narrativas mais autênticas, significativas e impactantes, permitindo que um público mais amplo se identifique e se engaje com as obras.

No terceiro capítulo, o objetivo central é realizar uma análise aprofundada do afrofuturismo, das temáticas de construção da identidade dos personagens presentes na obra "Neuromancer" de William Gibson, considerando sua representação, construção e papel na trama. A busca por compreender como o autor retrata e desenvolve personagens negros dentro do contexto do romance *Cyberpunk*, explorando tanto suas características individuais quanto sua inserção nas dinâmicas sociais e culturais da narrativa.

2. Contextualização e Relevância de "Neuromancer" no Cenário da Literatura de Ficção Científica

“O céu sobre o porto tinha cor de televisão num canal fora do ar.” William Gibson – “Neuromancer”

2.1 – "Neuromancer", de William Gibson: A Vanguarda *Cyberpunk*

O capítulo 1 desta dissertação tem como objetivo principal fornecer uma contextualização abrangente e uma análise crítica sobre a obra "Neuromancer" de William Gibson, considerando sua importância e relevância no cenário da literatura de ficção científica. Nesta seção introdutória, será apresentado o título do capítulo, que visa estabelecer as bases teóricas e conceituais necessárias para a compreensão da obra, bem como situá-la dentro do contexto literário e cultural. Neste capítulo, serão abordados os principais aspectos relacionados ao romance "Neuromancer" de William Gibson, enfatizando seu papel como uma obra seminal e revolucionária no gênero da ficção científica. Serão explorados os elementos cyberpunk presentes na narrativa, analisando suas características distintivas e o impacto que tiveram na evolução do gênero literário. Além disso, serão examinados os temas e as questões abordados por Gibson em "Neuromancer", e como esses contribuíram para a consolidação de um novo movimento estético e filosófico na literatura. Ademais, serão apresentados os fundamentos teóricos relevantes para a compreensão da obra, tais como as influências do movimento cyberpunk, os avanços tecnológicos e a cultura digital, bem como a relação entre ficção científica e sociedade contemporânea. Será dada atenção especial à contribuição de Gibson para a

¹ Neuromancer, 5ed, p.23

ficção científica, sua inovação narrativa e sua visão distópica de um futuro dominado pela tecnologia e pela interconexão digital. Por fim, o capítulo encerrará com uma síntese das abordagens teóricas e conceituais apresentadas, estabelecendo as bases para os capítulos subsequentes, que explorarão aspectos mais específicos da obra "Neuromancer" e sua relação com a cultura negra, o afrofuturismo e as questões de representatividade.

"Neuromancer", de William Gibson, é considerada uma das obras mais emblemáticas do gênero cyberpunk na literatura de ficção científica. Publicado em 1984, a obra foi lançada pela editora Ace Books, nos Estados Unidos. Desde então, o livro tem sido reimpresso em várias edições e traduzido para diversos idiomas, tornando-se uma referência importante na literatura de ficção científica e no gênero cyberpunk. "Neuromancer" recebeu ampla aclamação crítica e influenciou profundamente a literatura e a cultura popular, estabelecendo-se como uma referência fundamental no cânone do gênero. A Ace Books, por sua vez, é uma editora americana considerada a mais antiga em operação quando o assunto são publicações de ficção, especialmente no gênero de literatura fantástica, ficção científica e mistério. Fundada em 1952 por Aaron A. Wyn e sua esposa, a empresa começou como uma pequena editora de bolso, focada em reimprimir obras de domínio público. No entanto, a Ace Books ficou conhecida por sua estratégia inovadora no mercado editorial. Em meados da década de 1950, a editora começou a publicar novas obras de ficção científica, incluindo autores como Isaac Asimov e Philip K. Dick. A Ace Books também foi pioneira ao publicar obras em formato de bolso, tornando-as mais acessíveis e populares para o público em geral. Durante os anos seguintes, a Ace Books continuou a expandir seu catálogo, adquirindo os direitos de publicação de diversos autores renomados e lançando séries populares de livros de ficção científica e fantasia, como a série "Ace Doubles" e a série "Specials"². A editora também se destacou por suas capas de livros chamativas e por impulsionar novos talentos no campo da literatura especulativa. A Ace Books desempenhou um papel significativo na promoção e popularização da ficção científica e da

² Ace Books. First FDB Tales, 2023. Disponível em: < <https://www.isfdb.org/cgi-bin/publisher.cgi?37>>. Acesso em: 04, março de 2023.

fantasia, fornecendo uma plataforma para autores emergentes e publicando obras que se tornaram clássicos do gênero.

A Ace Books se interessou por William Gibson após a recomendação de um de seus editores, Terry Carr. Carr havia lido um conto de Gibson chamado "Johnny Mnemonic" e ficou impressionado com sua escrita e estilo distinto³. Ele viu potencial no trabalho de Gibson e sugeriu que a Ace Books o contratasse para escrever um romance.

Em 1981, a Ace Books publicou o primeiro romance de Gibson, intitulado "Neuromancer". O livro foi um sucesso instantâneo, recebendo críticas positivas e conquistando vários prêmios importantes, incluindo o Prêmio Hugo, o Prêmio Nebula e o Prêmio Philip K. Dick. Neuromancer marcou o início do movimento cyberpunk na ficção científica e Gibson se tornou uma figura influente no gênero.

A Ace Books reconheceu o talento único de Gibson e continuou a publicar suas obras subsequentes, incluindo "Count Zero" (1986) e "Mona Lisa Overdrive" (1988), que completaram a chamada trilogia "Sprawl" (expansão). Embora, com conexões aparentes, a presente dissertação se debruce apenas pelo título primeiro de Gibson, então chamado "Neuromancer".

A parceria entre Gibson e a Ace Books foi bem-sucedida e ajudou a consolidar a reputação do autor como um dos principais escritores de ficção científica da época.

William Gibson é frequentemente creditado como um dos pioneiros do gênero cyberpunk, que revolucionou a ficção científica ao apresentar uma visão distópica e tecnológica do futuro próximo. Seu trabalho explorou temas como inteligência artificial, realidade virtual, corporações poderosas e o impacto da tecnologia na sociedade, oferecendo uma perspectiva única e visionária.

Entendemos esse apelo que não se constituiu apenas comercial, a luz de David Roas (2014), na linha de pensamento que defende a necessidade da construção de um mundo realista em contato com o sobrenatural. Assim:

³ An Interview with William Gibson. Larry McCaffery, William Gibson Mississippi Review, Vol. 16, No. 2/3 (1988), pp. 217-236 (20 pages). Disponível em: < <https://www.jstor.org/stable/20134176>>. Acesso em: 02 de maio de 2023

A literatura fantástica é aquela que oferece uma temática tendente a pôr em dúvida nossa percepção do real. Portanto, para que a ruptura antes descrita se produza é necessário que o texto apresente um mundo o mais real possível que sirva de termo de comparação com o fenômeno sobrenatural, isto é, que torne evidente o choque que supõe a irrupção de tal fenômeno em uma realidade cotidiana. O realismo se converte assim em uma necessidade estrutural de todo texto fantástico⁴. (ROAS, 2014, p. 51).

Embora o sobrenatural possa ser um elemento fantástico ou irreal, situá-lo em um contexto realista permite que os leitores se relacionem mais facilmente com a história e os personagens, tornando a experiência de leitura mais envolvente. Uma das razões para essa necessidade é a busca por uma suspensão temporária da descrença por parte dos leitores. Ao apresentar um mundo realista, com personagens e cenários verossímeis, a introdução de elementos sobrenaturais e/ou fantásticos pode ser mais facilmente aceita e absorvida pelo público. Isso ocorre porque o mundo realista serve como uma base sólida para a introdução de elementos incomuns, criando um contraste que torna o sobrenatural mais impactante e emocionante. Além disso, a construção de um mundo realista permite que os temas e as questões abordados na narrativa sejam explorados de maneira mais profunda e significativa. Ao inserir o sobrenatural em um contexto realista, os autores têm a oportunidade de explorar as interações entre o mundo natural e o mundo sobrenatural, abordando questões como dualidade, destino, crenças e o desconhecido. Segundo Broderick no seu livro *Reading by Starlight: Postmodern Science Fiction* (1995): “A ficção científica é um local apropriado para a leitura teorizada, mas apenas para aqueles que partilham alguma familiaridade preliminar com

⁴ ROAS, David (2014). A ameaça do fantástico: aproximações teóricas. Trad. Julián Fuks. São Paulo: Editora Unesp.

pelo menos uma amostragem dos seus textos mais considerados.”⁵. Ao mesclar elementos do mundo real com o sobrenatural, os escritores de ficção científica também podem oferecer comentários e reflexões sobre a natureza da realidade, a existência humana e as forças que governam o universo. Essa abordagem permite explorar temas filosóficos, existenciais e morais de maneira única e intrigante. A explanação dos eventos sobrenaturais por meio de abordagens científicas e a incorporação de tecnologias têm sido amplamente empregadas na análise do conceito de ficção científica, como observado por Istvan Csicsery-Ronay: “os mundos imaginários da ficção científica são pretensas resoluções de dilemas insolúveis e frequentemente mal percebidos no presente”⁶ (CSICSERY-RONAY, 2011, p.3). A partir desses elementos, o que é considerado improvável pode adquirir um status de possibilidade, embora questões como o nível de profundidade das explicações científicas e a própria definição de ciência estejam em debate.

A ficção especulativa engloba uma variedade de gêneros literários, dos quais se destacam a fantasia, a ficção científica e o horror sobrenatural. No entanto, apesar das diferenças temáticas e estilísticas entre esses gêneros, há uma interconexão e sobreposição notáveis que podem ser exploradas. No contexto do mercado editorial, é evidente que obras de ficção especulativa frequentemente alcançam grande popularidade e atraem um público amplo e diversificado. No entanto, quando se trata de crítica literária, esses gêneros não recebem a mesma atenção e estudo sistemático, a menos que sejam obras específicas, autores renomados ou subgêneros que tenham maior visibilidade. Infelizmente, a maioria desses gêneros ainda é considerada como literatura de entretenimento, relegada a um status inferior. É importante reconhecer que a ficção especulativa tem uma presença significativa não apenas na literatura, mas também no cinema, nas séries de televisão e nos jogos eletrônicos, exercendo uma influência marcante na cultura pop de modo geral. Essa

⁵ BRODERICK, Damien. *Reading by Starlight: Postmodern Science Fiction*. Londres & Nova York: Routledge, 1995. Disponível em: < <https://archive.org/details/readingbystarlig0000brod>> Acesso em: 10 de dezembro de 2022.

⁶ CSICSERY-RONAY, Istvan (2011). *The seven beauties of science fiction*. Middletown: Wesleyan University Press. Disponível em: < <https://vdoc.pub/download/the-seven-beauties-of-science-fiction-2qng9mea5750>> Acessado em: 05 de março de 2023.

influência transmídia ressalta a importância desses gêneros na construção de narrativas imaginativas, capazes de expandir os limites da nossa realidade e explorar possibilidades extraordinárias. Embora existam debates e disputas em torno das distinções entre fantasia, ficção científica e horror sobrenatural, defendemos que é benéfico adotar uma abordagem mais flexível e inclusiva, considerando a ficção especulativa como um todo. Ao fazer isso, podemos perceber as similaridades e conexões entre esses gêneros, que compartilham a capacidade de criar mundos novos, desafiar normas estabelecidas e especular sobre o futuro e o desconhecido. Essa visão mais ampla é particularmente relevante para o afrofuturismo. No contexto do afrofuturismo, essa abordagem ampla pode ser especialmente relevante, permitindo que a ficção especulativa seja um veículo para a expressão e a exploração de questões relacionadas à experiência negra.

2.2 William Gibson: Impacto e Legado do Autor na Ficção Especulativa

O contexto histórico e cultural em que *Neuromancer* foi concebido desempenha um papel fundamental na compreensão da sua relevância e impacto. A década de 1980 foi marcada por avanços tecnológicos e transformações sociais que moldaram o imaginário coletivo. A revolução da computação, o crescimento da internet, a emergência da cultura hacker e o desenvolvimento da inteligência artificial foram temas que permearam o período. Além disso, a atmosfera cultural da época foi caracterizada por uma mistura de otimismo tecnológico e desencanto político. A Guerra Fria estava no auge, as tensões geopolíticas eram palpáveis e a especulação sobre o futuro, impulsionada pelos avanços tecnológicos, alimentava narrativas distópicas e exploratórias. *Neuromancer* surge nesse contexto como uma resposta literária a essas questões e preocupações. Gibson cria um mundo distópico, onde a tecnologia avançada se mistura com uma sociedade marginalizada, dominada por grandes corporações e habitada por hackers e mercenários. O romance aborda temas como o colapso das fronteiras entre humano e máquina, a alienação no mundo digital, o poder das corporações e a busca pela liberdade individual em um mundo dominado pelo controle e pela manipulação.

William Gibson, nascido em 17 de março de 1948 em Conway, Carolina do Sul, é um renomado escritor de ficção especulativa e considerado um dos principais expoentes do movimento cyberpunk. Sua biografia é marcada por uma trajetória literária notável e uma influência significativa no campo da literatura de ficção científica. Gibson cresceu em uma família de classe média baixa e passou grande parte de sua infância e adolescência em uma área rural da Virgínia. Durante sua juventude, ele demonstrou interesse pela cultura pop, música e literatura, especialmente obras que exploravam temas de ficção científica. Essas influências moldaram sua perspectiva criativa e forneceram a base para sua futura carreira como escritor.

Após concluir o ensino médio, Gibson frequentou a Universidade da Virgínia, onde estudou literatura inglesa. Durante esse período, ele se envolveu com o movimento contracultural dos anos 1960 e começou a escrever suas próprias histórias de ficção científica. No entanto, suas primeiras tentativas literárias não foram bem-sucedidas e ele enfrentou dificuldades em publicar seu trabalho. O conto “O Continuo de Gernsback⁷” (“The Gernsback Continuum”), é um interessante exemplo das lições do movimento criativo de Gibson, numa perspectiva a caminho de se transformar na ficção cyberpunk pelo qual o autor é reconhecido. Apareceu primeiro na antologia original “Universe 11” (1981), editada por Terry Carr, e mais tarde em Reflexos do Futuro (Mirrorshades: The Cyberpunk Anthology; 1986), ditada por Sterling, e na coletânea de Gibson, Burning Chrome (1986). Nesse conto ambientado no presente (a década de 1980), o fotógrafo Parker é incumbido de fotografar a arquitetura futurista da década de 1930 para uma editora inglesa. Ele mergulha na tarefa a ponto de ter alucinações em que elementos desse imaginário começam a invadir a sua percepção da realidade. Ele se confessa com Merv Kihn, um amigo jornalista especializado em OVNI, que lhe dá uma perspectiva racional para o que ele vem vivenciando — “Se você quer uma explicação de mais classe, eu diria que você viu um fantasma semiótico” — e lhe fornece uma saída: Parker deve consumir mídia de massa ruim, porque a mídia “realmente ruim pode exorcizar os seus fantasmas semióticos”. Mais que isso, Parker renuncia àquela visão do

⁷ GIBSON, William. “The Gernsback Continuum”. In Burning Chrome, de William Gibson. Nova York: Ace Books, 1987 [1986], p. 29.

futuro positiva, gloriosa, utópica, em favor de um mergulho em sua própria realidade, mesmo que mediada pela “mídia ruim” e mesmo que distópica: “a evidência concreta da quase-distopia humana em que vivemos.” Foi somente na década de 1980 que Gibson ganhou reconhecimento significativo com o lançamento de seu romance seminal, *Neuromancer*, em 1984.

Em uma outra narrativa de 1981 intitulada "Johnny Mnemonic", Gibson apresenta elementos que preveem temas e conceitos explorados em seu primeiro romance. Nessa história, o autor aborda implantes cerebrais e anatômicos, bem como a emergência de comunidades anarquistas que se formam em torno do uso dessas tecnologias avançadas. Além disso, Gibson também destaca a interação complexa entre megacorporações multinacionais e o crime organizado, criando uma atmosfera distópica onde esses elementos se entrelaçam. Essa visão futurista é complementada por uma atenção meticulosa aos detalhes estilísticos, que englobam desde a moda até os utensílios e materiais utilizados nesse contexto.

Ainda hoje considerado como o expoente máximo do movimento cyberpunk, o romance de estreia de William Gibson, intitulado "Neuromancer", foi inicialmente publicado como um desprezível "paperback original" pela editora Ace Books em 1984. O único sinal auspicioso no momento de sua publicação foi a sua inclusão na coleção "Ace Special", uma respeitada linha de livros editada por Terry Carr, que já havia apresentado obras distintas como "Rite of Passage" (1968), de Alexey Panshin, vencedor do Prêmio Nebula, "A Órbita em Ziguezague" e "A Mão Esquerda da Escuridão" (ambos de 1969), de Ursula K. Le Guin. Terry Carr teria abordado pessoalmente William Gibson, solicitando que ele escrevesse um romance, o que gerou uma reação de pânico no autor, que jamais havia se aventurado nessa forma literária em sua carreira até então. Mesmo diante desse desafio, Gibson aplicou-se com dedicação à escrita de "Neuromancer", resultando na criação de uma obra seminal que revolucionou a ficção especulativa e definiu os padrões do subgênero cyberpunk. Com o passar dos anos, firmou-se como um dos pilares da ficção científica e da assim-chamada “cultura cyberpunk”, “cultura eletrônica” ou “cibercultura”, tornando-se um dos livros de ficção científica mais estudados no

mundo. Csicsery-Ronay, Jr. o chamou de “um dos livros mais interessantes da era pós-moderna”⁸.

A partir desse sucesso inicial, Gibson continuou a escrever romances e contos ambientados em mundos distópicos e futuristas, explorando temas como tecnologia, sociedade pós-industrial, cultura hacker e a interação entre humanidade e máquina. Suas obras subsequentes, incluindo *Count Zero* (1986), *Mona Lisa Overdrive* (1988), *Virtual Light* (1993) e *Pattern Recognition* (2003), solidificaram sua reputação como um autor visionário e inovador. Além de sua contribuição para a ficção especulativa, Gibson também é conhecido por sua abordagem estilística única, caracterizada por uma prosa concisa e evocativa. Sua escrita muitas vezes combina elementos do noir, da cultura pop e da teoria sociocultural, resultando em uma fusão singular de estilos e temas.

O conceito de ciberespaço apresentado em *Neuromancer* antecipou o desenvolvimento da internet e das realidades virtuais, tornando-se uma referência cultural amplamente reconhecida. A obra oferece uma crítica afiada ao capitalismo desenfreado, destacando a desigualdade social, a alienação e a perda da privacidade como consequências negativas do avanço tecnológico. Gibson abordou questões essenciais sobre a natureza da consciência, da memória e da individualidade em um mundo cada vez mais conectado digitalmente. A construção dos personagens em *Neuromancer*, incluindo o protagonista anti-herói Case e a inteligência artificial encarnada em *Neuromancer*, levanta reflexões sobre o que significa ser humano em um contexto altamente tecnológico.

De acordo com Kellner (2001), o termo "cyber" deriva do grego e tem o significado de "controle". Norbert Wiener, um físico, introduziu o termo "cibernética" nos anos 40, referindo-se à ciência do controle e comunicação entre seres vivos e máquinas. A partir desse ponto, o prefixo "ciber" passou a ser utilizado para designar uma variedade de termos relacionados ao campo da computação e das "máquinas inteligentes" (Cascais, 2001).

8

CSICSERY-RONAY, Jr., Istvan. “Cyberunk and Neuromanticism”. In *Storming the Reality Studio: A Casebook of Cyberpunk and Postmodern Fiction*, Larry McCaffery, ed. P. 185.

Segundo Kellner (2001), o termo "ciberespaço" foi utilizado pela primeira vez pelo escritor norte-americano William Gibson em seu conto "Burning Chrome" em 1982. No entanto, é comumente encontrado na literatura que Gibson cunhou o termo em sua obra "Neuromancer", publicada em 1984. No prefácio à edição brasileira de "Neuromancer" (2003), o tradutor Alex Antunes afirma que o conceito criado por Gibson neste livro, o ciberespaço, é uma representação física e multidimensional do universo abstrato da informação. É um lugar para onde a mente é transportada por meio da tecnologia, enquanto o corpo permanece para trás (Gibson, 2003, p. 5-6).

Para Gibson, o ciberespaço é descrito como uma alucinação consensual vivida diariamente por bilhões de operadores autorizados em todas as nações, incluindo crianças aprendendo conceitos matemáticos avançados. É uma representação gráfica de dados abstraídos de todos os computadores do sistema humano, uma complexidade inimaginável. É um espaço não físico da mente, composto por linhas de luz que abrangem a consciência e inúmeras constelações de dados, assim como as luzes da cidade (Gibson, 2003, p. 67).

Gibson descreve o ciberespaço como uma experiência em que a consciência do protagonista, Case, é projetada fora do corpo por meio de um deck ciberespacial customizado. É uma experiência eufórica e imaterial, em que o cérebro está "plugado" em programas e próteses que conectam tecnologia e neurologia. Essa é a essência do título "Neuromancer", que se refere a uma inteligência artificial que busca dominar tanto os seres humanos quanto as máquinas. Gibson imaginou a possibilidade não apenas de entrar nesse espaço imaginário criado por uma rede universal de computadores que contém todo tipo de informação, mas também de explorar os dados com todos os nossos sentidos e transmitir informações diretamente para o computador (Gibson, 2003, p. 14).

No entanto, Kellner (2001) critica a definição de Gibson, argumentando que ela pode ser enganadora, especialmente no que diz respeito à noção de alucinação. Segundo Kellner, os fenômenos que são descritos pelo termo ciberespaço são, na verdade, fenômenos reais e contemporâneos, presentes em nossa sociedade atual, como os sistemas de bancos de dados, as comunicações eletrônicas e online, a televisão por satélite e os jogos e dispositivos de realidade virtual. Kellner ressalta que esses fenômenos não são

alucinatórios nem subjetivos, mas sim espaços e redes que fazem parte de uma sociedade tecnológica dominada pela mídia.

No romance de Gibson, os personagens transitam pelo ciberespaço. Kellner (2001) observa que, para Gibson, o mundo da informação no ciberespaço possui forma, estrutura, arquitetura e cores; é um universo e uma realidade tridimensional e navegável por si só.

Através de sua obra, Gibson mapeia o presente a partir de uma posição privilegiada, projetando um futuro imaginado que demonstra as possíveis consequências das tendências de desenvolvimento atuais. Ele traça o panorama dos efeitos das novas tecnologias sobre os seres humanos, criando novos indivíduos e ambientes.

Neuromancer retrata uma sociedade em que as novas tecnologias e a mídia estão amplamente presentes, levando os seres humanos a se fundirem com essas tecnologias e perdendo o controle sobre as extensões de si mesmos.

Segundo Cascais (2001), Gibson utilizou o termo "ciberespaço" para descrever o espaço resultante da interconexão de todas as bases de dados, das telecomunicações e das redes de computadores. Essa mesma expressão também abarca o conceito de realidade virtual, no qual o indivíduo, por meio de dispositivos como capacetes, é capaz de entrar em um mundo tridimensional gerado por computadores. O termo "ciberespaço" tornou-se, além disso, uma metáfora que representa uma nova dimensão da experiência e da vida humana.

O espaço/tempo virtual proposto por Gibson tornou-se realidade, inclusive em termos multissensoriais, com o desenvolvimento de ferramentas interativas baseadas no conceito de realidade virtual, permitindo a comunicação interpessoal em ambientes virtuais. Além disso, o ciberespaço, compartilhado atualmente por milhões de pessoas em todo o mundo, adquire um significado cultural de dimensão global. De fato, o ciberespaço proposto por Gibson problematiza a noção de sujeito, assim como os conceitos de realidade, tempo e espaço.

De acordo com Lévy (1998a, p.104), na obra de Gibson, o ciberespaço é concebido como: “o universo das redes digitais, um lugar de encontros e aventuras, uma arena de conflitos globais, uma nova fronteira econômica e cultural”. O ciberespaço se refere não apenas aos suportes de informação, mas também aos modos originais de criação, navegação no conhecimento e

interação social proporcionados por eles. O autor também destaca que a dinâmica imaterial do ciberespaço se baseia no avanço das forças produtivas do sistema capitalista, impulsionado pela busca incessante de aumentar a velocidade das transações comerciais e financeiras em escala global. Além disso, o ciberespaço é resultado das tecnologias desenvolvidas para fins militares, como a Internet, e, portanto, envolve investimentos significativos em tecnologia da informação. As infraestruturas do ciberespaço incluem sistemas de satélites, cabos de fibra óptica, teleportos e redes de computadores com constantes inovações em softwares, hardwares, entre outros. Essas são preocupações atuais da ciência e de disciplinas científicas que estudam esses objetos relacionados ao ciberespaço.

O ciberespaço emerge como um novo contexto para a disseminação de informações, impulsionado pelas avançadas tecnologias contemporâneas. Ele representa uma forma de mídia que abarca todas as outras, oferecendo recursos anteriormente inimagináveis. Esse ambiente é caracterizado por uma complexidade que ainda não foi plenamente explorada, repleta de desafios e incertezas, tanto em sua prática quanto em suas formulações filosóficas e teóricas. É um espaço aberto, virtual, fluido e navegável, cujas dimensões e possibilidades ainda estão em constante expansão e evolução.

Conforme apontado por Silva e Silva (2004), o ciberespaço é uma esfera intangível e abstrata que permite a circulação de informações em formatos variados, como imagens, sons, textos e movimentos. Trata-se de um espaço virtual em processo de globalização, constituindo-se como um ambiente social de trocas simbólicas entre indivíduos de diferentes partes do mundo.

Com base nas definições dos autores mencionados, podemos compreender o ciberespaço como um universo virtual viabilizado pelas redes de telecomunicações, especialmente a Internet. Ele pode ser concebido como um novo mundo, um espaço de significações distintas e um meio de interação, comunicação e convívio social. Esse universo não é irreal ou imaginário; ele existe concretamente, porém em uma dimensão essencialmente diferente dos espaços tangíveis conhecidos.

A emergência do ciberespaço marca o advento de uma nova era na sociedade humana, uma revolução comparável à invenção da escrita. Contudo, trata-se de um meio ainda desconhecido, cuja exploração está apenas

começando. O ciberespaço implica em uma nova relação entre tempo e espaço. O espaço já não é mais físico e territorial, mas sim cibernético, virtual e abstrato. O tempo não é mais linear, atrelado à História cronológica; ele é o tempo real, o momento presente e atual.

Com o surgimento das novas tecnologias de informação e comunicação, o tempo histórico já não é o mesmo. Na era "virtual", as definições de tempo e espaço se mesclam ou se confundem. Concordando com Ramal (2002, p.81), observamos atualmente a existência de "atores da comunicação conectados em uma rede, compartilhando um mesmo hipertexto, em uma relação totalmente nova com os conceitos de contexto, espaço e tempo das mensagens".

No ciberespaço, todas as informações são instantaneamente disponibilizadas, em um tempo representado pelo "agora" (o tempo real), e o próprio ciberespaço é o espaço que as contém, sendo ilimitado. Visualizar o tamanho e a dimensão desse espaço virtual é impossível. Através da virtualização, é possível buscar (e encontrar) qualquer informação e conhecimento disponíveis na rede, independentemente de onde ou como tenham sido integrados a ela, ou se outras pessoas estão simultaneamente utilizando esses recursos.

Conforme destacado por Lévy (1996), a virtualização não se restringe apenas aos avanços das tecnologias de informação e comunicação, mas engloba também outras esferas. O autor ressalta que qualquer inovação que introduza novas formas de velocidade já representa um primeiro grau de virtualização. Ele exemplifica essa ideia ao mencionar os meios de transporte, que permitem uma maior interação entre pessoas situadas em diferentes lugares por meio da ampliação das possibilidades de deslocamento.

Lévy afirma que cada novo sistema tecnossocial, cada agenciamento, adiciona um espaço-tempo, uma cartografia específica e uma sonoridade singular a uma trama complexa e elástica na qual as extensões se sobrepõem, deformam e conectam, e as durações se opõem, interferem e respondem umas às outras. A multiplicação contemporânea dos espaços nos transforma em nômades de um novo estilo:, saltamos de uma rede para outra, de um sistema de proximidade para o próximo.

De forma similar, o ciberespaço oferece um ambiente caracterizado pela velocidade, proporcionando aos usuários a oportunidade de se aproximar e

interagir com outras pessoas que estão fisicamente distantes, ou mesmo próximas.

Conforme mencionado por Lévy (1998a), a Internet, também conhecida como "rede das redes" ou "rede mundial de computadores", é um sistema que se fundamenta na cooperação anarquista de inúmeros centros informáticos ao redor do mundo. Ela se tornou o símbolo desse vasto meio heterogêneo e transfronteiriço que Lévy denomina de ciberespaço.

Adotamos a abordagem conceitual rigorosa proposta por Jungblut (2004) para compreender a Internet, reservando a noção de ciberespaço para representar um espaço móvel, paradoxal e invisível onde circulam conhecimentos, saberes e potencialidades de pensamento.

Com o surgimento da World Wide Web (WWW), desenvolvida por Tim Berners-Lee no início da década de 90, juntamente com a operacionalidade do hipertexto, o conceito de ciberespaço emerge como um espaço amplamente utilizado para virtualização, deslocamentos, desterritorialização e comunicação, tornando-se também um ambiente propício para a criação de uma nova cultura: a cibercultura. Nesse contexto, a Web assume um papel central como o principal "local" do ciberespaço, seu principal edifício, sendo considerada o epicentro de todas as possibilidades de interação.

De acordo com a Wikipedia (2006), a funcionalidade da Web baseia-se em três padrões: a URL, que especifica como cada página de informação possui um endereço único pelo qual pode ser localizada; o HTTP, que estabelece como o navegador e o servidor trocam informações entre si por meio de um protocolo; e o HTML, um método (e linguagem) de codificação da informação de modo que possa ser exibida em uma ampla variedade de dispositivos.

De fato, podemos considerar a Web como o epicentro do ciberespaço, o hipertexto como uma ferramenta capaz de abarcar todas as formas semióticas, o browser como uma máquina de leitura que viabiliza a navegação na rede e as máquinas de busca como elementos essenciais para organizar o conhecimento e a informação. Esses componentes topográficos são fundamentais para a estruturação do ciberespaço.

O ciberespaço, como sabemos, é um ambiente virtual que surge da interconexão de redes de computadores, como a Internet. Ele pode ser compreendido como uma grande máquina abstrata, semiótica e social, na qual

ocorrem não apenas trocas simbólicas, mas também transações econômicas e comerciais, novas práticas comunicacionais, relações sociais e afetivas, além de promover novos agenciamentos cognitivos. O ciberespaço representa, portanto, um espaço multifacetado e dinâmico que abrange uma ampla gama de atividades e interações.

2.3 Neuromancer de paperback original a obra premiada

O termo "paperback original" é amplamente utilizado no mercado editorial para designar uma publicação de um livro diretamente em formato de livro de bolso, sem ter sido previamente lançado em capa dura ou em outro formato. Essa forma de publicação é comumente associada a obras de ficção popular, como romances, ficção científica e de fantasia.

Trata-se de um formato específico de publicação que desempenha um papel significativo na disseminação e acessibilidade das obras literárias. Os paperbacks originais são caracterizados por serem livros de bolso, geralmente de capa mole, impressos em papel de qualidade inferior e comercializados a um preço mais acessível em comparação com os livros encadernados tradicionais.

A escolha de lançar "Neuromancer" como um paperback original é significativa em vários aspectos. Primeiro, o formato de paperback original permite que a obra seja acessível a um público mais amplo, devido ao seu preço mais acessível em comparação com os livros encadernados tradicionais. Isso contribuiu para a disseminação da obra e a ampla adoção pelos leitores, especialmente entre os fãs de ficção científica e cyberpunk.

O lançamento de "Neuromancer" como um paperback original pela Ace Books permitiu que o livro fizesse parte da respeitada linha de publicações chamada Ace Special, editada por Terry Carr. Essa linha incluía obras notáveis de autores renomados, o que conferiu prestígio e reconhecimento ao livro de Gibson. A publicação como um Ace Special foi um sinal auspicioso e destacou a importância literária e o potencial impacto do romance. A década de 1980 foi um período de efervescência criativa e inovação no campo da ficção especulativa, e o formato de paperback original permitiu que obras desafiadoras

e vanguardistas, como "Neuromancer", alcançassem um público mais amplo e rompessem com as convenções literárias estabelecidas.

Ao se tornar um sucesso de vendas como um paperback original, "Neuromancer" ajudou a impulsionar o movimento cyberpunk, influenciando toda uma geração de autores e abrindo caminho para uma nova abordagem da ficção científica. O livro também contribuiu para a popularização do conceito de ciberespaço e estabeleceu Gibson como um dos principais escritores do gênero.

Neuromancer, uma obra que viria a se tornar uma referência no gênero cyberpunk, foi inicialmente lançado como um modesto paperback original pela Ace Books no ano de 1984. Embora a sua publicação tenha ocorrido de forma desprezível, foi notável o fato de ter sido incluído na prestigiosa linha de publicações da Ace Books denominada Ace Special, a qual abrigava obras notáveis como *Rite of Passage* (1968), de Alexey Panshin, ganhador do Prêmio Nebula, bem como *A Órbita em Ziguezague* e *A Mão Esquerda da Escuridão* (ambos de 1969), de John Brunner e Ursula K. Le Guin, respectivamente.

A inclusão de Neuromancer como um Ace Special foi um indicativo encorajador e conferiu certo prestígio à obra, ao associá-la a outros trabalhos renomados presentes na linha de publicações. Foi através do contato entre Terry Carr, editor responsável pela Ace Special, e William Gibson que surgiu a oportunidade de escrever um romance, algo inédito na carreira do autor⁹. A perspectiva desafiadora e a pressão inerente a essa nova etapa estimularam Gibson a se dedicar à escrita de Neuromancer.

Dessa forma, pode-se destacar que Neuromancer, apesar de ter sido lançado inicialmente como um desprezível paperback original, encontrou um contexto favorável ao ser incluído na renomada linha de publicações da Ace Books. Essa oportunidade permitiu que a obra fosse reconhecida e associada a outras produções de destaque no campo da ficção especulativa. Além disso, o encontro entre Gibson e Carr resultou em um impulso decisivo para que o autor se aventurasse na criação de um romance que viria a se tornar um marco literário.

⁹ McCaffery, Larry. "An Interview with William Gibson". In *Storming the Reality Studio: A Casebook of Cyberpunk and Postmodern Fiction*. P. 268.

No romance em questão, somos apresentados à formação de uma força-tarefa mercenária, composta por um grupo heterogêneo de indivíduos provenientes de diferentes partes do mundo, cujo objetivo é invadir a residência orbital de uma poderosa família de magnatas da empresa Tessier-Ashpool AS. Sob o comando de Armitage, um ex-militar de comportamento impessoal e mecanizado, destaca-se a presença ativa de Molly Millions, uma personagem dotada de implantes cibernéticos em seus olhos, dedos e neurônios, transformando-a em uma arma humana. Embora a narrativa transite por diferentes pontos de vista, o protagonismo é mantido por Case, um "cowboy" ou hacker especializado em penetrar em sistemas de dados altamente protegidos no chamado "ciberespaço". Ainda que haja recursos criativos, como o chip implantado em Molly, que permite que Case vivencie suas experiências sensoriais, a perspectiva narrativa permanece centrada nele.

Destaca-se, no entanto, a presença intrigante de McCoy "Dixie Flatline" Pauley, um hacker cuja mente foi preservada em formato digital após ter sido morto por uma inteligência artificial na filial da Tessier-Ashpool no Rio de Janeiro. Apesar de seu estado de morte física, sua consciência digital continua ativa e em associação com Case. Outro personagem de natureza peculiar é Peter Riviera, um artista sadomasoquista cujos implantes permitem a projeção de objetos e cenas holográficas de acordo com sua vontade "criativa", conferindo-lhe uma característica grotesca.

Case, o protagonista, também é recrutado de maneira peculiar e inusitada. Após tentar enganar um empregador, ele sofre uma punição que resulta em um dano cerebral permanente, impedindo-o de se conectar conscientemente ao ciberespaço, uma habilidade essencial para sua atividade como hacker. Armitage, no entanto, oferece a possibilidade de restaurar seus poderes como hacker, além de presenteá-lo com um novo fígado, uma vez que o original estava deteriorado devido ao abuso de drogas e álcool. A descoberta de que o novo fígado o impede de sentir os efeitos das drogas só ocorre após a sua instalação. Os novos empregadores de Case parecem adotar uma abordagem que oscila entre afagos e punições em relação ao seu ego autodestrutivo. Além disso, um saco de venenos é implantado em seu corpo, que é gradualmente degradado por enzimas, como uma medida extrema para garantir sua lealdade.

Através desse enredo, o autor explora a complexidade psicológica de Case, sua relação ambígua com os empregadores e as consequências físicas e emocionais de suas ações. A oferta de uma chance de redenção, combinada com o monitoramento e o controle estrito sobre seu corpo, evidencia a natureza conflituosa e manipuladora desse relacionamento. A narrativa de *Neuromancer* apresenta uma reflexão sobre a interseção entre tecnologia, poder e manipulação, revelando como as motivações e as consequências pessoais de Case estão entrelaçadas em uma teia intrincada de submissão, dependência e busca por redenção.

O protagonista de *Neuromancer*, Case, é caracterizado por apresentar poucas qualidades típicas de um herói protagonista. Em contraste com os heróis tradicionais da ficção científica, Case não possui uma visão de mundo a ser defendida e nem demonstra capacidade de autoanálise. Em grande parte da narrativa, ele se deixa levar pelas ações e decisões dos outros personagens ao seu redor. Questões filosóficas que permeiam o enredo, como a natureza e o destino da inteligência artificial, parecem escapar de sua compreensão e interesse. O foco de Case está principalmente voltado para interesses materiais e sua própria sobrevivência.

Essa caracterização de Case como um protagonista desprovido de convicções profundas e reflexões filosóficas ressalta uma abordagem diferenciada adotada por William Gibson na construção do personagem principal. Ao apresentar um protagonista cujo principal motor é sua motivação pessoal e a busca pela sobrevivência, o autor desafia as expectativas tradicionais associadas aos heróis da ficção especulativa. Essa abordagem contribui para uma narrativa mais realista e complexa, explorando as nuances da natureza humana em um contexto futurista e tecnologicamente avançado.

A escolha de um protagonista com essas características revela a intenção de Gibson de subverter os estereótipos comuns encontrados no gênero da ficção científica. Ao retratar um personagem com motivações mais humanas e menos idealizadas, o autor busca questionar as concepções tradicionais de heroísmo e explorar o impacto das circunstâncias e do ambiente em moldar a psicologia e as ações de um indivíduo. Essa abordagem mais ambígua e realista contribui para a construção de um universo ficcional rico e

multifacetado, no qual os personagens são complexos e suscetíveis a falhas e limitações, de forma a refletir a diversidade e a complexidade do mundo real.

Dessa maneira, o romance aborda a formação de uma força-tarefa, liderada por Armitage e com a participação proeminente de Molly Millions, Case, McCoy "Dixie Flatline" Pauley e Peter Riviera, em sua jornada para invadir a residência orbital dos magnatas da Tessier-Ashpool. O ponto de vista focalizado em Case permite ao leitor acompanhar as ações da equipe em sua perigosa empreitada, bem como explorar os aspectos tecnológicos, culturais e sociais que permeiam esse universo especulativo. Cada personagem, com suas peculiaridades e habilidades distintas, contribui para a complexidade da trama e aprofunda as reflexões sobre temas como poder, tecnologia, identidade e controle no contexto futurístico apresentado por William Gibson.

No ensaio intitulado "Science Fiction and Politics: Cyberpunk Science Fiction as Political Philosophy"¹⁰ (2009), o crítico francês Thomas Michaud busca estabelecer uma associação entre o ciberespaço, a cibercultura e a ideia do Oeste Selvagem, apresentando essa conexão sob uma perspectiva heróica. Michaud argumenta que a comparação entre a fronteira do ciberespaço e o Oeste Americano é frequentemente utilizada no discurso ideológico da era informacional, sendo que Gibson é um dos principais responsáveis por essa construção mitológica. Nessa perspectiva, o protagonista Case é frequentemente equiparado a um cowboy, enquanto o próprio ciberespaço é visto como uma representação simbólica do Oeste Americano.

Ao estabelecer essa associação, Michaud busca explorar as semelhanças conceituais e estéticas entre o universo do ciberespaço retratado por Gibson e o imaginário do Oeste Selvagem presente na cultura e história dos Estados Unidos. Essa comparação permite uma análise mais aprofundada dos temas políticos e filosóficos abordados na obra de Gibson, em particular no que diz respeito ao confronto entre os indivíduos e as estruturas de poder, a luta pela liberdade e a exploração das fronteiras.

¹⁰ Michaud, Thomas. "Science Fiction and Politics: Cyberpunk Science Fiction as Political Philosophy". In *New Boundaries in Political Science Fiction*, Donald M. Hassler & Clide Wilcox, eds. Columbia, SC: University of South Carolina Press, 2009, p. 66.

Ao equiparar Case a um cowboy, Michaud ressalta a figura do protagonista como um herói solitário, corajoso e habilidoso, que navega habilmente no ciberespaço, uma dimensão virtual repleta de perigos e oportunidades. A comparação também sugere uma conexão entre a busca por autonomia e a resistência contra as forças dominantes presentes tanto no Oeste Selvagem quanto no ciberespaço. Em *Neuromancer*, não se encontra um impulso utópico proeminente, apesar das tentativas de associar o livro a essa vertente do movimento. Pelo contrário, a predominância é do distópico, evidenciando a habilidade de Gibson em construir um futuro assustador. A natureza distópica é uma dimensão intrínseca do romance e representa um dos elementos cruciais que conferem importância à obra. Além de apresentar aos leitores o ciberespaço, Gibson concebeu um mundo distópico coeso, cuja construção literária captura parte das experiências humanas no contexto pós-moderno, conforme observado por críticos e teóricos. A visão distópica presente em *Neuromancer* reflete a visão crítica de Gibson sobre a evolução da sociedade e a interação entre os seres humanos e a tecnologia. O autor apresenta um futuro sombrio, onde a exploração, a desigualdade social e a manipulação estão enraizadas nas estruturas de poder. Nesse cenário, o ciberespaço é retratado como um espaço perigoso e opressivo, repleto de vigilância, controle corporativo e alienação. O mundo distópico criado por Gibson destaca-se por sua coerência interna e detalhes convincentes, oferecendo uma representação poderosa das contradições e dilemas enfrentados pelos indivíduos na sociedade pós-moderna. Através dessa construção distópica, Gibson desafia as narrativas tradicionais de progresso e otimismo tecnológico, lançando um olhar crítico sobre as consequências negativas do avanço desmedido da tecnologia e a crescente influência das corporações. A obra não apenas revela as facetas sombrias do futuro imaginado por Gibson, mas também permite aos leitores refletir sobre as complexidades da experiência humana no mundo contemporâneo, marcado pela hiperconexão, fragmentação social e o poder crescente das estruturas corporativas.

2.4 Distopia panóptica em *Neuromancer*: o ciberespaço

A distopia, em sua ascensão como um gênero literário distintivo no final do século XIX, representa um contraponto à utopia, introduzindo-se como uma manifestação literária de pesadelo. Este gênero, preponderante na cultura anglo-americana e frequentemente enquadrado na ficção científica, projeta cenários futuros hipotéticos não muito distantes do presente, caracterizados por ambientes desagradáveis, opressivos e desumanizadores.

A distopia transcende sua natureza fictícia, assumindo o papel de crítica e alerta sobre tendências políticas e econômicas contemporâneas. Por meio de narrativas distópicas, os autores exploram os extremos possíveis dessas tendências, alertando para a perda iminente de liberdades individuais e subjetividade. A geografia da distopia não se assemelha à das utopias, pois os lugares retratados frequentemente são os próprios ambientes em que os autores residem. Esse detalhe geográfico carrega um significado simbólico profundo, indicando que as relações sociais, políticas e econômicas presentes no espaço real dos autores contêm sementes de decadência. A deterioração dessas relações, se persistir, poderia transformar o ambiente real em um estado opressivo e prejudicial.

A escolha de ambientar as distopias em metrópoles reais, como Londres, Nova York e Moscou, acentua a proximidade dos problemas representados. Os espaços familiares, como casas e locais de trabalho, são distorcidos e corrompidos, simbolizando as transformações de relações sociais específicas. O deslocamento temporal para um futuro próximo ou indefinido é o elemento catalisador que converte a terra natal do escritor em uma distopia. Esta projeção sombria de um amanhã pior que hoje não apenas inquieta e amedronta, mas também potencializa os problemas contemporâneos ao extremo, delineando uma perspectiva apocalíptica que ressoa como um alerta contundente.

No cenário vasto da literatura mundial, poucas referências se equiparam à magnitude das obras que forjaram o gênero do romance distópico. Dentre essas contribuições notáveis, destacam-se duas criações de autores ingleses: "Brave New World" (1932; "Admirável Mundo Novo"), de Aldous Huxley (1894–1963), e "1984" (publicado em 1949), de George Orwell (1903–1950). Ambas são consideradas "clássicos modernos" dotados de discursos ideológicos explícitos, erguendo-se como pilares incontestáveis na tradição do gênero distópico, cujo impacto ressoa profundamente na sociedade anglo-americana.

Ao adentrarmos a distopia londrina de "Admirável Mundo Novo", deparamo-nos com uma meticulosa descrição de espaços opressores delineados pelo autor. Um desses espaços é o "lar/cela", uma representação típica da distopia huxleyana. Nesse contexto, o lar, que tradicionalmente deveria ser um refúgio de conforto e afeto, converte-se em uma cela, sugerindo a prisão do indivíduo dentro dos limites da sociedade distópica. Huxley, com maestria, explora a dicotomia entre a ideia convencional de lar e a realidade sufocante que esse conceito assume em seu mundo distópico.

Outro espaço crucial é um edifício funcional, cujos andares e escritórios são emblemáticos da extrema especialização e da manipulação dos meios de comunicação de massa. Este ambiente meticulosamente construído destaca a engenharia social presente na distopia, onde a comunicação não é apenas controlada, mas também manipulada para atender aos objetivos da ordem estabelecida. A especialização extrema retratada nos andares e escritórios sugere uma fragmentação profunda da sociedade, onde cada indivíduo é reduzido a uma função específica e isolada, contribuindo para a desumanização geral.

Ambas as distopias, "Admirável Mundo Novo" e "1984", transcendem seu papel meramente literário, emergindo como espelhos críticos para a sociedade contemporânea. Ao explorarem temas de controle social, manipulação da informação e perda da individualidade, essas obras seminalmente delineiam as preocupações fundamentais que ecoam através das décadas.

No mundo retratado em "1984", George Orwell (1949) fez o uso eficaz da metáfora para representar a ameaça de uma opressão governamental, que continua a ser um caso de estudo relevante, porque, esta mesma narrativa pode-se observar em cenários sociais atuais, em que renasce o uso desconcertante da linguagem política opressora. Nos parece adequado uma correlação com William Gibson, para no limite do que é possível no tempo desta pesquisa atender a postulados mínimos como os de determinar em parte as ideias em sintonia com William Gibson. O ambiente construído de "1984" é uma arma fundamental no 'arsenal simbólico' do autor. A atmosfera distópica que Orwell consegue passar na sua escrita, resulta, pelo menos em parte, de uma confusão sobre a projeção utópica de um controle idealizado, através de alta tecnologia (geralmente frequentes nas distopias e utopias), e o caos social.

Orwell, um autor do século XX, é conhecido por suas obras distópicas, sendo "1984" seu trabalho mais emblemático. Nesse romance, Orwell retrata um futuro sombrio e opressivo, no qual o governo totalitário exerce controle absoluto sobre a sociedade, manipulando a verdade, suprimindo a liberdade e promovendo a vigilância constante dos cidadãos. A obra de Orwell alerta para os perigos do autoritarismo, do abuso de poder e da perda da individualidade em um mundo dominado pelo controle estatal. Por outro lado, William Gibson, um dos principais escritores do movimento cyberpunk, explorou temas relacionados à tecnologia, à realidade virtual e à sociedade pós-industrial. Em sua obra mais conhecida, "Neuromancer", Gibson apresenta um futuro distópico onde corporações poderosas e avanços tecnológicos desumanizam a sociedade, resultando em um mundo repleto de desigualdades e alienação. Ele examina as implicações sociais e éticas do avanço tecnológico e a influência das corporações na vida cotidiana, evidenciando os impactos negativos da dominação tecnológica desenfreada.

Orwell antecipou os efeitos do rápido progresso tecnológico através da sua visão distópica. No espaço de apenas algumas gerações, o humano passou de usar cavalos e carruagens para o transporte a ter aviões e automóveis movidos a eletricidade. Muitas outras inovações tecnológicas foram desenvolvidas nessa época também. O autor apresenta no seu texto o seu receio de que a nossa própria tecnologia nos podia um dia controlar. Dessa maneira, o sistema de vigilância que rege a ficção "Neuromancer", age como o panoptismo, um conceito no qual os presos podem ser observados, de tal modo que o ciberespaço se torna um espaço panóptico, no qual a vigilância é constante e as pessoas estão sujeitas ao olhar onipresente dos poderes dominantes. Essa vigilância panóptica não apenas afeta as personagens, mas também tem implicações mais amplas sobre a sociedade retratada em "Neuromancer". Ela evidencia a perda da autonomia e da privacidade individual, bem como a dependência das pessoas em relação às estruturas de poder tecnológicas. Além disso, o panoptismo ressalta a desigualdade social e o controle exercido pelas corporações, que perpetuam uma estrutura hierárquica opressiva. Ao fazê-lo, Gibson levanta questões importantes sobre o poder, a tecnologia e os limites da vigilância, convidando os leitores a refletirem sobre as implicações éticas e sociais de um mundo onde o panoptismo prevalece.

Em “1984”, o Big Brother representa o líder supremo do regime totalitário conhecido como Partido. O personagem é onipresente e ubíquo, exercendo um controle absoluto sobre a vida dos cidadãos através da vigilância constante. As tecnologias de vigilância, como as teletelas, permitem ao Big Brother observar e monitorar cada movimento dos indivíduos, reprimindo qualquer forma de pensamento ou ação que vá contra o regime. O objetivo principal do Big Brother é a manutenção do poder e a supressão de qualquer forma de individualidade ou dissidência. A história de Orwell é um método de entendimento para um sistema complexo de manutenção de poder e pressão e privação de necessidades humanas como a liberdade de expressão e o direito de resistência¹¹. Partindo dessa constatação, estabelecemos uma conexão entre o conceito do modelo panóptico e as tecnologias da informação e comunicação contemporâneas. No panoptismo, o indivíduo é submetido a uma vigilância constante e abrangente, sem o seu consentimento, dentro de um sistema de controle total e absoluto. Essa relação se torna ainda mais relevante nas sociedades contemporâneas, nas quais todos os dados são monitorados e mapeados, seja com ou sem a devida permissão.

A vigilância neste universo é um reflexo claro de que a nossa sociedade não é a sociedade do espetáculo, mas de vigilância; sob a superfície das imagens, investem-se os corpos em profundidade; atrás da grande abstração da troca, se processa o treinamento minucioso e concreto das forças úteis; os circuitos da comunicação são os suportes de uma acumulação e centralização do saber; o jogo dos sinais define os pontos de apoio do poder; a totalidade do indivíduo não é amputada, reprimida, alterada por nossa ordem social, mas o indivíduo é cuidadosamente fabricado, segundo

¹¹ Artigo 19.º Da Declaração Universal dos Direitos Humanos: Todo o indivíduo tem direito à liberdade de opinião e de expressão, o que implica o direito de não ser inquietado pelas suas opiniões e o de procurar, receber e difundir, sem consideração de fronteiras, informações e ideias por qualquer meio de expressão.

uma tática das forças e dos corpos. Somos bem menos gregos que pensamos. (Foucault, 1975, p. 249)

Antecipado pela imaginação de William Gibson, na contemporaneidade, a tarefa mais comum online é o fornecimento de dados, dados esses que revelam identidade, em um espaço onde mostramos os nossos relacionamentos, os nossos deslocamentos, identifica as nossas ideais, revela as nossas preferências pessoais, políticas, entre outros dados que variam de plataforma para plataforma. Múltiplas redes de controle em tempo real que não param de vigiar. Em todas as partes, alguém nos observa através de fechaduras digitais. No contexto do desenvolvimento do ciberespaço, observamos uma proliferação de objetos conectados que tem como resultado um aumento significativo do número de indivíduos interessados na informação circulante nesses meios. É importante destacar que a espionagem por meio de espaços e objetos conectados já se tornou uma realidade, representando uma preocupação atual e relevante.

3. O Lugar da fantasia especulativa

Falar de narrativa fantástica é falar essencialmente de uma intimidade estabelecida entre autor e leitor. A narrativa fantástica é frequentemente associada a uma suspensão temporária da descrença por parte do leitor (TODOROV, 1970)¹². Alguns estudiosos também apontam que a leitura pode induzir um estado em que somos fisgados pela imaginação do autor (MELLIER, 1999)¹³, e sendo assim nos afastamos da realidade imediata, transportando-nos para o universo da história narrada. Outros argumentam que essa experiência é

¹² TODOROV, Tzvetan (2012 [1970]). Introdução à literatura fantástica. Trad. Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva.

¹³ MELLIER, Denis (1999). L'écriture de l'excès. Fiction fantastique et poétique de la terreur. Paris: Honoré Champion.
Disponível em: https://ulyse.univlorraine.fr/discovery/fulldisplay?vid=33UDL_INST:UDL&tab=Everything&docid=alma991003450199705596&lang=fr&context=L&adaptor=Local%20Search%20Engine&mode=advanced. Acessado em: 02 de maio de 2023

uma necessidade intrínseca de compreender e enfrentar nossos temores através da simulação da emoção do medo (LOVECRAFT, 2008)¹⁴. Entendemos que a leitura de narrativas fantásticas pode ser vista como um exercício intelectual que busca proporcionar a fruição intelectual do leitor em sintonia direta com a experiência do autor. Assim, na leitura de *Neuromancer* de William Gibson, estamos em contato com os anseios e expectativas de uma jovem mente fruto dos anos 60 e de seus movimentos libertários. Todas essas abordagens são apresentadas com base na coerência teórica de permanecer dentro do texto, ou seja, considerando apenas a estrutura textual, a sucessão de frases e parágrafos, e nada mais.

Um teórico acadêmico conhecido por tratar do conceito de verossimilhança é o crítico literário e teórico francês, Antoine Compagnon. Em sua obra "O Demônio da Teoria: Literatura e Senso Comum" (1999), Compagnon explora o papel da verossimilhança na literatura e discute as várias abordagens e perspectivas teóricas em relação a esse conceito. Ele examina como a noção de verossimilhança tem sido abordada ao longo da história literária e como ela influencia a leitura e interpretação das obras de ficção. Além de Compagnon, outros teóricos como Wolfgang Iser, Umberto Eco e Wayne C. Booth também abordam o conceito de verossimilhança em seus trabalhos sobre teoria literária e narrativa. Esses estudiosos exploram questões relacionadas à criação de mundos ficcionais plausíveis, à suspensão da descrença do leitor e à construção da coerência interna nas obras de ficção. O conceito de verossimilhança tem sido historicamente um ponto de discussão central quando se trata de narrativas fantásticas, pois essas histórias frequentemente desafiam a noção de realismo e plausibilidade encontrada em outras formas de ficção. Ao romperem com as convenções da realidade conhecida, as narrativas fantásticas propõem cenários e eventos que desafiam a lógica e a racionalidade cotidianas. Nesse sentido, a coerência interna do texto, sua estrutura narrativa e a construção do mundo ficcional adquirem importância primordial na sustentação e aceitação da experiência fantástica pelo leitor.

¹⁴ LOVECRAFT, Howard Philips (2008). O horror sobrenatural em literatura. São Paulo:

Ao contornar o conceito de verossimilhança, os teóricos e críticos permitem que a experiência de imersão na narrativa fantástica seja explorada sem a necessidade de alinhar-se estritamente aos princípios da realidade. Dessa forma, o leitor é convidado a adentrar um universo ficcional em que a suspensão da descrença é uma premissa essencial para apreciar e compreender plenamente os aspectos únicos da obra fantástica.

No entanto, é relevante ressaltar que as abordagens teóricas mencionadas não são excludentes e podem coexistir em diferentes graus e contextos dentro das narrativas fantásticas. A multiplicidade de perspectivas enriquece a apreciação e análise desse gênero literário, permitindo que a ficção especulativa seja apreciada sob diversas óticas e desafiando os leitores a explorarem novas fronteiras intelectuais e emocionais no universo da imaginação literária. Assim, compreender a diversidade de abordagens teóricas e sua aplicação na análise das narrativas fantásticas é fundamental para uma apreciação mais completa e significativa desse gênero literário tão cativante.

No âmbito do mercado, obras pertencentes à ficção especulativa continuam a alcançar sucesso comercial e a atrair um público amplo e diversificado. Entretanto, quando se trata da crítica literária, esses gêneros não são frequentemente estudados, a menos que se trate de obras específicas, autores renomados ou subgêneros que recebam maior atenção. Infelizmente, a maioria dessas obras ainda é considerada como literatura de entretenimento de menor prestígio.

A ficção especulativa desempenha um papel significativo na cultura popular, estando presente não apenas na literatura, mas também no cinema, em séries de televisão e em jogos eletrônicos. Sua influência é amplamente reconhecida na movimentação e no desenvolvimento da cultura pop como um todo. No entanto, é importante destacar que todos esses conceitos estão sujeitos a disputas e cada autor tem a liberdade de definir o que considera mais relevante. As distinções entre os subgêneros podem ser mais ou menos rígidas e podem refletir interesses específicos. Portanto, é crucial determinar qual postura adotar diante dessas distinções.

Pode-se considerar todos esses subgêneros como essenciais, levando em conta seus conceitos particulares, ou reconhecendo que, no final das contas, eles não podem escapar das três denominações principais: fantasia, ficção

científica e horror sobrenatural. Em conclusão, a ficção especulativa pode ser vista como um termo guarda-chuva que engloba esses três gêneros, identificando suas similaridades. Esses gêneros narrativos proporcionam a possibilidade de criar novos mundos, modificar as regras da realidade, imaginar alternativas e especular no sentido mais amplo do termo.

3.1 O apelo da ficção científica: cultura e ciência

No contexto do afrofuturismo, não é prioritário fazer distinções entre fantasia, fantástico, ficção científica, horror sobrenatural, cyberpunk ou alta fantasia. Pelo menos não quando se trata de definir o próprio conceito de afrofuturismo. O cerne da questão reside no uso dessas literaturas — que são não realistas, insólitas e sobrenaturais — para construir narrativas em que personagens negras e a discussão sobre raça são elementos indispensáveis. É evidente que cada gênero ou subgênero proporciona discursos diferentes, com possibilidades narrativas e recursos próprios, como será demonstrado ao longo deste estudo. No entanto, é importante adotar uma perspectiva abrangente, refletindo sobre como os gêneros especulativos podem se alinhar com perspectivas raciais e estabelecer conexões com a experiência negra no mundo real.

É crucial ter em mente que os livros, juntamente com uma variedade de outras formas de mídia, estão intrinsecamente ligados ao mercado e exercem uma influência significativa sobre os consumidores. Essa influência midiática está inserida no que Kellner (2006) define como "sociedade do espetáculo". De acordo com o autor, tais espetáculos são promovidos pela cultura midiática visando, entre outros objetivos, aumentar o poder da indústria cultural. Kellner também argumenta que os indivíduos são doutrinados por meio desses espetáculos (KELLNER, 2003).

Nesse sentido, é fundamental compreender como os livros e outras formas de mídia se tornam veículos para a disseminação de ideias, valores e normas culturais. Eles não apenas refletem a sociedade, mas também desempenham um papel ativo na construção da cultura e na moldagem das percepções e comportamentos individuais e coletivos. A indústria cultural utiliza

estratégias persuasivas e técnicas de sedução para influenciar as escolhas e preferências dos consumidores, buscando manter sua relevância e maximizar os lucros.

Nesse contexto, os espetáculos midiáticos têm o potencial de moldar as atitudes, crenças e valores dos indivíduos, contribuindo para a formação de identidades culturais e influenciando as práticas sociais. Essa doutrinação, como apontada por Kellner, refere-se ao processo pelo qual os indivíduos absorvem e internalizam os discursos e valores transmitidos pela cultura midiática, muitas vezes sem questionar ou analisar criticamente.

Portanto, é essencial reconhecer que as mídias, incluindo os livros, desempenham um papel importante na sociedade contemporânea, não apenas como meios de entretenimento e informação, mas também como agentes de poder e influência. É fundamental desenvolver uma consciência crítica em relação às mensagens e discursos veiculados pela mídia, questionando as narrativas dominantes e buscando uma compreensão mais profunda dos processos de produção e circulação da cultura midiática.

Um livro possui um potencial significativo de influenciar o comportamento de seus leitores. Por meio de seus personagens, enredo e cenário, ele tem a capacidade de gerar tendências, em diferentes níveis, entre aqueles que consomem essas informações, frequentemente contribuindo para a disseminação de culturas dominantes e se inserindo na dinâmica da sociedade do espetáculo. A obra literária se revela como um meio poderoso de transmitir ideias, valores e normas culturais, pois sua narrativa envolvente e sua capacidade de evocar emoções e identificação por parte do leitor têm o potencial de influenciar suas percepções e comportamentos. Através dos personagens, o leitor pode se identificar e se espelhar em modelos de conduta e ideais representados na obra. Da mesma forma, o enredo e o cenário apresentados podem moldar a visão de mundo do leitor e promover a internalização de determinados padrões culturais.

Essa influência dos livros na formação de tendências culturais ocorre em diversas escalas. Em um nível individual, a leitura de um livro pode despertar reflexões, desafiar perspectivas estabelecidas e até mesmo impulsionar transformações pessoais. Em uma escala mais ampla, a popularidade de determinadas obras e o impacto que exercem na sociedade podem contribuir

para a consolidação e disseminação de tendências culturais, consolidando assim grupos hegemônicos.

É necessário reconhecer que a produção e o consumo de livros não estão desvinculados do contexto sociocultural em que estão inseridos. A indústria editorial e a cultura literária são parte integrante da sociedade do espetáculo, onde as obras são produzidas e comercializadas como mercadorias, muitas vezes com o intuito de atender às demandas do mercado e de perpetuar os padrões culturais dominantes.

Portanto, a leitura de um livro não é um ato isolado, mas sim uma atividade que ocorre dentro de um contexto cultural mais amplo. Os livros podem exercer um papel importante na construção e reprodução de discursos, valores e práticas sociais, contribuindo para a conformidade ou desafio das normas estabelecidas. Conseqüentemente, é fundamental adotar uma postura crítica em relação aos livros que lemos, questionando suas representações e discursos, e buscando uma maior diversidade e pluralidade de perspectivas na literatura.

O público, não recebe passivamente o conteúdo, como explica Douglas Kellner:

No entanto, o público pode resistir aos significados e mensagens dominantes, criar sua própria leitura e seu próprio modo de apropriar-se da cultura de massa, usando a sua cultura como recurso para fortalecer-se e inventar significados, identidade e forma de vida próprios. Além disso, a própria mídia dá recursos que os indivíduos podem acatar ou rejeitar na formação de sua identidade em oposição aos modelos dominantes. Assim a cultura veiculada pela mídia induz os indivíduos a conformar-se à organização vigente da sociedade, mas também lhes oferece recursos que podem fortalecê-los na oposição a essa mesma sociedade (KELLNER, 2001, p. 11-12).

No que diz respeito à cultura de massa, Ortiz (2004) afirma que:

O debate sobre o surgimento da cultura de massa nos Estados Unidos (anos de 1940 e 1950) tomava o universo da arte como referência obrigatória, seja para criticá-la como “elitista” (os autores liberais vinculados à idéia de democracia de massa e ao mercado), seja para valorizá-la, como os frankfurtianos, como o derradeiro refúgio da liberdade espiritual. Pode-se ainda dizer que a análise dos fenômenos culturais desfrutavam de um prestígio “menor” no campo intelectual (ORTIZ, 2004, p. 124).

No âmbito do mercado editorial, as obras de ficção especulativa têm se destacado como constantes best-sellers, conquistando um público fiel e abrangente. No entanto, é importante ressaltar que, em relação à crítica literária, esses gêneros não têm sido objeto de estudo com frequência, exceto quando se tratam de obras, autores específicos ou subgêneros que acabam por receber maior atenção. De forma geral, a maioria dessas obras ainda é considerada literatura de entretenimento, sendo relegada a um status secundário.

Vale destacar que a ficção especulativa possui uma presença marcante e abrangente na cultura popular, transcendendo os limites da literatura e adentrando também o universo do cinema, séries de televisão e jogos eletrônicos. Assim, sua influência e impacto na cultura pop são significativos e abrangentes.

A presença marcante da ficção especulativa na cultura popular pode ser atribuída à sua capacidade intrínseca de despertar a imaginação e explorar conceitos e cenários extraordinários. Esses elementos são amplamente apreciados e consumidos pelo público, ávido por experiências que transcendam as limitações do cotidiano. Através de narrativas envolventes e temáticas intrigantes, a ficção especulativa tem o poder de transportar os espectadores e jogadores para universos fictícios repletos de possibilidades.

A influência e o impacto da ficção especulativa na cultura pop vão além do entretenimento superficial. Essas obras muitas vezes refletem questões sociais, políticas e filosóficas, proporcionando um espaço para explorar ideias e desafiar as convenções estabelecidas. Ao abordar temas como tecnologia

avançada, futuros distópicos, viagens espaciais, magia e seres sobrenaturais, a ficção especulativa estimula discussões e reflexões sobre o mundo real, suas transformações e possibilidades.

Além disso, a ampla difusão da ficção especulativa na cultura pop contribui para a construção de comunidades de fãs engajadas e apaixonadas. Essas comunidades são fundamentais para a disseminação de obras, discussões críticas e interpretações, criando um ambiente propício para a criação de conteúdo relacionado e para a participação ativa dos fãs na expansão e no enriquecimento do universo ficcional.

Dessa forma, a ficção especulativa se torna uma força impulsionadora da cultura pop, influenciando o modo como as pessoas se relacionam com as narrativas, os personagens e os temas abordados. Sua presença abrangente e impactante nas diversas formas de mídia confirma seu poder de estimular a imaginação, inspirar a criatividade e desafiar as concepções convencionais. Como resultado, a ficção especulativa desempenha um papel significativo na construção e na evolução da cultura contemporânea, contribuindo para a formação de identidades individuais e coletivas.

Contudo, é importante reconhecer que a definição desses conceitos e sua classificação não ocorre de forma unânime. Cada autor, leitor ou crítico literário pode ter perspectivas distintas sobre o que consideram relevante ou essencial dentro dos subgêneros da ficção especulativa. As distinções entre esses gêneros podem variar em termos de rigidez, sendo frequentemente influenciadas por interesses diversos. A diversidade de opiniões e interpretações quanto à delimitação dos subgêneros da ficção especulativa reflete a natureza fluida e em constante evolução dessas categorias. Enquanto alguns defendem a existência de fronteiras bem definidas entre a fantasia, a ficção científica e o horror sobrenatural, outros argumentam que tais demarcações são mais permeáveis e interconectadas. Essas perspectivas divergentes evidenciam as múltiplas facetas e abordagens que permeiam a ficção especulativa.

As variações na conceituação dos subgêneros da ficção especulativa são influenciadas por uma série de fatores, como a formação acadêmica, as preferências pessoais, as correntes teóricas adotadas e as tendências culturais. Autores, leitores e críticos literários trazem consigo bagagens intelectuais e experiências únicas, o que contribui para a pluralidade de perspectivas e

entendimentos dentro do campo da ficção especulativa. A natureza subjetiva e em constante discussão dessas definições não deve ser encarada como um obstáculo, mas sim como uma oportunidade para explorar a diversidade de abordagens presentes na ficção especulativa. Ao invés de buscar uma classificação definitiva e uniforme, é relevante valorizar a multiplicidade de vozes e visões que enriquecem o campo da literatura especulativa.

É fundamental reconhecer que as diferentes perspectivas e classificações dos subgêneros da ficção especulativa não são mutuamente excludentes. É possível considerar a importância dos conceitos particulares e, ao mesmo tempo, reconhecer que, em última instância, esses subgêneros não podem escapar das três denominações principais: fantasia, ficção científica e horror sobrenatural. Essas denominações amplas fornecem uma base comum para a compreensão e a análise da ficção especulativa, ao passo que permitem a existência de nuances e peculiaridades dentro de cada subgênero. A discussão em torno das definições e classificações na ficção especulativa revela a natureza dinâmica e complexa desse campo literário. Ao invés de se ater a conceitos fixos e rígidos, é essencial acolher a diversidade de perspectivas e abordagens, reconhecendo que as definições são influenciadas por uma variedade de fatores e que cada autor, leitor e crítico literário pode ter suas próprias visões e interesses. Essa riqueza de interpretações contribui para a vitalidade e a expansão da ficção.

Além disso, a ampla difusão da ficção especulativa na cultura pop contribui para a construção de comunidades de fãs engajadas e apaixonadas. Essas comunidades são fundamentais para a disseminação de obras, discussões críticas e interpretações, criando um ambiente propício para a criação de conteúdo relacionado e para a participação ativa dos fãs na expansão e no enriquecimento do universo ficcional.

Dessa forma, a ficção especulativa se torna uma força impulsionadora da cultura pop, influenciando o modo como as pessoas se relacionam com as narrativas, os personagens e os temas abordados. Sua presença abrangente e impactante nas diversas formas de mídia confirma seu poder de estimular a imaginação, inspirar a criatividade e desafiar as concepções convencionais. Como resultado, a ficção especulativa desempenha um papel significativo na

construção e na evolução da cultura contemporânea, contribuindo para a formação de identidades individuais e coletivas.

3. 2 Futuro distópico: a heterotopia na escrita de William Gibson

É consagrada a visão de que a ficção científica vislumbra o ideal humano pelo progresso técnico e resolução de questões do nosso cotidiano. Tal qual um espelho para o potencial humano, a ficção científica apresenta cenários com os quais nos acostumamos a sonhar, para perceber assombrados que aquele futuro imaginado, já nos acerca. De acordo com Foucault, o que tomamos como espelho aqui, configura-se como uma heterotopia na medida em que, embora seja uma representação real e tangível, revela-se como um lugar em que o indivíduo se percebe ausente no espaço convencional, enquanto presente no reflexo espelhado. Assim, o espelho é um local que transcende a realidade imediata, estabelecendo uma conexão irreal com o espaço circundante (Foucault, 1986, p. 246).

A obra "A Divina Comédia" de Dante Alighieri (1265–1321) transcende a mera narrativa literária ao se configurar como um notável exemplo de espaço heterotópico, conferindo ao leitor uma experiência única e digna de uma nomenclatura distintiva. Este épico literário, que se desdobra nas esferas do Inferno, Purgatório e Paraíso, oferece uma representação *sui generis* de um ambiente singular, na verdade, de um outro mundo, que é simultaneamente real para os crentes de diversas religiões e não-real enquanto expressão artística.

Dante, um humanista florentino, habilmente entrelaça elementos da Antiguidade clássica 'pagã' com a doutrina cristã, criando assim um espaço que se situa entre o tangível e o metafísico. A Divina Comédia, ao abordar infernos e paraísos, assume uma relevância além da esfera literária, tornando-se uma representação artística que ressoa nas crenças compartilhadas por diversas tradições religiosas. Nesse sentido, o espaço heterotópico delineado na obra

desafia a dicotomia convencional entre o real e o imaginário, mergulhando o leitor em um reino que é, ao mesmo tempo, palpável em sua influência sobre as concepções religiosas e uma construção fictícia da mente de Dante.

A Comédia, além de sua dimensão espiritual e metafísica, pode ser interpretada como uma reflexão do mundo real em que Dante viveu, projetada em um plano imaginário. A inclusão de amigos e inimigos do autor neste universo alternativo proporciona uma rica descrição de vários aspectos da Florença do século XIII. Portanto, o espaço heterotópico, ao retratar uma realidade espelhada em outra, confere à obra uma camada adicional de significado, estendendo sua relevância além das fronteiras da ficção para a interpretação histórica e social.

Dante, ao criar este espaço que se situa entre o sagrado e o profano, o real e o imaginário, proporciona não apenas uma jornada literária, mas uma exploração profunda das complexidades da existência humana e das interseções entre as esferas mundana e divina. Em última análise, "A Divina Comédia" não é apenas uma obra-prima literária; é um testemunho eloquente da habilidade de Dante em transcender as limitações do tempo e do espaço, incorporando elementos heterotópicos que desafiam as categorias convencionais e ressoam com a imaginação e a compreensão humanas ao longo dos séculos.

A afirmativa de que não há cultura no mundo que não seja constituída de heterotopias sugere a onipresença desses espaços em diversas manifestações culturais, especialmente na literatura. Ao explorar essa ideia no contexto das obras ficcionais, como a peça "The Tempest" (A Tempestade) de William Shakespeare (1564–1616), abre-se um vasto campo de possibilidades para investigação e estudo no âmbito das heterotopias literárias. Em "The Tempest", a ilha desconhecida para a qual Próspero e sua filha Miranda são exilados emerge como uma heterotopia primária, provocando reflexões sobre a definição e aplicação desse termo nos estudos literários. O espaço da ilha torna-se uma arena singular onde os poderes mágicos de Próspero, adquiridos por meio de livros de Milão, ganham vida. Esses poderes são efetivos apenas dentro dos limites geográficos da ilha, destacando uma peculiaridade heterotópica: a magia de Próspero está intrinsecamente ligada ao ambiente insular, perdendo sua eficácia ao deixar esse espaço delimitado.

As criaturas fantásticas da ilha, como Ariel e Caliban, bem como outros seres sobrenaturais como Íris, Ceres, Juno e as Ninfas, encontram sua existência restrita aos confins da ilha, configurando uma heterotopia dupla. A ilha não só é um espaço geográfico isolado pelo mar, mas também serve como um lugar de separação do mundo real, um lócus de fantasia e magia, onde os limites da realidade são desafiados. É nesse ambiente que Próspero desenvolve habilidades que anteriormente não possuía em sua terra natal, sublinhando a natureza transformadora das heterotopias.

O conflito central da peça ocorre com a chegada de personagens provenientes de espaços considerados "normais" (Milão e Nápoles), cuja embarcação, o barco, é destacada como a heterotopia por excelência. O naufrágio desencadeado por Ariel, a mando de Próspero, converte a ilha remota em um palco onde forças sobrenaturais confrontam a realidade, proporcionando um embate entre diferentes esferas de existência.

Assim, "The Tempest" de Shakespeare exemplifica como a utilização de heterotopias na literatura transcende a mera construção de cenários, tornando-se um dispositivo narrativo poderoso que não apenas molda a trama, mas também questiona as fronteiras entre o real e o imaginário, desafiando as convenções e oferecendo interpretações complexas da condição humana.

A obra "A Utopia" de Thomas More, um marco na tradição literária ocidental, transcende seu contexto histórico e apresenta uma visão singular de um espaço geográfico imaginário, desafiando as normas sociais da época. Este trabalho literário, concebido no fervor do Renascimento, reflete a influência do platonismo e da filosofia estóica, emergindo como uma expressão notável do desejo de reforma social, política e religiosa na Europa do século XVI. "A Utopia" não apenas consolidou-se como uma obra singular, mas também estabeleceu um paradigma para representações subsequentes de sociedades ideais, como evidenciado em "A Cidade do Sol" de Tommaso Campanella e "A Nova Atlântida" de Francis Bacon. Essas obras, embora datadas no século XVII, compartilham da mesma tradição utópica, onde a busca por um espaço geográfico ideal é central para a narrativa. O elemento geográfico desempenha um papel crucial nessas utopias literárias. A escolha por continentes desconhecidos e ilhas isoladas reflete a busca por um local que permaneça intocado pela decadência das instituições e costumes europeus. Esta

característica ressalta a preocupação dos autores com a preservação da pureza e da perfeição de suas utopias, estabelecendo um paralelo entre a geografia imaginária e a busca por uma sociedade ideal.

É interessante observar que, enquanto muitas obras literárias são predominantemente narrativas, as utopias, como "A Utopia", são mais descritivas do que narrativas. Elas não apenas contam uma história, mas elaboram minuciosamente um território imaginário, oferecendo uma visão detalhada da sociedade idealizada que buscam retratar. "A Utopia" de Thomas More apresenta uma sociedade proto-comunista, situada em uma ilha idealizada que permite o comércio marítimo e assegura defesa contra inimigos externos. A ordem social é fundamentada na família, e a administração é realizada por uma assembleia democraticamente eleita. A participação dessa assembleia nas esferas pública e econômica visa evitar desigualdades sociais nas cidades que compõem o Estado utópico. A própria etimologia da palavra "utopia" revela sua natureza paradoxal, significando literalmente "lugar nenhum" ou "não-lugar". Essa construção linguística enfatiza a irrealidade do espaço idealizado por More, ao mesmo tempo em que ressalta sua importância como uma visão crítica e aspiracional da sociedade.

Michel Foucault, ao abordar o conceito de utopias, fundamenta a compreensão de que essas representações são, essencialmente, posicionamentos destituídos de um lugar real. Ele destaca que as utopias mantêm uma relação de analogia direta ou inversa com o espaço real da sociedade, sendo construções que, em última instância, são irreais. Foucault coloca-as como projeções que buscam aperfeiçoar a sociedade existente ou, por outro lado, como imagens invertidas, proporcionando uma visão distorcida da realidade social.

No contexto pós-Morus, filósofos socialistas como Fourier e Proudhon foram rotulados como "utópicos" por suas visões sobre a construção de sociedades ideais, pautadas na liberdade e igualdade, semelhantes àquelas delineadas por Morus em sua obra seminal. Rousseau, por sua vez, contribui para essa tradição utópica ao sugerir que a civilização corrompe as necessidades morais inatas do ser humano, substituindo-as pela natureza intelectual. A figura do "bom selvagem" é apresentada como alguém que, vivendo em harmonia com suas necessidades naturais, experimenta uma

existência equilibrada e não é afligido pelas angústias associadas à natureza intelectual.

Contudo, o legado de "A Utopia" transcende seu contexto original. O termo "utopia" evoluiu para denotar não apenas projetos de sociedades ideais, mas também concepções que buscam melhorar a realidade em que vivemos. No entanto, ao longo do tempo, adquiriu uma conotação negativa de ideal inatingível e fantasioso. Essa dualidade na compreensão do termo reflete não apenas a amplitude das aspirações utópicas, mas também as críticas à viabilidade prática dessas visões idealizadas.

A alegoria proposta por Morus, ao ganhar significados mais amplos, transformou-se em um termo que abraça tanto o anseio por sociedades ideais quanto a crítica à sua irrealização. A utopia, portanto, transcende seu status original como uma simples descrição de um lugar imaginário e torna-se um conceito multifacetado que incorpora aspirações, críticas e a constante tensão entre o ideal e o realizável. Assim, a utopia não é apenas um espaço irreal, mas uma expressão contínua da busca humana por um aprimoramento social e a constante reflexão sobre as limitações práticas de tais visões utópicas.

Michel Foucault, em sua análise sobre heterotopias na conferência "Outros Espaços" (1967), utiliza o termo 'utopia' como ponto de partida para esclarecer o conceito de 'heterotopia'. Este neologismo é explicitamente derivado de 'utopia' e é crucial para compreender espaços que fogem à norma. Foucault se fundamenta no significado filosófico que a palavra 'utopia', criada por Thomas More, representa nos dias atuais, interpretando-a como um 'contra posicionamento'. Foucault destaca que o prefixo "hetero" em 'heterotopia' sugere uma alteridade em relação à utopia, indicando que esses espaços são, de certa forma, contrapontos ou contraposições às utopias tradicionais. Enquanto a utopia se refere a uma representação idealizada de um lugar perfeito, a heterotopia emerge como um espaço que não se alinha completamente a essa idealização. Em vez de serem meramente construções imaginárias e inatingíveis, as heterotopias são espaços reais, tangíveis, mas que desafiam a normatividade.

Foucault, ao explorar o conceito de heterotopia, apresenta uma diversidade de espaços que desafiam a ordem estabelecida, incluindo cemitérios, jardins de prazer e navios. Cada um desses locais representa, para

ele, contraposições ou desvios em relação às normas sociais, culturais ou espaciais. A heterotopia, portanto, não é apenas uma negação da utopia, mas uma reflexão sobre como espaços reais podem, simultaneamente, contradizer e desafiar as representações ideais.

Na contemporaneidade, o conceito de heterotopia continua a ser relevante, oferecendo uma lente analítica para examinar espaços que escapam às normas dominantes. Foucault, ao introduzir o termo, propõe uma abordagem que vai além da simples idealização de lugares perfeitos. Ele nos instiga a considerar espaços que, ao mesmo tempo, refletem e desafiam as estruturas sociais, ampliando assim nosso entendimento sobre a complexidade dos ambientes que habitamos.

A análise da heterotopia, como delineada por Michel Foucault, revela uma visão perspicaz sobre lugares e espaços que desafiam as normas hegemônicas. O conceito, intrinsecamente ligado à complexidade desses espaços, destaca múltiplas camadas de significados e relações com outros lugares, cuja profundidade não se desvenda imediatamente. O navio, na visão de Foucault, personifica a quintessência da heterotopia, sendo uma reserva rica em imaginação, especialmente durante o Século XVI, uma era de mudanças civilizacionais significativas. Esses espaços de alteridade, situados em uma dimensão que transcende o aqui e o lá, manifestam-se como realidades tanto físicas quanto mentais. As heterotopias são espaços que desafiam as categorias convencionais, e Foucault propõe seis princípios definidores para esses locais distintos. A análise dos seis princípios da heterotopia, conforme delineados por Michel Foucault, oferece uma perspectiva profunda sobre a complexidade e a relevância desses espaços ao longo da história humana. Em primeiro lugar, a ideia de que todas as culturas têm desenvolvido heterotopias destaca a ubiquidade desses locais singulares, indicando que a necessidade de espaços que desafiem as normas sociais é intrínseca à condição humana. Além disso, a variabilidade na funcionalidade das heterotopias ao longo do tempo e em diferentes culturas ressalta a adaptabilidade desses espaços. O que pode ter sido um local com uma função específica em um contexto histórico pode evoluir para desempenhar papéis diversos conforme as transformações sociais e culturais se desenrolam.

A capacidade única das heterotopias de unir múltiplos espaços incompatíveis destaca sua natureza paradoxal e desafiadora. Esses locais, ao amalgamar realidades díspares, questionam as convenções sobre a separação espacial e desafiam a compreensão convencional do que constitui um espaço coeso.

A conexão entre diferentes períodos de tempo, apontada por Foucault, sugere que as heterotopias transcendem a linearidade temporal. Elas se tornam, assim, pontos de convergência entre o passado, o presente e o futuro, desafiando a concepção comum de que o tempo é uma linha unidirecional.

A separação física das heterotopias da sociedade e as regras rigorosas que regem a entrada e saída desses locais sublinham sua natureza distintiva. Essa separação não apenas define os limites físicos das heterotopias, mas também delinea fronteiras simbólicas que regulam quem pode acessar esses espaços singulares.

Finalmente, o princípio de que as heterotopias têm uma função intrinsecamente relacionada ao espaço ao redor destaca a interconexão dinâmica entre esses locais singulares e seu entorno. Elas não existem em isolamento, mas moldam e são moldadas pelo contexto espacial que as circunda.

Em síntese, a análise desses princípios revela que as heterotopias não são simplesmente locais físicos, mas conceitos complexos que desafiam as categorias convencionais de espaço e tempo. Elas continuam a desempenhar um papel crucial na compreensão da interação entre os seres humanos e os espaços que habitam, proporcionando uma lente valiosa para examinar as dinâmicas sociais e culturais ao longo da história.

Foucault, ao discutir os diferentes tipos de heterotopia, oferece uma análise profunda das diversas manifestações desses espaços que desafiam a norma social. A heterotopia de crise, por exemplo, destaca lugares que, durante momentos de crise pessoal, oferecem um refúgio para expressões proibidas ou socialmente indesejadas, como é observado em motéis utilizados por amantes ou indivíduos em sociedades restritas em relação à expressão da sexualidade.

As heterotopias de desvio, representadas por instituições como hospitais psiquiátricos e prisões, funcionam como locais onde aqueles cujo comportamento é considerado indesejado pela sociedade são isolados. Estes

espaços revelam a segregação de comportamentos considerados fora das normas sociais.

Heterotopias temporais, como museus, são apresentadas como locais que existem tanto no tempo quanto fora dele. Eles não apenas reúnem objetos de diferentes eras, mas também desafiam a degradação física ao preservar esses objetos para além do tempo.

As heterotopias de purificação são espaços isolados acessíveis ao público, onde rituais de purificação ocorrem, seja por razões religiosas ou de higiene. Templos religiosos e saunas são exemplos que destacam a dualidade desses lugares.

A heterotopia de ilusão explora a capacidade de objetos reais, como espelhos e obras de ficção, em criar ilusões e fantasias. Esses espaços desafiam a percepção tradicional da realidade ao oferecer representações alternativas.

Finalmente, a heterotopia de compensação é caracterizada por lugares reais que simulam e se relacionam com condições de outros lugares. Jardins botânicos e zoológicos exemplificam essa categoria ao reproduzir ambientes distintos e adaptar-se às necessidades específicas das plantas e animais, oferecendo uma experiência simulada de diferentes ambientes.

Em conjunto, essas categorias de heterotopia delineiam a riqueza e a diversidade desses espaços que desafiam as normas sociais, oferecendo uma compreensão mais profunda das complexidades da interação entre espaço, tempo e sociedade.

Considerando a premissa de que não existe nenhuma cultura no mundo que não incorpore heterotopias, Michel Foucault propõe a enumeração de seis princípios fundamentais para uma descrição sistemática dessas formas espaciais singulares. É importante ressaltar que Foucault evita rotulá-las como uma ciência, argumentando que o termo está excessivamente desgastado (Foucault, 1986, p. 247).

Dentre os seis princípios das heterotopias propostos por Foucault (1986), destaca-se o primeiro, que é subdividido em duas categorias conhecidas como heterotopias de crise. Essas heterotopias são espaços privilegiados, sagrados ou interditos destinados a indivíduos que se encontram em um estado de crise em relação à sociedade e ao meio em que vivem (Foucault, 1986: 247). Um exemplo mencionado por Foucault é a tradição da "viagem de núpcias", que

representa um ritual ancestral que demanda um lugar que não seja um lugar em si. Nessa perspectiva, a viagem de núpcias é um exemplo de heterotopia de crise, uma vez que ela é concebida como um espaço-tempo específico, separado e distinto da vida cotidiana. Durante essa experiência, os recém-casados são transportados para um local que transcende as normas e as estruturas sociais estabelecidas, permitindo-lhes vivenciar uma realidade diferente e fugir temporariamente das pressões e demandas da sociedade.

Por meio da análise das heterotopias de crise, Foucault nos convida a refletir sobre a importância desses espaços e sua função na organização da vida social. Esses lugares excepcionais proporcionam uma ruptura com a realidade convencional, oferecendo a possibilidade de uma experiência fora do comum, que desafia as normas e os limites impostos pelo ambiente circundante.

O segundo ponto estabelecido por Foucault (1986) caracteriza as heterotopias desviantes, que abarcam indivíduos cujos comportamentos se desviam das medidas ou normas estabelecidas. Tais espaços heterotópicos de desvio incluem instituições como casas de repouso, clínicas psiquiátricas, prisões e lares de terceira idade.

É importante ressaltar que o segundo princípio das heterotopias destaca a capacidade da sociedade de fazer com que uma heterotopia existente funcione de maneira diferenciada, variando conforme o contexto social. Nesse sentido, a compreensão de cada heterotopia é atemporal, pois sua significação está intrinsecamente relacionada à sociedade em que se insere.

O terceiro princípio refere-se à justaposição, que se manifesta por meio de uma heterotopia que reúne em um mesmo espaço real múltiplas disposições incompatíveis entre si (Foucault, 1986, p.248). Um exemplo dessa heterotopia é o jardim, mais especificamente o jardim tradicional de origem oriental persa.

O quarto princípio implica a heterocronia, caracterizando as heterotopias que se conectam ou remetem a diferentes recortes temporais. Dentro das heterocronias, encontram-se também as heterotopias em que o tempo se manifesta em aspectos efêmeros ou precários, apresentando-se como locais vazios na cidade de forma efêmera, sob a forma de celebrações.

O quinto princípio abrange as heterotopias que pressupõem um sistema de abertura e fechamento que as isola, sendo denominadas utopias de

isolamento. Essas heterotopias estão associadas a rituais de submissão e purificações.

Nas heterotopias, é possível realizar a distribuição dos indivíduos no espaço, exigindo o fechamento e a especificação de um local heterogêneo para todos os demais. A partir dessa perspectiva, é possível classificar as sociedades com base nas heterotopias que constroem (Foucault, 1975, p. 166).

Essa análise das heterotopias proposta por Foucault contribui para uma compreensão mais aprofundada dos espaços sociais e suas interações complexas com a sociedade. Por meio desses princípios, é possível explorar como as heterotopias são criadas, mantidas e utilizadas como dispositivos de poder e controle social, influenciando as relações de poder, identidades e subjetividades dos indivíduos.

A existência das heterotopias também abarca a capacidade de contestar outros espaços, o que pode ser exercido criando uma ilusão que denuncia o restante da realidade como ilusório. Nesse sentido, a sala de cinema emerge como uma heterotopia por excelência, assumindo a forma de uma heterotopia de justaposição. Através da tela, essa sala é capaz de justapor em um único espaço real numerosos lugares que são incompatíveis entre si (Foucault, 1967, p.248). Ao apresentar-se como uma sala retangular com uma tela bidimensional onde vemos projetar-se um espaço de mais dimensões, o cinema representa uma heterotopia que conjuga a justaposição e a interseção, permitindo-nos experimentar simultaneamente conceitos imaginários e reais de espaço. Exemplificando, filmes tidos como clássicos da ficção científica, como "Blade Runner" (1982) e recentemente "Black Panther" (2018) exploram essa relação, proporcionando aos espectadores a vivência temporária de espaços criados pela ficção apresentada através da tela.

A obra literária "Neuromancer" de William Gibson oferece uma rica possibilidade de análise à luz do conceito de heterotopia. Em "Neuromancer", Gibson retrata um cenário futurista distópico, permeado por avanços tecnológicos, onde a cibernética e a realidade virtual desempenham um papel central na narrativa. Nesse sentido, o autor constrói uma representação literária que configura uma forma de heterotopia, ao apresentar um espaço que desafia as noções convencionais de realidade e convida os leitores a adentrarem um ambiente hiperconectado e digitalmente avançado.

No universo ficcional de "Neuromancer", a matriz cibernética, conhecida como "ciberespaço", assume um papel fundamental. Trata-se de uma dimensão virtual em que a consciência humana pode ser imersa e explorada. Esse ciberespaço transcende as limitações físicas e temporais, permitindo que os personagens mergulhem em experiências sensoriais e interações imersivas, rompendo com as fronteiras espaciais e temporais convencionais. Essa característica do ciberespaço configura uma forma de heterotopia, pois desafia a noção de espaço e tempo lineares, estabelecendo uma realidade alternativa e desestabilizadora. William Gibson é um exemplo notável de autor que transcendia as fronteiras disciplinares entre Filosofia, teoria social e Literatura ao popularizar o termo "cyberspace" em suas obras literárias. Seguindo essa linha de raciocínio, Kellner (2001) destaca que a ficção científica de Gibson promove a desconstrução das demarcações rígidas entre literatura e teoria social. Suas narrativas oferecem uma visão do presente futuro ao mesclar elementos da teoria social com uma representação verossímil do cenário contemporâneo, notavelmente o ambiente cyberpunk e suas tendências futuras (Kellner, 2001, p. 381).

O prefixo "cyber", de origem grega, remete ao conceito de "controle", conforme observado por Kellner (2001). Norbert Wiener, físico renomado, foi responsável por cunhar o termo "cibernética" nos anos 40. Dessa concepção, o prefixo "ciber" passou a ser amplamente associado a termos relacionados ao domínio da computação e "máquinas inteligentes" (Cascais, 2001). A obra de Gibson e o uso do termo "cyberspace" representam uma interseção valiosa entre a literatura, a teoria social e o domínio tecnológico, contribuindo para uma compreensão mais ampla e integrada desses campos de conhecimento.

A narrativa de "Neuromancer", de William Gibson, também apresenta um retrato de ambientes urbanos altamente fragmentados e desordenados. Nesses espaços, as fronteiras entre o real e o virtual tornam-se fluidas, criando uma sensação de deslocamento e desconstrução das normas espaciais convencionais. Essa representação de espaços urbanos fragmentados e caóticos exemplifica a noção de heterotopia, pois tais espaços desviam-se das estruturas sociais e espaciais tradicionais, desafiando as convenções e instaurando uma atmosfera de deslocamento e alteridade.

Além disso, "Neuromancer" também apresenta a presença de comunidades marginais e contraculturais, como o submundo hacker, que desafiam e resistem ao poder corporativo predominante na narrativa. Essas comunidades, ao estabelecerem seus próprios códigos e normas, representam uma forma de resistência e subversão dentro do contexto da obra. Essa dinâmica de alteridade e subversão contribui para a caracterização de "Neuromancer" como uma heterotopia, pois esses espaços marginalizados desafiam e questionam as estruturas de poder hegemônicas. A representação do ciberespaço, a fragmentação urbana e a presença de comunidades marginais configuram-se como elementos que desafiam as noções convencionais de tempo.

Em Neuromancer, as personagens podem ser vistas como representações heterotópicas, pois habitam e operam em espaços que desafiam as convenções da sociedade contemporânea. Por exemplo, Case, o protagonista do romance, encontra-se imerso no ciberespaço, uma dimensão virtual onde a realidade e a ilusão se entrelaçam. Essa imersão o coloca em um estado de marginalidade, afastado do espaço físico e das estruturas sociais convencionais. O ciberespaço, como uma heterotopia, representa um espaço alternativo e imaginário, onde novas regras e possibilidades se manifestam. Além disso, outras personagens do livro, como Molly Millions e Armitage, também encarnam aspectos heterotópicos. Molly, com suas modificações corporais e habilidades cibernéticas, desafia as noções tradicionais de identidade e corpo. Ela existe em uma interseção entre o humano e o tecnológico, ocupando um espaço liminar entre essas categorias. Já Armitage, com sua identidade fragmentada e múltiplas personalidades, questiona a estabilidade e a coerência da identidade individual.

Essas personagens heterotópicas em Neuromancer refletem a natureza disruptiva do mundo cyberpunk, onde as fronteiras entre o real e o virtual, o orgânico e o artificial, o humano e o não humano, são constantemente questionadas e transgredidas. Ao desafiar as noções tradicionais de espaço, identidade e poder, essas personagens oferecem uma crítica e uma visão alternativa da sociedade contemporânea e do futuro distópico retratado na obra. Dessa forma, a análise das personagens de Neuromancer à luz da heterotopia permite uma compreensão mais profunda das dinâmicas espaciais, sociais e

simbólicas presentes na narrativa, destacando as rupturas e as possibilidades de subversão presentes nesse universo ficcional.

Tratando das personagens negras em *Neuromancer* entendemos que desafiam a representação estereotipada e marginalizada comumente atribuída a personagens negras na literatura e na mídia. Elas ocupam um espaço de resistência e subversão dentro da narrativa, desafiando as normas sociais e oferecendo uma perspectiva alternativa. Ao retratá-las como agentes ativos e poderosos, Gibson problematiza as relações de poder e oferece uma crítica ao racismo e à marginalização sistêmica presentes na sociedade. Passamos a tratar nesta dissertação a respeito da representação negra na fantasia especulativa.

3.3 Representação Negra na Fantasia Especulativa

A representação negra na Fantasia Especulativa é um tema relevante e complexo que tem sido cada vez mais discutido nos últimos anos. A fantasia especulativa engloba gêneros como fantasia, ficção científica e horror, e abrange obras literárias, filmes, séries de televisão, jogos eletrônicos e outros meios de expressão. Historicamente, a representação negra na fantasia especulativa foi marcada por estereótipos e sub-representação. Personagens negros muitas vezes eram retratados de forma marginalizada, unidimensionais ou limitados a papéis secundários. Essas representações reforçavam estereótipos raciais e contribuíam para a falta de diversidade e inclusão nas narrativas. No entanto, nos últimos anos, tem havido um movimento crescente de mudança e ampliação das representações negras na fantasia especulativa. Autores, roteiristas e criadores têm se empenhado em criar personagens negros complexos, multifacetados e protagonistas. Essas representações têm como objetivo desafiar os estereótipos raciais e proporcionar narrativas mais inclusivas e autênticas.

A representação negra na fantasia especulativa pode ser explorada de várias formas. Alguns autores optam por criar mundos fictícios onde a raça não é um fator de discriminação, permitindo que personagens negros ocupem papéis de destaque sem que sua identidade racial seja um obstáculo. Outros autores abordam questões de raça e identidade de forma direta, explorando o impacto

da discriminação e do racismo nas vidas dos personagens negros. Além disso, a representação negra na fantasia especulativa também está relacionada à construção de mitologias e sistemas de crenças que reflitam a diversidade étnica do mundo real. Isso envolve a criação de histórias e cenários que se baseiam em culturas africanas, afro-diaspóricas e outras culturas negras, trazendo suas mitologias, rituais e conhecimentos para o contexto da fantasia especulativa.

A representação negra na fantasia especulativa desempenha um papel crucial na promoção da igualdade, na valorização da diversidade e na desconstrução de estereótipos raciais. Ao oferecer personagens negros como heróis, líderes e protagonistas, essas obras contribuem para a construção de identidades positivas e empoderadoras para leitores e espectadores negros. São exemplos que vale citar: Lando Calrissian em “Star Wars”, interpretado por Billy Dee Williams e Donald Glover, a tenente Uhura de “Star Trek”, interpretada por Nichelle Nichols e Zoe Saldana, Michonne, do seriado “The Walking Dead” e interpretada por Danai Gurira, entre outros. Além disso, essas representações também têm o potencial de educar e conscientizar pessoas não negras sobre a importância da inclusão e da equidade racial. No entanto, é importante ressaltar que a representação negra na fantasia especulativa não é uma questão simples e única. Diversos debates e discussões surgem em torno da forma como a representação é abordada, levando em consideração a complexidade das identidades negras e a necessidade de evitar estereótipos, apropriação cultural e reducionismo. É fundamental que as narrativas sejam construídas de forma sensível, respeitosa e com a participação e contribuição de criadores negros.

Apesar das narrativas especulativas oferecerem um terreno fértil para a abordagem de desigualdade e opressão, é notável a predominância de personagens brancas ou não humanas nessas histórias. É comum a utilização de temas e seres sobrenaturais como meio de explorar questões vivenciadas pela população negra, conforme mencionado anteriormente. Embora essas abordagens possam permitir leituras e interpretações que dialoguem com problemas do mundo real, é importante ressaltar que metáforas e analogias, mesmo quando intencionais, não são suficientes para uma discussão racial efetiva. Diante dessa lacuna, o afrofuturismo surge como uma abordagem fundamental. Trata-se de um tipo de produção que, entre outros elementos indispensáveis, se caracteriza pela inclusão de representação negra aliada a

questões raciais. O afrofuturismo é um movimento cultural e artístico que busca explorar a experiência e a imaginação negra, tanto no passado como no presente, projetando-as em futuros alternativos ou visionários. No âmbito das narrativas especulativas, o afrofuturismo desempenha um papel crucial ao proporcionar representatividade e visibilidade para a população negra. Por meio dessa abordagem, é possível criar personagens negros complexos e multifacetados, que ocupam papéis de destaque e protagonismo nas histórias. Além disso, o afrofuturismo também valoriza a cultura negra, suas tradições, mitologias e conhecimentos, enriquecendo o cenário da fantasia especulativa com perspectivas e experiências até então marginalizadas.

Ao inserir a representação negra de maneira significativa e central nas narrativas especulativas, o afrofuturismo possibilita uma discussão racial mais profunda e relevante. Ele vai além das metáforas e analogias, abordando questões raciais de forma direta e crítica, proporcionando uma plataforma para a reflexão sobre as realidades e experiências vividas pela população negra. Dessa forma, o afrofuturismo contribui para uma discussão racial mais autêntica e impactante dentro do contexto da fantasia especulativa. No entanto, é importante ressaltar que a presença do afrofuturismo não deve ser encarada como uma solução única para a representação negra na fantasia especulativa. Ainda há muito a ser feito em termos de inclusão e diversidade, com a participação de criadores negros e a ampliação de perspectivas que retratem a multiplicidade de experiências dentro da comunidade negra.

A produção literária é um reflexo intrínseco do contexto social em que é gerada, e desempenha um papel significativo na legitimação dos discursos que carrega. No entanto, é importante destacar que, quando a maioria dos autores publicados e amplamente reconhecidos pertence a um grupo homogêneo, isso tende a resultar em discursos igualmente homogêneos. Historicamente, essa maioria tem sido composta por homens brancos, heterossexuais, cisgêneros e sem deficiência, os quais têm controlado e desfrutado do acesso a espaços que, ao longo do tempo, têm sido negados a grupos minoritários. Essa homogeneidade presente no campo literário influencia diretamente a construção das obras, perpetuando a repetição de perspectivas e modelos que consagram o homem branco como o herói típico da ficção especulativa. Essa predominância reforça estereótipos e narrativas que privilegiam a visão e as experiências desse

grupo específico, ao passo que silencia e marginaliza outras vozes e perspectivas.

Essa dinâmica de exclusão e falta de representatividade é problemática, pois limita a diversidade de vozes, experiências e histórias presentes na literatura especulativa. Ela restringe a possibilidade de se explorar e compreender a multiplicidade de realidades, culturas e identidades que existem no mundo. Além disso, a concentração do poder de criação e legitimação nas mãos de um grupo dominante contribui para a perpetuação de relações de desigualdade e exclusão no campo literário. Diante disso, é fundamental promover uma mudança nesse cenário, buscando ampliar a representatividade e a inclusão na literatura especulativa. Isso implica em dar voz e espaço a autores pertencentes a grupos minoritários, que trazem perspectivas e vivências distintas e enriquecedoras. Essa diversidade de vozes não apenas enriquece o universo literário, mas também possibilita a desconstrução de estereótipos e a construção de narrativas mais inclusivas e abrangentes. A valorização e a promoção de uma literatura especulativa diversa e representativa exigem uma maior abertura e disposição para ouvir e acolher as vozes que têm sido historicamente marginalizadas. Isso implica em repensar e questionar os mecanismos de exclusão presentes na indústria editorial e no sistema literário como um todo.

A presença e contribuição de pessoas negras na escrita de fantasia, ficção científica e horror sobrenatural sempre existiram, no entanto, foram sistematicamente marginalizadas e excluídas dos principais cânones literários, premiações e outros mecanismos de legitimação. Apesar de alguns autores e autoras negras terem recebido certo reconhecimento, essa representatividade ainda é insuficiente para equilibrar a situação atual, embora tenha havido avanços em comparação a anos anteriores. O racismo permeia não apenas o conteúdo das obras, mas também se reflete em aspectos extratextuais, contribuindo para a exclusão de pessoas negras do campo literário como um todo.

Aqueles que controlam a linguagem, o discurso e os meios de comunicação detêm o poder de influenciar as narrativas que são criadas e difundidas. Quando um grupo dominante monopoliza as práticas discursivas, ocorre uma limitação significativa de perspectivas diversas. Nesse sentido, é

fundamental questionar por que apenas um grupo tem o privilégio de falar sobre qualquer assunto que deseje, enquanto outros são excluídos e sub-representados. As demandas por maior diversidade na literatura não visam proibir um grupo de falar sobre o outro, mas sim questionar as estruturas de poder que perpetuam a falta de representatividade e a marginalização de vozes e perspectivas diversas. Trata-se de um chamado para reavaliar e reequilibrar as relações de poder no campo literário, permitindo que múltiplas vozes sejam ouvidas e valorizadas.

A inclusão de perspectivas negras na fantasia especulativa é um ato de justiça e uma forma de enriquecer o universo literário, pois trazem experiências, histórias e visões de mundo únicas e necessárias. Ao romper com a exclusão sistemática, é possível criar narrativas mais autênticas, complexas e significativas, que reflitam a diversidade e a multiplicidade de vozes presentes na sociedade. É por meio do questionamento das estruturas de poder e da abertura para novas vozes e perspectivas que poderemos construir um campo literário mais inclusivo, no qual a pluralidade de experiências e identidades seja valorizada e celebrada.

A reflexão sobre o lugar de fala não deve ser entendida como uma restrição que limita exclusivamente às pessoas negras a falarem apenas sobre suas próprias experiências. Ao contrário, é importante considerar o conceito de lugar de fala proposto por Djamilia Ribeiro:

“não poder acessar certos espaços, acarreta em não se ter produções e epistemologias desses grupos nesses espaços; não poder estar de forma justa nas universidades, meios de comunicação, política institucional, por exemplo, impossibilita que as vozes dos indivíduos desses grupos sejam catalogadas, ouvidas [...]. O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos lugar de falar como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes

consequente da hierarquia social” (RIBEIRO, 2017, p. 64).

O lugar de fala refere-se à posição social, cultural e histórica a partir da qual um indivíduo fala e é ouvido. Reconhecer e valorizar diferentes lugares de fala implica na compreensão de que cada pessoa traz consigo uma bagagem única de vivências e perspectivas, moldadas por suas identidades sociais, como raça, gênero, classe, entre outras.

Ao destacar o lugar de fala, busca-se dar voz e espaço para grupos historicamente marginalizados e silenciados na sociedade, como as pessoas negras. Essa abordagem visa corrigir as desigualdades estruturais que limitam o acesso desses grupos aos meios de comunicação e à produção de conhecimento, ampliando as possibilidades de representação e participação na esfera pública. No entanto, é importante ressaltar que o lugar de fala não implica em uma exclusividade temática ou em restringir a expressão de outros grupos. Trata-se de reconhecer a importância de dar voz às experiências e perspectivas de grupos historicamente marginalizados, sem invalidar ou silenciar outras vozes. Ao invés de restringir o discurso, o conceito de lugar de fala busca promover a escuta atenta e respeitosa de diferentes pontos de vista, favorecendo a construção de diálogos mais inclusivos e igualitários. É uma ferramenta para desconstruir as assimetrias de poder, ampliar a diversidade de narrativas e fomentar uma sociedade mais justa e plural.

O reconhecimento do direito de falar sobre si mesmo emerge da urgente necessidade de dismantelar os parâmetros e hierarquias racistas que permeiam nossa sociedade. A desconstrução dessas estruturas opressivas torna-se uma reivindicação legítima para o direito fundamental de existência e expressão. Ao afirmar a necessidade de falar sobre si, as vozes historicamente marginalizadas, como a comunidade negra, procuram romper com a invisibilidade imposta por sistemas discriminatórios. Refutar essas estruturas de opressão não é apenas uma busca por inclusão, mas uma afirmação de dignidade, identidade e resistência diante da desigualdade sistêmica.

No contexto das reflexões de Raymond Williams, ao afirmar a necessidade de falar sobre si, as vozes historicamente marginalizadas, como a

comunidade negra, empreendem um ato de resistência que visa desafiar a invisibilidade imposta por sistemas discriminatórios. Williams, em sua abordagem sobre cultura e sociedade, destacou a importância de analisar as relações de poder inerentes à produção e distribuição de discursos. Nesse sentido, as vozes historicamente marginalizadas, ao reivindicarem o direito de expressar suas experiências e vivências, buscam romper com o silenciamento imposto por estruturas de dominação cultural e política. Williams enfatizava a dinâmica dialética entre cultura hegemônica e cultura residual, onde aquilo que não se enquadra nas normas dominantes é relegado a posições periféricas e marginalizadas. Portanto, a afirmação do direito de falar sobre si representa uma luta por inclusão e reconhecimento de perspectivas culturais e sociais que estiveram historicamente excluídas do centro do discurso dominante. Essa reivindicação se alinha ao pensamento de Williams, pois aponta para a necessidade de descentralizar o poder simbólico e permitir que vozes antes negligenciadas ocupem espaços de visibilidade e legitimidade. Ao romper com a invisibilidade imposta por sistemas discriminatórios, as vozes marginalizadas contestam a hegemonia cultural e abrem caminho para a construção de uma sociedade mais plural e democrática, onde múltiplas perspectivas podem coexistir e contribuir para a riqueza e complexidade da experiência humana. Nesse sentido, a reflexão de Williams sobre a dinâmica cultural oferece uma base teórica relevante para compreender a importância e o significado das reivindicações das comunidades historicamente oprimidas em busca de sua voz e reconhecimento.

Através do ato de falar sobre si, emerge uma poderosa forma de resistência que desafia as narrativas hegemônicas que desvalorizam e silenciam experiências e vivências não alinhadas com a norma estabelecida. É uma afirmação de autenticidade, reivindicando a legitimidade de suas histórias, culturas e perspectivas próprias. Essa luta pelo direito de existir e se expressar revela-se como um impulso transformador para a construção de uma sociedade mais igualitária, onde a diversidade é reconhecida, valorizada e respeitada. Nesse contexto, romper os grilhões impostos pelo racismo é essencial para alcançar uma verdadeira justiça social e promover a inclusão plena de todas as vozes em uma sociedade democrática e plural.

Considerando o exposto anteriormente, é possível observar que as obras de fantasia especulativa tendem a apresentar um herói estereotipado que, frequentemente, se enquadra no perfil de um homem branco. Tal caracterização está intimamente relacionada à composição demográfica dos próprios autores, o que resulta em uma representação privilegiada desses grupos nas narrativas. Nesse contexto, é relevante destacar que os estereótipos de gênero também se fazem presentes nessas obras, embora a representação de mulheres brancas seja mais recorrente do que a de homens negros e mulheres negras. Vale ressaltar que quantificar a parcela branca do público consumidor que aceita elementos fantásticos, como elfos, dragões, alienígenas e naves espaciais em suas histórias, mas demonstra desconforto diante da presença de mulheres negras, homens negros e, até mesmo, mulheres brancas em posições de destaque é uma tarefa complexa. No entanto, é possível identificar, por meio de comentários na internet, a existência de um grupo que expressa desconforto com a inclusão de personagens pertencentes a esses grupos sub-representados. Esse comportamento revela uma resistência por parte do público consumidor a se engajar com narrativas que apresentam diversidade racial e de gênero, especialmente quando essa diversidade ocupa posições de destaque nas histórias. Essa tendência demonstra a importância de analisar as dinâmicas de representação e os desafios enfrentados por personagens negros, tanto homens quanto mulheres, na fantasia especulativa. Ao reconhecer as limitações e desigualdades presentes nesse cenário, é possível buscar estratégias e abordagens que ampliem e valorizem a diversidade, permitindo que novas vozes e perspectivas sejam incluídas e apreciadas dentro desse gênero literário.

3.4 Doutor Benignus: ficção científica em terras brasileiras

Considerando o exposto anteriormente, chegamos a um ponto importante da análise a respeito da ficção científica, fazendo a sua discussão em relação breve de seu desenvolvimento em território brasileiro. No panorama literário do século XIX, destaca-se uma obra inaugural, "O Doutor Benignus" (1875), concebida por Emílio Zaluar. Esta narrativa, parcialmente influenciada pelas ficções de Jules Verne, narra as intrépidas aventuras de um médico-cientista e sua comitiva desbravando o interior selvagem do Brasil.

Por meio de uma abordagem analítica, este segmento examina a relevância histórica e literária desta obra, destacando seu papel seminal na construção do gênero no contexto brasileiro.

No decorrer da vida de Emílio Zaluar, o Brasil experimentava profundas transformações nos âmbitos social, cultural e econômico. Questões sobre a monarquia, a escravidão, a economia centrada no trabalho escravo e diversas estruturas da sociedade imperial começavam a surgir, refletindo um período de significativos questionamentos e mudanças no país. Publicado em 1875 por O Globo, em fascículos, 'O Doutor Benignus' narra as intrépidas jornadas do protagonista que se embrenha nas densas florestas de Minas Gerais e Goiás em busca, entre outros objetivos, de indícios acerca da habitabilidade de outros mundos. O personagem busca evidências que sustentem a ideia de que além da Terra, outros planetas podem ser habitados por seres vivos, possivelmente mais inteligentes que os próprios seres humanos.

Diferenciando-se das correntes naturalistas e realistas da época, é consenso na historiografia literária brasileira que 'O Dr. Benignus' não se enquadra nesses movimentos. Ao contrário, Emílio Zaluar, o autor, autodenomina a obra como o "primeiro ensaio do romance científico", apresentando-o sob a forma de uma "digressão humorística" conforme expresso em suas palavras dirigidas ao leitor antes do início do romance propriamente dito.

Importante salientar que, no contexto literário brasileiro, o consenso historiográfico reconhece 'O mulato', de Aluísio Azevedo, publicado em 1881, como o primeiro texto naturalista. Entretanto, 'O Dr. Benignus' destaca-se como uma obra precursora, conforme a perspectiva de Zaluar.

Os modelos literários de Zaluar incluem figuras proeminentes como Júlio Verne, autor de 'Viagem ao redor da Lua' (1870) e 'Cinco semanas em um balão' (1863), bem como o astrônomo francês Camille Flammarion (1842-1925). Este último, autor de 'A pluralidade dos mundos habitados', é explicitamente referenciado nas páginas de 'O Dr. Benignus', evidenciando a influência direta dessas obras em nosso romance estudado."

A abordagem científica em "Dr. Benignus" trata a própria ciência como uma fonte enriquecedora para o desenvolvimento do conhecimento humano, devendo assim, ser percebida nessa perspectiva. Nesse sentido, ela se

estabelece como uma necessidade contínua e se abre para uma evolução intrínseca representada pela concepção de soma: a presença da ciência é inegável, mas sua existência está imersa em um processo constante de devir, guiado pelo manejo diligente de pessoas que pela ação perpetuam a necessidade de ser o conhecimento continuamente realizado, inovado e compartilhado.

Augusto Emílio Zaluar nasceu em Lisboa no dia 14 de fevereiro de 1826. Inicialmente matriculado no 1º ano da Escola Médico-cirúrgica na mesma cidade, ele interrompeu seus estudos ao perceber sua afinidade mais destacada com as atividades literárias. Concentrando-se principalmente na produção de poemas, Zaluar colaborou com diversos periódicos lisboetas, incluindo o *Epocha*, *Jardim das Damas* e *Revista Popular*.

Em 1849, Zaluar deixou Portugal, chegando ao Rio de Janeiro em 3 de janeiro de 1850, onde residiria até o seu falecimento em abril de 1882. Naturalizou-se como cidadão brasileiro em 1856 e desempenhou diversos papéis, sendo membro da Sociedade Auxiliadora Nacional (SAIN), do Observatório Nacional e Lente em pedagogia da Escola Normal. Zaluar destacou-se por sua produção literária abrangente, que inclui poemas, biografias, uma peça de teatro, apreciações crítico-literárias, um livro de contos, traduções, colaborações em periódicos e obras didáticas, além de sua participação na sociedade literária *Arcádia Fluminense*.

Após residir no Brasil por mais de vinte e cinco anos, Emílio Zaluar publicou seu romance-folhetim, '*O Doutor Benignus*', como série nas páginas do periódico carioca '*O Globo: órgão dos interesses do comércio da lavoura e da indústria*'. A obra, datada de 1875, foi posteriormente lançada em dois volumes em formato de livro no mesmo ano. A preocupação central de Zaluar ao conceber essa obra estava ligada ao tipo de literatura que desejava desenvolver e disseminar, vinculando-se à visão de um horizonte literário brasileiro renovado, influenciado pela produção de Júlio Verne.

A convicção de que a ciência desempenharia um papel fundamental no fomento de avanços significativos e, portanto, deveria ser cultivada como uma política de Estado, perdura nos anos subsequentes à Independência do Brasil. Em consonância com os princípios iluministas, o Estado brasileiro, no período pós-Independência, promove ativamente atividades científicas por meio da

criação de instituições, do financiamento destas e de outros órgãos estabelecidos por iniciativas privadas, bem como do patrocínio a estudantes-bolsistas. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), instituído em 1838, emerge como um exemplo concreto da perpetuação desse compromisso estatal com a promoção das atividades científicas.

Diferenciando-se das correntes literárias predominantes da época, Zaluar autodenominou "O Doutor Benignus" como o "primeiro ensaio do romance científico". Essa distinção revela a ambição do autor em explorar novos horizontes narrativos e temáticos, abordando questões científicas e filosóficas em um contexto literário.

Nos parágrafos iniciais do romance, o narrador expõe que Benignus não obtém seu sustento, nem o de sua família, por meio de suas atividades científicas, mas sim através dos favores e pedidos aos seus vizinhos. Essa gratuidade, contudo, revela-se uma concessão onerosa. Benignus experimenta a sensação de ser observado com reserva pelos demais indivíduos com os quais compartilha sua existência, gerando nele um distanciamento. Ele percebe que seus amigos mais próximos também nutrem um receio de que, eventualmente, ele possa solicitar algo deles. A percepção de Benignus, neste contexto, destaca-se por uma espécie de quixotismo, revelando sua luta contra a natureza egoísta inerente ao homem. Sua disposição para renunciar ao convívio social em busca de uma vida mais pura ecoa a figura literária do Quixote, evidenciando uma tentativa idealista de confrontar a realidade humana marcada por egoísmo e desconfiança.

A jornada de Benignus abrange uma extensão superior a três mil quilômetros, considerando tanto a ida quanto a volta. Além do próprio Benignus, a expedição conta com a presença de Katini, M. de Fronville e James River. Katini assume o papel de cozinheiro na jornada, – de estatura baixa e robusta, com idades entre quarenta e cinquenta anos –, sendo descrito como "feio como um botocudo e bom como as naturezas ingênuas". É notável que a apreciação implícita na descrição de Katini contém nuances de juízo racial, associando uma certa selvageria à feiura e, ao mesmo tempo, à bondade inerente às naturezas ingênuas, na dinâmica do que se considera o "bom selvagem". Os escritos de Zaluar revelam uma crença na aliança de princípios científicos e religiosos e em

um evolucionismo indiferenciado com aspectos que lembram os argumentos de Lamarck, Spencer, Darwin, Huxley etc.

Katini, além de suas habilidades culinárias, possui um conhecimento considerável da fauna brasileira. M. de Fronville, oriundo de Paris, com trinta e seis anos, dedica-se ao estudo das ciências naturais e físicas. Tomando conhecimento dos preparativos para a expedição do Dr. Benignus, procura-o com a intenção de oferecer seus conhecimentos para a viagem científica. Composta por indivíduos representativos de diferentes nacionalidades, a expedição liderada por Benignus se configura como um empreendimento internacional. Essa equipe diversificada, composta por um brasileiro, um peruano, um francês e um inglês (sendo este último o filho do missionário desaparecido), tem como objetivo adentrar as vastas matas de Minas Gerais e Goiás. Essa incursão visa a consecução de uma série de objetivos multifacetados, tais como a ampliação do conhecimento astronômico, a busca por formas de vida mais elevadas, a revelação e estudo da fauna, flora e geografia brasileiras, a investigação das origens da humanidade, o resgate de William River e a promoção da civilização entre os povos indígenas.

Na obra "O Doutor Benignus", a concepção do homem é delineada como um estágio superior em relação aos grandes primatas, porém, inferior quando confrontado com as criaturas luminosas que Benignus encontra em seus sonhos, especificamente no capítulo XXI intitulado "Habitante imaginário do espaço planetário". Nessa experiência onírica, Benignus é informado por uma entidade estelar de que a humanidade "ainda está atrasada" e que os meios eficazes para elevar o homem ao aperfeiçoamento espiritual residem na "fecunda missão que te encarregaste, isto é, vulgarizar os resultados da ciência e fazer subir por esse meio o nível intelectual do povo". É relevante ressaltar que o propósito fundamental da expedição do doutor sempre foi, desde o início, de cunho científico e humanitário, sendo que o personagem onírico apenas ratifica o que já era um desígnio do peculiar cientista. Este fenômeno onírico, apresentado no referido capítulo, emerge como um eco ou uma validação simbólica do intento original do protagonista, reforçando a interconexão intrínseca entre as aspirações científicas e humanitárias de Benignus. Essa dualidade de propósitos, tanto oníricos quanto concretos, enriquece a narrativa

ao revelar as camadas mais profundas do significado subjacente à busca incessante do protagonista por conhecimento e aprimoramento humano.

No transcorrer da expedição do Dr. Benignus, depara-se com a descoberta de um crânio humano, e as especulações engendradas pelos personagens evidenciam a natureza do evolucionismo humano. Explicitamente ancorado nas ideias do naturalista dinamarquês Peter Lund (1801-1880), Benignus sustenta a crença de que o continente brasileiro é o mais antigo de todos, conforme alegou Lund. Consequentemente, postula-se que a espécie humana teria emergido no interior do Brasil, mais precisamente em Lagoa Santa, Minas Gerais. Essa teoria associa o surgimento da espécie humana às populações indígenas que habitavam a região na época do descobrimento e que ali permaneciam desde o período em que a fauna brasileira era caracterizada por uma fauna gigante extinta.

Embora os supostos fósseis humanos descritos por Lund tenham sido confirmados como humanos, não corroboraram com a antiguidade originalmente presumida. De fato, os primeiros fósseis humanos foram identificados apenas em 1848 e, posteriormente, em 1857, ambos pertencentes ao *Homo neanderthalensis*. No entanto, no romance, Benignus adere ao discurso de Lund para afirmar a longa presença do homem no território brasileiro. Para além da questão da origem do homem, o romance aborda a diversidade humana, manifestada nas diferentes raças que povoam o planeta. Diversas referências explícitas à diversidade racial são notadas em "O Doutor Benignus". O romance de Zaluar, em determinado momento, parece ser uma tentativa de transição, literariamente malograda, entre o romantismo indianista e o naturalismo científico. Portanto, não se caracteriza por ser uma aventura verdadeiramente heróica, tampouco é motivado pelo amor romântico, como é comum no romantismo. Ademais, o texto carece da obsessão pelo detalhe descritivo, desprovido das idealizações platônicas, que viria a ser característico em obras como as de Aluísio Azevedo, por exemplo.

A delimitação precisa da ficção científica permanece uma questão em aberto. Diversos estudos buscam elucidar a origem do gênero, seus temas essenciais e, por conseguinte, o conjunto de obras que integram seu cânone. As dificuldades inerentes a essa definição são notáveis, dado que todas as tentativas de enquadrar a ficção científica derivam de uma tensão central que

destaca o caráter contraditório intrínseco a esse tipo de narrativa: a conjunção da ficção, ancorada na imaginação humana, com a ciência, um produto preciso da observação e explicação do mundo. A rápida ascensão do progresso científico no mundo moderno, segundo algumas perspectivas, deu origem, com Jules Verne e Herbert George Wells, à ficção científica em seu sentido próprio, uma expressão literária notavelmente distinta dos textos ficcionais anteriores criados pelos precursores.

Na obra de Zaluar, evidencia-se um otimismo extraordinário em relação à convicção de que a ciência será capaz de subjugar todas as adversidades. Importa recordar que parte da concepção da expedição surge da idealização de Benignus, que prefere viver afastado dos convívios humanos. O romance culmina com as projeções civilizatórias e científicas delineadas pelo cientista e seus companheiros.

O final do século XIX testemunha um momento crucial de conscientização acerca de uma literatura que se delineava como inovadora. Nesse contexto, a rivalidade histórica entre ingleses e franceses desencadeou uma classificação peculiar das obras de H.G. Wells como "Romance Científico" e as de Jules Verne como "Antecipação". Esse embate conceitual reflete não apenas diferenças estilísticas, mas também distintas abordagens em relação à exploração do desconhecido e do futuro.

A consolidação do termo definitivo para o gênero ocorre nos Estados Unidos, ainda que não sem uma resistência significativa da Europa, que insistia em manter suas próprias designações. Este embate entre continentes revela não apenas as disputas literárias, mas também uma tensão mais ampla no que diz respeito à influência cultural e intelectual.

Mesmo nos Estados Unidos, onde o termo finalmente se estabelece, observa-se uma diversidade de nomenclaturas, como "Scientifiction" e "Science-Fiction", sendo este último o que ganhará aceitação internacional e se tornará a designação prevalente para o gênero. Essas variações evidenciam a complexidade do processo de definição e consolidação de uma terminologia que, eventualmente, se disseminaria globalmente.

Ao abordar a transição para o cinema, notamos que o termo "Sci-Fi" se destaca como uma distinção própria, sublinhando a evolução da ficção científica

de uma forma literária para uma expressão visual e narrativa no meio cinematográfico.

No contexto brasileiro, inicialmente, a tendência era traduzir diretamente as denominações europeias, indicando uma influência literária mais direta. No entanto, ao longo do tempo, percebemos uma adoção progressiva dos termos norte-americanos, como "Ciência Ficção" e, por fim, "Ficção Científica", sugerindo uma mudança gradual na orientação e recepção do gênero no cenário literário brasileiro. Este processo de adaptação terminológica reflete não apenas uma aceitação das influências internacionais, mas também uma ressignificação cultural e estilística no âmbito da ficção científica brasileira.

A literatura tem papel fundamental na divulgação da ciência. Esta perspectiva é particularmente ilustrada pelos escritos de Jules Verne, cujas obras se destacam pela marcante tonalidade enciclopédica e de divulgação científica que apresentam. Nesse contexto, a literatura não apenas entretém, mas também se consolida como uma ferramenta eficaz na transmissão de conhecimento científico de forma palatável e envolvente para o leitor.

Os livros de Jules Verne, reconhecidos por sua abordagem enciclopédica, oferecem uma explicação convincente desse fenômeno. Neles, observamos não apenas o entretenimento proporcionado pelas narrativas, mas também antecipações perspicazes baseadas nos avanços técnicos contemporâneos. A capacidade de Verne de integrar conhecimentos científicos à trama de suas histórias contribui para uma compreensão mais ampla e acessível dos conceitos científicos, tornando-os mais palatáveis para um público amplo.

Dessa forma, a literatura, especialmente representada pela abordagem de Jules Verne, desempenha um papel essencial na democratização do conhecimento científico. Através de suas obras, a ciência se torna não apenas uma disciplina acadêmica distante, mas sim um elemento integrado à narrativa, oferecendo aos leitores uma experiência mais agradável e acessível de aprendizado. Essa fusão entre literatura e ciência evidencia a capacidade única da ficção para promover a educação de maneira envolvente, contribuindo para a disseminação e popularização do conhecimento científico.

Considerando o contexto temporal em que a obra em questão foi concebida, torna-se imperativo inseri-la no panorama das questões raciais que permeavam o Brasil no século XIX. Publicado em 1875, um período marcado

pela persistência do sistema escravocrata no país, o livro "O Doutor Benignus" se configura como um artefato literário que demanda uma análise meticulosa de como o contexto histórico exerceu influência nas representações e percepções raciais presentes na obra. Esta abordagem revela-se como uma fonte inestimável de insights que contribuem para uma compreensão mais aprofundada das complexidades das questões raciais vigentes na sociedade da época. A condução de uma investigação aprofundada sobre como a narrativa lida com a diversidade racial emerge como uma tarefa essencial. Este escrutínio não apenas nos possibilita compreender como as atitudes contemporâneas em relação à questão racial se refletiam na obra, mas também proporciona uma visão crítica sobre como a diversidade racial foi abordada ou negligenciada no contexto literário do Brasil do século XIX. A análise das representações de diferentes personagens e suas interações, delineada meticulosamente, desvenda as nuances das relações raciais na sociedade da época.

Em síntese, "O Doutor Benignus" constitui-se como uma lente através da qual podemos observar, ainda que de forma indireta, as intrincadas tramas das questões raciais que caracterizavam o Brasil no século XIX. A exploração das representações de personagens, a consideração cuidadosa dos contextos históricos e uma análise minuciosa das interações sociais presentes na obra são instrumentos fundamentais para alcançar uma compreensão verdadeiramente profunda das dinâmicas raciais que permearam a ficção brasileira desse período. Essa análise pode enriquecer a compreensão da obra e destacar conexões que transcendem o período em que foi escrita, contribuindo para diálogos contemporâneos sobre diversidade, exploração e busca de conhecimento.

3.5 Ficção Científica: por que lembramos de Isaac Asimov e não de Jeronimo Monteiro?

Na segunda metade do século XIX, o cenário mundial testemunha transformações e progressos impulsionados pelo avanço da ciência e da tecnologia, decorrentes das profundas mudanças provocadas pela Revolução Industrial. Em nações desenvolvidas, como os Estados Unidos, destacam-se a expansão de ferrovias e navios a vapor, a invenção do telefone e da televisão,

além de notáveis avanços na área médica, como o advento de antibióticos. Entretanto, no contexto brasileiro, a incorporação gradual de ciência e tecnologia ocorre de maneira mais lenta, com avanços mais significativos emergindo apenas a partir da segunda metade do século XX. Dessa forma, enquanto outras nações experimentam avanços tecnológicos como parte integrante de sua realidade social, o Brasil busca estratégias para impulsionar os estudos científicos e integrar a tecnologia em sua economia, processos produtivos e meios de comunicação, entre outros setores. Tal atraso não surpreende, dado que sistemas de governo obsoletos persistem até o final do século XIX, como é o caso da Monarquia, que somente foi dissolvida em 1889, dando lugar à atual forma de governo republicana. Ademais, é relevante mencionar a hesitação em adotar as inovações trazidas pela Revolução Industrial e em investir de forma efetiva em ciência e tecnologia. Até mesmo em 1960, a tecnologia utilizada no país é majoritariamente importada de outras nações. Somente a partir da década de 1970 é que uma atenção mais sistêmica é dedicada a esse aspecto, com a implementação de ações governamentais visando fomentar o desenvolvimento nesse campo.

Neste contexto mais tardio, foram instituídos o Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT) em 1969, o Plano Nacional de Desenvolvimento (PND) – com três reformulações entre 1972 e 1985, durante o período do governo militar – e o Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) através do Decreto nº 91.146, de 15 de março de 1985, durante a gestão de José Sarney. Como, então, podemos abordar as características de um gênero literário cujo propósito é explorar o desconhecido e possíveis realidades fundamentadas no conhecimento científico e tecnológico disponível? Não é surpreendente, portanto, que uma nação cujo progresso científico e tecnológico se desenvolva de maneira gradual leve mais tempo para contribuir significativamente para o repertório de obras reconhecidas de Ficção Científica, pois, por algum tempo, a ficção científica brasileira sofreu com a falta de perspectiva. Este aspecto se reflete no número de produções esporádicas de Ficção Científica que, enquanto um universo literário distinto, emerge no Brasil somente a partir do século XIX, com a publicação pioneira de "Doutor Benignus" (1985), do português naturalizado brasileiro Augusto Emílio Zaluar.

A emergência da literatura como um instrumento educacional crucial para a disseminação mais acessível da ciência não tarda a se manifestar. Os livros de J. Verne, notáveis pelo seu tom enciclopédico e vulgarizador, justificam-se pela busca de tornar a ciência mais palatável. Essas obras contêm antecipações significativas a partir dos últimos avanços técnicos de sua época, proporcionando demonstrações claras de uma ciência que busca permeiar todos os aspectos da vida e organizar a experiência dos indivíduos submetidos à aceleração das transformações materializadas no mundo circundante.

A concepção de progresso por meio da ciência e tecnologia torna-se ainda mais tangível durante as décadas de 1930 a 1960, um período crucial para o crescimento industrial brasileiro. Nesse intervalo, o governo promoveu incentivos para setores como produção automobilística, têxtil, e petroquímicas, ao mesmo tempo em que ocorreu a popularização de carros e eletrodomésticos. Esse contexto coincidiu com a intensificação da corrida espacial entre os Estados Unidos e a União Soviética, elementos marcantes como astronautas, foguetes e a exploração de outros mundos tornaram-se uma rica fonte para a construção de narrativas de ficção científica. Essa última, amplamente explorada por escritores estrangeiros, muitos dos quais tiveram suas obras traduzidas para o português, incluindo nomes como Arthur C. Clarke, Isaac Asimov e Robert Heinlein, também levantam reflexões sobre os potenciais perigos decorrentes do excesso tecnológico e do uso desmedido da ciência, como evidenciado pelos trágicos eventos de Hiroshima e Nagasaki em 1945.

No contexto brasileiro, emerge um destacado protagonista nesse período que, de forma convencional, é reconhecido como a Primeira Onda da Ficção Científica (FC). O editor baiano Gumercindo Rocha Dorea desempenha um papel significativo ao ampliar o espaço destinado às publicações do gênero, abrangendo tanto escritores mais experientes, como Rubens Teixeira Scavone e Jerônimo Monteiro, quanto iniciantes que almejam explorar a ficção científica. Além disso, Dorea promove a divulgação de autores estrangeiros, tais como Robert A. Heinlein, Ray Bradbury, Walter M. Miller Jr. e Fredric Brown. As ações voltadas para a promoção do gênero no país englobam a organização das antologias "Antologia Brasileira de Ficção Científica" (1960) e "História do Acontecerá" (1961), que reúnem escritos de Dinah Silveira de Queiroz, André Carneiro, Fausto Cunha, Álvaro Malheiros, entre outras personalidades

incentivadas pelo editor a contribuir para a expansão do gênero. Esses escritores são comumente referidos como integrantes da "Geração GRD", expressão derivada das iniciais do nome do editor, destacando o papel crucial de Dorea no processo inicial de divulgação e estabelecimento da Ficção Científica no contexto nacional.

Entre as décadas de 1970 e 1990, mesmo diante de iniciativas como a de Gumercindo Dorea, os autores brasileiros de Ficção Científica (FC) continuam a produzir em quantidade reduzida, evidenciando uma suposta falta de criatividade nesse gênero, apesar de serem notáveis consumidores da literatura do mesmo. Essa situação resulta em uma abordagem inicial nos estudos sérios sobre FC no Brasil, que priorizam produções estrangeiras em detrimento das nacionais, conforme apontado por Ginway (2005, p. 26). Isso é observado em obras como "Introdução ao Estudo da Science Fiction" (1967), de André Carneiro, e "O que é Ficção Científica" (1985), de Braulio Tavares, nas quais os autores focalizam principalmente as produções anglo-americanas, reservando menção às escassas obras brasileiras especialmente nas partes conclusivas dos livros.

É crucial ressaltar que, durante a fase compreendida entre meados da década de 1970 e a década de 1990, ocorre um período decisivo para a ficção científica brasileira, amplamente reconhecido como a "Segunda Onda". Nesse intervalo temporal, grupos de discussão, clubes dedicados à ficção (fandoms), e fanzines, exemplificados por publicações como as de César Silva e Marcelo Simão Branco, desempenham um papel fundamental no fortalecimento das produções de escritores amadores e entusiastas do gênero. Além disso, essas iniciativas proporcionam uma maior visibilidade para autores mais experientes na área. Nomes como Roberto Sousa Causo (entusiasta da FC hard), Raul Fiker, Jorge Luiz Calife, entre outros, ganham destaque, conquistando mais espaço para a publicação de contos, resenhas e artigos relacionados à FC. Conforme aponta Ginway (2005, p. 25), "o número de obras de Ficção Científica Brasileira cresceu, com autores produzindo acima de quarenta obras do gênero, sem contar as histórias e artigos que apareceram nos fanzines brasileiros". Exemplificando essas publicações periódicas, destacam-se Boletim Antares, Megalon e O Hiperespaço. Curiosamente, as obras disseminadas entre as décadas de 1980 e 1990, embora não se concentrem estritamente na realidade política do Brasil, passam a refletir com mais profundidade as ramificações do

capitalismo moderno e da modernização na vida cotidiana e no meio ambiente do país. Um exemplo de autores que evidenciam essa consciência é Wilsom Rocha, cujas obras exploram temas pertinentes ao contexto brasileiro, tais como a devastação da Amazônia e os potenciais riscos do uso excessivo de tecnologia na vida dos brasileiros.

Diversos escritores desempenham um papel significativo nas iniciativas destinadas a ampliar o reconhecimento da Ficção Científica no Brasil durante o período mencionado. Fausto Cunha, Roberto Sousa Causo e Raul Fiker contribuem substancialmente com um rico acervo de obras, tanto no âmbito literário quanto no teórico. Fausto Cunha, por exemplo, lança o primeiro livro de FC direcionado ao público infantojuvenil em 1974, intitulado "O Lobo no Espaço". Em virtude de sua significativa contribuição, o prêmio Fausto Cunha é instituído entre 1983 e 1984 pelo Clube de Ficção Científica Antares. Além disso, destacam-se Jorge Luiz Calife, que alcança renome internacional e ampla aceitação entre leitores de FC após a publicação do conto "2002" (1983), sequência do livro "2001: Uma Odisseia no Espaço" (1968), de Arthur C. Clarke; Roberto Causo, autor de contos notáveis como "A Dança das Sombras" (1999); e Raul Fiker, autor de "Ficção Científica: Ficção, Ciência, ou Épica da Época" (1985).

A terceira onda emerge impulsionada pelo advento da internet: blogs, redes sociais e e-books. Nesse cenário, observamos a proliferação de revistas eletrônicas dedicadas à publicação de ficção científica, bem como pequenas editoras organizando coletâneas e antologias, tanto em formato físico quanto digital. As redes sociais desempenham um papel crucial na produção, publicação e divulgação das obras literárias, servindo também como palco para a construção e manutenção de relacionamentos entre leitores e escritores. Notavelmente, os leitores assumem um papel significativo na promoção dessas obras, desempenhando uma função que anteriormente era restrita a editoras e revistas. Nessa nova onda, alguns elementos merecem destaque: observa-se um aumento significativo no número de escritoras e uma maior diversidade de temas, acompanhados pelo surgimento de novos gêneros e subgêneros como o New Weird, o Steampunk e o Afrofuturismo. Um acontecimento relevante é a publicação da coletânea de contos "Universo Desconstruído" em 2013, organizada pelas escritoras Lady Sybylla e Aline Valek, sendo a primeira

coletânea de ficção científica feminista. Além de personalidades provenientes da segunda onda, destacam-se nomes como Jean Gabriel Álamo (autor de "Poder Absoluto"), Lu Ain-Zaila ("(In)Verdades: Uma heroína negra mudará tudo"), Enéias Tavares ("A lição de anatomia do temível Dr. Louison"), Cristina Lasaitis ("Fábulas do tempo e da eternidade"), entre outros.

Na contemporaneidade, observamos autores que exploram subgêneros em ascensão, como o afrofuturismo, destacando-se a obra "O Caçador Cibernético da Rua 13" de Fábio Kabral, ou o sertão punk, um gênero concebido pelos autores Alec Silva, Gabriele Diniz e Alan de Sá. A expressão LGBT também ganha espaço, impulsionada por movimentos como o Manifesto Irradiativo e a coletânea "Violetas, Unicórnios e Rinocerontes". A facilidade de publicação de e-books, especialmente através da Amazon, viabiliza a divulgação de notáveis obras, como o hard sci-fi de Fernando Rômbola ("Ester") e as narrativas humorísticas de ficção científica do autor Gilson da Cunha, notadamente em "Onde Kombi Alguma Jamais Esteve". Para os apreciadores de distopias brasileiras contemporâneas, as obras de André L. Braga ("Do Inferno ao Planalto") e de Vinícius Canabarro ("Aurora das Aberrações") oferecem uma leitura envolvente e pertinente.

4. Afrofuturismo: vozes negras na ficção científica

É imprescindível realizar uma análise das questões desfavoráveis que permeiam a realidade africana em diversos âmbitos sociais, uma vez que é nessa região que encontramos indicadores e resultados estatísticos de pesquisas sociais e econômicas menos favoráveis em comparação ao restante do mundo. África ainda enfrenta desafios como a fome, o subdesenvolvimento, altas taxas de analfabetismo e a propagação de doenças, entre outras adversidades. No entanto, é importante ressaltar que, apesar desses desafios, o continente africano possui riquezas e recursos que são fundamentais para o funcionamento de países que possuem realidades sociais opostas. Nesse sentido, África também é sinônimo de preciosas pedras, recursos hídricos inesgotáveis, riqueza mineral, bem como uma flora e fauna abundantes.

Em suas análises acerca da interação entre pessoas negras e a tecnologia, Alondra Nelson (2002) destacou que a percepção do indivíduo africano em relação à tecnologia é frequentemente caracterizada como a de um "outro" não associado ao domínio tecnológico. Avanços tecnológicos ou mesmo o interesse de pessoas pretas pela ciência não é algo passível de ser cogitado pela grande mídia. A tecnologia proveniente de África que deu suporte para todo o desenvolvimento humano, cultural e comercial europeu atropela como rolo compressor os elementos humanos indivíduos de raça negra. A cultura africana e a tecnologia são sempre apresentadas como realidades paralelas até entrarmos para o campo das narrativas e estética do afrofuturismo.

O termo foi cunhado no início dos anos 1990 pelo escritor Mark Dery, sendo definido como uma:

"[...]ficção especulativa que trata temas afro-americanos e aborda as preocupações afro-americanas no contexto da tecno-cultura do século XX - e, mais genericamente, a significação afro-americana que se apropria das imagens da tecnologia e de um futuro profético - poderia, por falta de um termo melhor, ser chamada de afrofuturismo "(Dery 1994, p. 80).

Afrofuturismo é por definição um movimento estético, político e crítico, plural e multifacetado, tendo como ponto em comum uma narrativa especulativa, alternativa e fantástica para as experiências das populações negras – de todo o mundo – no passado, no presente e no futuro (Anderson e E. Jones, 2016, p. 156). As obras são influenciadas por elementos da ficção especulativa – ou seja, da ficção científica, do hiper-realismo, da fantasia, das diversas mitologias de origem africana. O afrofuturismo é uma tendência que visa reunir estratégias de institucionalização da arte da diáspora africana.

Anderson e E. Jones (2016) dedicaram a sua investigação ao estudo do Afrofuturismo, afirmando que o que é comumente referido como Afrofuturismo surgiu originalmente como um compromisso tecnocultural dentro de uma forma particular de produção cultural. As suas origens remontam às práticas dos residentes negros urbanos na América do Norte após a Segunda Guerra

Mundial, e exemplos notáveis começaram a aparecer nas obras do músico de jazz Sun Ra e de artistas associados ao Movimento das Artes Negras, como Ishmael Reed e Amiri Baraka.

Na cultura contemporânea, o Afrofuturismo desempenha um papel fundamental na recuperação da autoridade narrativa dos indivíduos de ascendência africana. Representa um processo transformador que começa com a exploração imaginativa de novos futuros e influencia subsequentemente as narrativas do presente e do passado como pontos de referência. Ao assumir autonomia sobre os discursos futuros, o afrofuturismo torna-se um meio tangível de se envolver nas lutas do presente, incluindo o planejamento e a contestação desse futuro imaginado. Este fenômeno multifacetado engloba a expressão artística, o lúdico e o reino da fantasia, deslocando efetivamente o campo de batalha para domínios alternativos. Simultaneamente, estas narrativas têm o peso de abordar as questões mais prementes que os afro-descendentes enfrentam de uma forma profunda e pungente.

O afrofuturismo desempenha um papel fundamental na cultura contemporânea ao reivindicar o controle narrativo das histórias para indivíduos de raça negra. Trata-se de um processo que começa pela imaginação de novos futuros, mas que também influencia as narrativas do presente e do passado, servindo como referência. Ao assumir a autonomia dos discursos sobre o futuro, torna-se possível engajar-se nas lutas do presente, incluindo o planejamento e a contestação desse futuro desejado. Esse movimento transcende a arte, o lúdico e a fantasia, deslocando a luta para outros campos. Simultaneamente, as questões mais urgentes para os afrodescendentes permeiam essas narrativas de forma intensa. Um exemplo são os filmes que abordam a violência policial e estatal contra os negros, como "Branco Sai, Preto Fica" (2014) e "Rapsódia para um Homem Negro" (2015) no contexto brasileiro, ou "Bem-vindo ao Terrordome" (1995) e "Robôs de Brixton" (2011) no contexto inglês. Esses filmes exploram estratégias e formas variadas de ficção especulativa para abordar essa questão, porém todos eles estão profundamente enraizados em um dos problemas mais cruciais enfrentados pelas populações negras nos grandes centros. Até o momento, muitas obras afrofuturistas têm relacionado a negritude a aspectos da ciência e da ficção especulativa, contando histórias de opressão racial e

propondo novas possibilidades para a inclusão da negritude e das diferenças raciais no passado, presente e futuro.

Como características fundamentais do afrofuturismo em qualquer forma de mídia, podemos citar, em primeiro lugar, a presença da tecnologia, seja localizada cronologicamente no futuro ou não, e a valorização das culturas de matriz africana. Desde o final do século XX e início do século XXI, com eventos como o 11 de setembro e o declínio do boom digital dos anos 90, a World Wide Web passou por uma transição significativa. A partir de uma pesquisa estática e apenas leitura, no meio da primeira década, ela evoluiu para um ambiente de mídia social caracterizado por plataformas como Facebook, YouTube, Twitter, Google e Wikipedia. Paralelamente, a era 1.0 da web foi retratada como uma zona neutra em termos de raça e gênero, com o potencial utópico de transformar a sociedade (Berners-Lee, Hendler e Lassila, 2001).

No entanto, como observou Alondra Nelson (2002), as distinções de raça e gênero não foram eliminadas pela tecnologia, e a narrativa fundadora da era digital revelou desigualdades inerentes à chamada divisão digital. Outros acadêmicos, como Alex Weheliye (2002), Kali Tal (1996), Anna Everett (2002) e Ron Eglash (2002), destacaram que a raça não era um fator passivo no novo século, contrariando a narrativa convencional. É importante ressaltar que o afrofuturismo não é um gênero literário ou narrativo, mas sim uma corrente artística, o que significa que ele pode ser aplicado de maneiras diversas nas diferentes formas de arte. Explorar o conceito de afrofuturismo e dos espaços afrofuturistas é de extrema importância, pois permite dar visibilidade a indivíduos historicamente invisibilizados nos meios de comunicação, em particular na academia. Essa abordagem se torna essencial na luta contra a tendência de embranquecimento da sociedade. Vale ressaltar que essa luta não é direcionada contra indivíduos específicos, mas sim contra um sistema que negligencia a capacidade intelectual e o potencial econômico de um povo com base em sua raça.

Kodwo Eshun (2003), escritor e cineasta, emerge como uma voz significativa sobre o tema do afrofuturismo. Eshun destaca que o afrofuturismo não se trata simplesmente de adicionar mais personagens negras a narrativas de ficção científica, mas sim de reconhecer que pessoas negras já vivenciam as situações imaginadas pelos autores desse gênero. Para Eshun, o afrofuturismo

é um programa que visa resgatar histórias de contrafuturos criados em um século que é hostil à projeção da diáspora africana (ESHUN, 2003, p. 301). Ao longo dos primeiros anos, o conceito de afrofuturismo recebeu diversas abordagens, variando de acordo com o enfoque e os interesses envolvidos. Mesmo nos Estados Unidos, a abordagem crítica em relação ao afrofuturismo é relativamente recente, com menos de 30 anos de existência. Como um movimento artístico amplo, presente na literatura, no cinema, na música e nas artes plásticas, ainda há muito a ser feito e questionado no contexto do afrofuturismo.

O afrofuturismo possui um potencial narrativo transformador, capaz de desafiar as convenções da realidade e questionar os problemas do presente, ao mesmo tempo em que projeta futuros alternativos. Sua capacidade de resgatar passados apagados e oferecer novos parâmetros de expectativa para pessoas negras é evidenciada. No entanto, é fundamental compreender que o protagonismo negro no afrofuturismo vai além das personagens representadas, abrangendo também os criadores e produtores das obras. Nesse sentido, é ressaltado que o afrofuturismo não pode ser realizado por pessoas brancas, mesmo que elas incorporem todos os outros elementos mencionados. A centralidade negra é essencial para além das obras, uma vez que o afrofuturismo surge da necessidade de ouvir as histórias das pessoas negras sobre ficção especulativa, tecnologia e concepções de futuro. Portanto, é crucial compreender que o afrofuturismo não se resume à mera combinação de futurismo com a África. Esses dois movimentos são completamente distintos. Ao comparar o afrofuturismo com o futurismo, como discutido por Richard Humphreys, fica evidente que o futurismo italiano, com sua ênfase na ideia de futuro e modernização da Itália, rejeitava o passado, glorificava a guerra e promovia crenças higienistas e perspectivas machistas, contribuindo até mesmo com o fascismo. Essas características são diametralmente opostas ao que o afrofuturismo propõe, destacando sua natureza contrária à visão futurista italiana do século XX. Podemos concluir que o afrofuturismo, ao oferecer uma perspectiva única e empoderadora para pessoas negras, se destaca como um movimento artístico e cultural que busca ampliar as vozes e narrativas marginalizadas, rejeitando ideias opressivas e promovendo um futuro inclusivo e transformador.

A produção de ficção especulativa e a autoria negra enfrentam marginalização no campo literário, tanto em relação à publicação em grandes editoras quanto à escassez de estudos acadêmicos sobre esses dois temas. Embora tenham ocorrido algumas mudanças e melhorias nos últimos anos, é crucial reconhecer que o afrofuturismo ocupa um lugar duplamente desvalorizado devido à combinação do racismo com a marginalização do gênero especulativo. Poucos são os autores negros de ficção especulativa que já tivemos a oportunidade de ler, assim como poucas são as autoras negras nesse gênero, mesmo para aqueles que estão mais familiarizados com essas temáticas.

No contexto brasileiro, algumas editoras, especialmente a Morro Branco, têm trabalhado para diminuir essa disparidade, traduzindo para o português obras de autores renomados como Octavia E. Butler, N. K. Jemisin, Samuel R. Delany, Victor LaValle, Nnedi Okorafor e Tomi Adeyemi. Essas iniciativas contribuem para ampliar o acesso e a visibilidade da produção afrofuturista, rompendo com a exclusão histórica e promovendo uma maior representatividade no cenário literário. No entanto, ainda há um longo caminho a percorrer para combater efetivamente as desigualdades e garantir um espaço mais justo e inclusivo para a ficção especulativa e a autoria negra.

Existe uma significativa dificuldade em encontrar nos produtos de ficção narrativas futuristas que reflitam as culturas africanas, afrodescendentes ou afro-influenciadas, sem recorrer a abordagens coloniais. No entanto, o afrofuturismo tem o potencial de criar imaginários compartilhados na África. É essencial reconhecer que a África é um continente diverso, com uma arquitetura e contextos variados que transcendem os estereótipos propagados pelo imaginário coletivo ocidental.

O conceito de criatividade tecnológica vernácula negra, introduzido por Fouché (2006), se refere à intersecção entre as narrativas baseadas nas formas vernáculas africanas e a tecnologia futurista. Nesse contexto, o crítico afrodescendente americano Amiri Baraka propõe a ideia de "Technology and Ethos", incentivando os afro-americanos a repensarem sua relação com a tecnologia, redefinindo-a de acordo com sua cultura. Através de declarações tecnológicas negras enraizadas nas culturas e comunidades afrodescendentes,

as abordagens técnicas serão sensíveis às realidades da vida negra nas sociedades ocidentais.

Dessa forma, o afrofuturismo oferece uma plataforma para a criação de narrativas futuristas que valorizam e celebram as culturas africanas e afrodescendentes, ao mesmo tempo em que abordam as experiências e desafios vividos por essas comunidades nas sociedades ocidentais. Essa abordagem promove uma visão mais inclusiva e autêntica do futuro, resgatando as tradições culturais e redefinindo o papel da tecnologia dentro de um contexto afrocentrado. No entanto, é necessário um esforço contínuo para ampliar o espaço e a visibilidade dessas narrativas, superando as barreiras impostas pela marginalização e estereotipagem.

Na tese de Anderson e E. Jones (2016), a criatividade afrofuturista é abordada por meio de três eixos metodológicos distintos, importantes para a presente dissertação. O primeiro eixo, denominado reapropriação, refere-se à prática dos afrofuturistas de resgatar artefatos culturais, frequentemente com o intuito de confrontar sistemas sociais ou políticos dominantes. Os artistas da diáspora africana recuperam e adaptam símbolos e sistemas tradicionais, incorporando-os em suas práticas profissionais e pessoais.

O segundo método, denominado improvisação, diz respeito à capacidade de executar, criar, resolver problemas ou reagir de forma espontânea, em resposta ao ambiente e aos sentimentos internos. A improvisação resulta na invenção de novas práticas, obras de arte e formas de ação.

O terceiro método é a reinvenção do eu. Nesse contexto, a noção de identidade é central, referindo-se à essência ou ser essencial de uma pessoa. Os artistas frequentemente questionam suposições e estereótipos comuns, explorando a autoconsciência, a representação e o significado de ser artista em seu trabalho. Sun Ra cunhou o termo "ciência dos mitos" para explicar o processo de recriação de si mesmo em um contexto de opressão, explorando a reinvenção da identidade por meio da criação de uma personalidade ou avatar alternativo. Sun Ra era um músico de jazz, compositor e filósofo afrofuturista, conhecido por suas ideias e explorações criativas que transcendiam as fronteiras da música e se estendiam a conceitos cósmicos e espirituais. Sun Ra acreditava na importância dos mitos como ferramentas para a compreensão da realidade e para a transformação social. Ele propôs a "ciência dos mitos" como uma

abordagem que combinava elementos míticos, espirituais e científicos para explorar a natureza da existência humana e a busca por uma realidade mais elevada. Através da "ciência dos mitos", Sun Ra procurava transcender as limitações impostas pela sociedade e explorar possibilidades futuras alternativas. Seus ideais e visões influenciaram significativamente o movimento afrofuturista, ao destacar a importância da criatividade, da imaginação e da espiritualidade na busca por novas narrativas e futuros possíveis para a comunidade afrodescendente.

A perspectiva de uma África livre de restrições e tecnologicamente avançada representa uma construção mental que impulsiona a visão futura. Essa abordagem é considerada ideal para explorar a visão afrofuturista, onde os indivíduos de ascendência africana assumem o papel de protagonistas nas narrativas formuladas. Por meio dessas narrativas, a África é projetada como um espaço de possibilidades e transformações.

Os afrofuturistas utilizam avatares digitais e não digitais como ferramentas para a transcendência, a reinvenção ou para existir e se movimentar entre diferentes mundos ou realidades.

Essas práticas representam formas de ação adotadas pela rede de indivíduos africanos e afrodescendentes engajados no afrofuturismo. Ao explorar a criatividade tecno-vernácula e suas metodologias, os afrofuturistas buscam redefinir narrativas e expressões artísticas que desafiam e subvertem estruturas opressivas, contribuindo para a construção de identidades emancipatórias e empoderadoras.

4.1 Confluência entre afrofuturismo e a ficção de William Gibson

O afrofuturismo e o romance "Neuromancer" podem ser relacionados de diferentes maneiras, apesar de possuírem abordagens distintas. Uma maneira de relacionar o afrofuturismo com "Neuromancer" é por meio da análise dos temas abordados. Ambos exploram a relação entre humanos e tecnologia, bem como as implicações sociais, políticas e existenciais dessa interação. Enquanto o afrofuturismo pode se concentrar em questões de identidade racial, poder e justiça social, "Neuromancer" trata de temas como a fusão entre humanos e máquinas, a dependência da tecnologia e as consequências da manipulação e

controle de dados. Outro ponto de conexão é a noção de resistência e empoderamento. O afrofuturismo busca reimaginar a história e a cultura afrodescendente, criando narrativas de resiliência e afirmação da identidade negra. Da mesma forma, "Neuromancer" retrata personagens marginalizados e hackers que desafiam o sistema, lutando contra as estruturas de poder opressivas. Ambos abordam a capacidade de indivíduos e comunidades de resistir e subverter as condições desfavoráveis impostas pelo contexto sociopolítico e tecnológico. Além disso, é interessante considerar como a estética e o estilo narrativo de "Neuromancer" podem dialogar com o afrofuturismo. Ambos incorporam elementos de imaginação especulativa, com visões de futuros alternativos e possibilidades disruptivas. A fusão entre tecnologia, cultura e criatividade presentes em "Neuromancer" pode ecoar alguns aspectos da abordagem afrofuturista, que busca transcender as limitações históricas e sociais por meio de narrativas e estéticas inovadoras.

Tanto o afrofuturismo quanto "Neuromancer" exploram a relação complexa entre humanos e tecnologia. O afrofuturismo, ao incorporar elementos da ficção científica, examina como a tecnologia pode ser usada para empoderar e redefinir a experiência negra. Por sua vez, "Neuromancer" apresenta um mundo onde a tecnologia do ciberespaço desempenha um papel central, questionando os limites da identidade humana e a influência das corporações na sociedade.

Em ambas as obras, há uma crítica às estruturas de poder existentes. O afrofuturismo busca desafiar e subverter narrativas dominantes, propondo futuros alternativos e possibilidades de libertação. Em "Neuromancer", os personagens enfrentam sistemas opressivos e buscam resistir ao controle corporativo, revelando as contradições e perigos da tecnologia quando nas mãos erradas.

Outra conexão importante entre o afrofuturismo e "Neuromancer" é a importância da especulação imaginativa. Ambas as obras convidam os leitores a questionar e repensar os paradigmas existentes, desafiando as noções convencionais de realidade e futuro. Tanto o afrofuturismo quanto "Neuromancer" incentivam a expansão da imaginação, explorando possibilidades futuras e criando narrativas que transcendem as limitações do presente.

A população negra, após o colonialismo, encontrou-se em um contexto pós-apocalíptico contínuo, uma realidade descrita sob uma perspectiva afrofuturista que enxerga os resquícios da escravidão. Nesse sentido, a escritora jamaicana Nalo Hopkinson destaca que "para pessoas que estão sobrevivendo aos efeitos do colonialismo e da globalização, o apocalipse já aconteceu" (HOPKINSON, 2017). Ela ressalta que a ideia de distopia e catástrofe é frequentemente associada a algo que ocorre em outro lugar, quando na verdade esses eventos ocorrem diariamente em todo o mundo. Essa perspectiva nos permite analisar o racismo, genocídio, violência, desemprego, entre outros fatores, como elementos que tornam o mundo inóspito para pessoas negras, criando uma verdadeira distopia. Portanto, é de extrema importância considerar essas questões ao construir uma ficção científica distópica protagonizada por personagens negras.

Nesse contexto, Womack (2013) apresenta o trabalho de Adrienne Maree Brown, ativista estadunidense que, inspirada pelos livros da série "Sementes da Terra" de Octavia E. Butler, decidiu ensinar estratégias básicas de sobrevivência para pessoas que vivem em comunidades com recursos escassos. Essas estratégias incluem habilidades relacionadas ao cultivo de alimentos, primeiros socorros, assistência ao parto e manutenção de relacionamentos saudáveis com vizinhos. O primeiro romance da série, "A parábola do semeador" (2018 [1993]), exemplifica bem a literatura afrofuturista, pois não apenas leva em consideração a realidade da população negra, mas também se mantém relevante mesmo após anos de sua publicação original, dialogando com questões contemporâneas. A narrativa epistolar, composta pelos diários da protagonista Lauren Oya Olamina, retrata um futuro próximo marcado pela violência e escassez de recursos naturais decorrentes de uma crise ambiental e econômica. Lauren descreve seus dias focados na necessidade de sobreviver e se adaptar constantemente às condições impostas. Octavia E. Butler não ignora as implicações que uma mulher enfrentaria nesse contexto apocalíptico, pois a tragédia em si não elimina as diferenças de raça e gênero, mas sim as acentua. A protagonista possui plena consciência de como é percebida pelo mundo e de como as relações de poder são estabelecidas, o que a torna mais preparada para enfrentar as adversidades.

Ao considerar a analogia entre o colonialismo e um apocalipse, é relevante concordar com a afirmação de Sun Ra de que não há lugar seguro

para pessoas negras no planeta Terra. No entanto, é importante destacar que essa ideia é perigosa, pois se aproxima do argumento equivocado de que pessoas negras devem "voltar para África" por não encontrarem um lugar ou pertencimento nas Américas. Sun Ra, uma figura central do afrofuturismo e considerado um pioneiro do movimento, explorava uma persona para além dos palcos, afirmando ser um alienígena de Saturno. Seu trabalho foi interpretado sob uma perspectiva afrofuturista logo após a criação do termo por Mary Dery. O filme "Space is the Place" (1974), dirigido por John Coney, explora esses aspectos da vida e carreira de Sun Ra. No filme, interpretando a si mesmo, Sun Ra vem à Terra para recrutar pessoas negras por meio da música e levá-las em sua nave espacial para a liberdade e segurança que apenas o espaço sideral poderia oferecer, assim como os rastafaris na obra *Neuromancer*. Ambos Sun Ra e a estação espacial Zion representam espaços de liberdade e resistência em suas respectivas obras. Eles desafiam as normas estabelecidas, criando possibilidades de emancipação e expressão para aqueles que estão à margem da sociedade. Sun Ra, por meio de sua música e visão artística, evoca um futuro utópico que transcende as limitações da Terra, enquanto a estação espacial Zion em *Neuromancer* é um refúgio para aqueles que buscam escapar das amarras da sociedade controlada pelas corporações. Embora existam diferenças significativas entre esses dois elementos, eles compartilham uma busca pela liberdade e uma visão alternativa do futuro.

Buscando ainda outra relação, tanto o músico Sun Ra quanto Maelcum, uma das personagens centrais de *Neuromancer*, de William Gibson, têm uma relação profunda com a música e a espiritualidade. Sun Ra era conhecido por sua música experimental e suas performances intensas, que exploravam conceitos cósmicos e espirituais. Da mesma forma, Maelcum é retratado como um músico habilidoso e espiritualmente conectado, cuja música é uma forma de expressão e conexão com suas origens culturais. Outro ponto de conexão é a noção de resistência e luta contra o sistema opressivo. Sun Ra, em suas músicas e discursos, frequentemente abordava questões de opressão racial e social, defendendo a libertação e o empoderamento do povo negro. Maelcum, por sua vez, é parte da tripulação de Zion, uma comunidade hacker que se rebela contra as corporações e busca autonomia e liberdade no mundo cyberpunk de

Neuromancer. Ambos representam uma resistência afro-diaspórica contra as estruturas de poder que limitam e marginalizam suas comunidades.

Embora Sun Ra seja uma figura real da música e Maelcum seja um personagem fictício, a relação entre eles pode ser explorada sob a perspectiva do afrofuturismo e da afrocentricidade. Ambos personificam uma busca por uma identidade afro-diaspórica autêntica, uma conexão espiritual profunda e uma luta contra a opressão, mesmo em contextos diferentes. Sua presença e expressão desafiam as normas predominantes e contribuem para a construção de narrativas e imaginários afrofuturistas que ampliam as possibilidades de libertação e transformação.

Em um mundo repleto de desigualdades, a construção de uma sociedade mais justa e ideal pode parecer um desafio inalcançável. No entanto, o exercício de imaginação desempenha um papel fundamental nesse processo. É por meio da ficção científica que podemos explorar e discutir um mundo sem prisões, violência policial, onde todos têm acesso a necessidades básicas, como comida, roupas, abrigo e educação de qualidade. É um mundo livre de sistemas de opressão, como a supremacia branca, o patriarcado, o capitalismo e o heterossexismo.

A ausência de protagonistas negros em narrativas, tanto no contexto especulativo quanto em outras formas de expressão, é uma evidência constante do lugar que a sociedade espera que essas pessoas ocupem, ou que não ocupem. Embora uma perspectiva crítica seja uma abordagem produtiva para enfrentar a falta de representação ou a construção problemática de personagens negras, ela por si só não é suficiente. O afrofuturismo não deve ser apenas um instrumento para preencher essas lacunas, mas também atender à necessidade de construir narrativas que retratem pessoas negras no contexto da ficção especulativa.

O movimento afrofuturista enfrenta o desafio de usar seus elementos distintivos para projetar imagens futuras para um povo cujo passado foi sistematicamente apagado. A persistência de um sistema racista dificulta a identificação cultural, a conexão com as tradições e a ancestralidade. Como afirmou Abdias Nascimento (1978), renomado professor e escritor, as classes dominantes brancas empregam poderosos mecanismos de controle social e cultural, como o sistema educacional, os meios de comunicação de massa e a

produção literária, para destruir a identidade negra e sua capacidade de criar e conduzir sua própria cultura.

Assim, resgatar, por meio de narrativas ficcionais, o que foi roubado e apagado da história dos povos negros é uma maneira de preservar e conduzir uma cultura própria. Nesse sentido, a ação de resgate assume um caráter afrofuturista, pois, como enfatizado por Womack, a teoria crítica também desempenha um papel importante nesse movimento. Através da mitologia e da ciência, o resgate cultural se torna uma manifestação do afrofuturismo, que busca desafiar as estruturas opressivas e reconstruir narrativas que celebrem a identidade e a contribuição dos povos negros.

A desvalorização da tecnologia desenvolvida por povos negros antigos e a crença na teoria de que alienígenas foram responsáveis pela construção das pirâmides do Egito são exemplos de um pensamento racista enraizado na sociedade. Essa visão perpetua estereótipos negativos, como a ideia de que pessoas negras não são adeptas ou não possuem habilidades no campo da tecnologia. Essa desvalorização do conhecimento e das conquistas dos povos africanos antigos também se reflete no apagamento dos feitos, invenções, conquistas e descobertas de cientistas negros e negras ao longo da história mais recente.

Essa analogia nos convida a refletir sobre a forma como a contribuição das pessoas negras para o desenvolvimento tecnológico tem sido subestimada e marginalizada. É essencial reconhecer e valorizar o conhecimento e as realizações desses indivíduos, tanto no passado quanto no presente, e combater os preconceitos e estereótipos que negam sua capacidade e expertise no campo da tecnologia.

Ao desafiar essas ideias preconceituosas e promover uma perspectiva inclusiva e igualitária, podemos ampliar a compreensão da importância do conhecimento científico e tecnológico nas sociedades contemporâneas, reconhecendo a contribuição diversa e significativa de pessoas negras nesses campos. Isso também se relaciona com o afrofuturismo, que busca romper com as narrativas estereotipadas e construir um futuro no qual as pessoas negras sejam valorizadas e representadas em todas as áreas, incluindo a tecnologia.

4.2. Raça e cyberpunk: identidades diversas em Neuromancer

A maior parte dos romances de ficção científica e cyberpunk giram em torno da mente, do corpo e do controle que a tecnologia exerce numa sociedade que é normalmente sombria e injusta. A maior parte dos locais nos romances e filmes de ficção científica passa-se em cenários com características maioritariamente marcados pelo exotismo da raça, para demarcar as características das personagens. O clássico *Neuromancer*, de William Gibson, de 1984, é o exemplo perfeito disso. Usando *Neuromancer* e outros tipos de cyberpunk e ficção científica, podemos encontrar muitas influências culturais não brancas, com apenas personagens principais brancos.

O romance futurista de Gibson centra-se em Case, um ex-cowboy hacker, que está desempregado há alguns anos por ter quebrado as regras daquela sociedade, traficando e vendendo informações. Não sabemos muito além do que Gibson nos apresenta inicialmente de Case e é apenas com a sua história de motivações egoístas que lidamos, nunca nos é dada uma descrição da sua aparência ou da sua etnia. Nós, como leitores, podemos então presumir que Case é branco, visto que Gibson torna-o bem determinado quando uma personagem não branca é introduzida no romance. A única das nossas personagens principais que parece ter uma descrição grande e aprofundada é a hacker Molly, com lâminas embutidas em suas unhas e óculos cirurgicamente implantados. Embora tenhamos esta descrição de Molly, não podemos dizer com certeza que ela é branca ou não, devido a todos os avanços tecnológicos efetuados no seu rosto e corpo. Por isso, mesmo que ela seja negra como alguns fóruns da internet apontam, não conseguimos ver a relação direta entre o corpo e a tecnologia que transformou o seu corpo cirurgicamente.

De acordo com Deleuze e Guattari (1997a, p. 163), é responsabilidade da Filosofia criar conceitos, enquanto a ciência busca a referência desses conceitos. A diferença fundamental entre elas reside nos pressupostos de conceito e função: a Filosofia opera em um plano de imanência ou consistência, enquanto a ciência opera em um plano de referência ou coordenação. A Arte, por sua vez, situa-se no plano da composição. A Filosofia é responsável pela criação dos conceitos, independentemente do seu plano de referência ou figura. A imanência dos conceitos permite a sua livre circulação nos acontecimentos, tornando-se um devir. Os conceitos pertencem à Filosofia porque ela os cria e

está em constante processo de criação. No plano de referência, encontramos a figura, o objeto e a explicação desses objetos. Assim, a ciência se manifesta em um discurso explicativo sobre as funções dos conceitos ou sobre os estados de coisas em que eles se encarnam. A Filosofia opera por meio de conceitos, enquanto a ciência trabalha com figuras, que são projetivas, hierárquicas e referenciais. Em contrapartida, os conceitos são conectados, e consistentes. Apesar dessa divisão de trabalho entre cientistas, filósofos e artistas, pode surgir uma matriz comum que estabelece relações de conexão entre eles (Deleuze e Guattari, 1997a). A proposta de ciberespaço, idealizada por Gibson pode ser considerada essa matriz, capaz de transcender e permitir um sobrevoar.

Tal como muitas narrativas Cyberpunk dos anos 80, *Neuromancer* passa-se num futuro com um forte imaginário racial. *Neuromancer* parece ser multicultural, a sua falta de personagens principais ou mesmo periféricas que não sejam brancas assinala as limitações do cyberpunk como gênero quando se trata de representar a diversidade étnica e racial de forma significativa. A identidade racial é muito importante na ficção Cyberpunk. Um dos principais temas do cyberpunk é a forma como a tecnologia afeta o corpo e a mente, provocando assim uma mudança na identidade pessoal. O corpo torna-se complicado e problemático, alterando a forma como encaramos a identidade pessoal. Isto traz-nos a identidade racial e a forma como a veremos no futuro. Assim a identidade racial acaba por ser solidificada na narrativa cyberpunk de William Gibson, porque sem ela não teríamos fronteiras instáveis entre a mente e o corpo. Uma vez que este é um dos principais temas da ficção cyberpunk, porque é que Gibson optou por ignorar esta importante característica da ficção cyberpunk?

Falta-lhes a mesma ligação que Case e Molly têm com o mundo que os rodeia. Embora os africanos ainda existam no mundo do ciberespaço de Gibson, é evidente que não têm outro objetivo no que diz respeito à tecnologia que não seja o de trabalhadores, pilotos de nave, construtores de estação espacial como Zion. Isto contribui para o estereótipo de que, embora os negros sejam responsáveis pela manipulação da tecnologia de alta ponta, cabe aos brancos utilizá-la e "salvar" o mundo, pois as personagens negras se detêm em misticismos e tradição.

Este não é o único estereótipo que Gibson apresenta no seu romance. O outro é o personagem Maelcum. Maelcum é uma das poucas personagens do romance que não é branca. No entanto, Maelcum é um dos personagens centrais no romance "Neuromancer" de William Gibson. Ele é um membro da tribo rastafári Zion, uma comunidade localizada na estação espacial Freeside. Localizada em órbita terrestre, Freeside é retratada como uma cidade orbital de luxo e extravagância, controlada por poderosas corporações. Freeside é descrita como um lugar de extremo contraste entre opulência e desigualdade. A estação espacial é dividida em diferentes camadas, cada uma com seu próprio propósito e características distintas. A parte superior de Freeside é ocupada pelas elites, onde estão localizados os clubes noturnos, residências de luxo e outros estabelecimentos exclusivos. Já a parte inferior da estação é habitada por pessoas marginalizadas e empobrecidas, que vivem em condições precárias. A estação espacial funciona como um centro de entretenimento, com jogos de azar, prostituição virtual e outras atividades ilegais ocorrendo nos bastidores. Freeside é um lugar onde as regras do mundo corporativo são flexíveis e a tecnologia está em constante uso para satisfazer os desejos dos privilegiados. No contexto da história, Freeside serve como um importante ponto de encontro e local de negociações para os personagens principais. É lá que Case, o protagonista, encontra Armitage, seu empregador, e outros membros da equipe. A estação espacial também desempenha um papel fundamental na trama, fornecendo acesso ao ciberespaço e sendo palco de confrontos entre os personagens. Além de ser um cenário físico, Freeside representa uma crítica social e econômica. A desigualdade extrema retratada na estação espacial reflete as disparidades de poder e riqueza presentes na sociedade retratada por Gibson. Através de Freeside, o autor aborda temas como o domínio corporativo, a exploração das classes mais pobres e as consequências da ganância e do consumismo desenfreado.

Maelcum é um habilidoso piloto de barcos espaciais e é retratado como um homem forte e corajoso, com cabelos trançados e dreadlocks. Embora a utilização de um rastafari como guia da narrativa pareça um pouco antiquada no mundo futurista em que Neuromancer decorre, lembra-nos mais uma vez a cultura africana que rodeia o romance. Maelcum é um rastafári jamaicano, forte e habilidoso, com uma personalidade calma e reservada. Esta descrição é

básica e clichê. É evidente que Gibson quis fazer passar a ideia de que Maelcum é o clássico guerreiro pela liberdade que já vimos muitas vezes em Hollywood e noutras narrativas que relacionam resistência negra e o movimento dos panteras negras.

No livro, Maelcum é descrito como um homem alto e musculoso, com dreadlocks longos e grossos que caem pelas costas. Ele usa roupas simples, como uma calça e jaqueta de couro, e exibe várias tatuagens em seu corpo, incluindo símbolos rastafáris. Usando a ferramenta online "Voyant", pude registrar as muitas vezes que as palavras "africano" e "rastafári" apareceram no romance "Neuromancer". Estas apareceram mais do que uma vez ao longo do romance, o que era o que eu esperava. No entanto, enquanto lia o romance, não me lembrava se a palavra "caucasiano" aparecia no romance e, depois de a introduzir no Voyant, descobri que não aparecia de todo. A questão principal aqui é porque Gibson opta por ignorar o fato de as suas personagens principais serem brancas, mas recusa-se a estabelecer qualquer relação entre as personagens racialmente diversas e a tecnologia no seu romance? Será que ele quer concentrar-se num futuro sem raça? Apesar de sempre que uma pessoa de cor é introduzida, ele torna-o bem evidente. Ou será que ele quer manter vivo o estereótipo antiquado, apesar de estarmos no futuro? E quanto aos outros grupos racialmente diversos do romance? Poderíamos dizer o mesmo em relação a eles?

As personagens negras de Neuromancer são mais que mediadores, de fato até têm uma relação física com a tecnologia, na medida em que também fazem uso de implantes e conexões com as máquinas, mas creio que a verdadeira questão deste grupo é a relação com a mente e não com o corpo. Os rastafaris desempenham provavelmente o papel mais importante no romance, entre todos os outros grupos minoritários que são apresentados no romance. Nós, enquanto público, olhamos demasiado para estas personagens e não conseguimos ver o que elas realmente destacam no romance. É claro que Gibson parece manter a imagem estereotipada da cultura rastafári quando Molly dá a Case alguma informação sobre eles. Os resume a seus cabelos dreadados, rastas e que tem a liberdade escancarada no consumo de cigarros e liberdade. Estas são coisas normais para alguém que se relaciona com qualquer tipo de grupo rastafári, mas Gibson parece compensar isso quando conta a sua história

de rebelião. A colônia de Zion fora fundada por cinco trabalhadores que se recusaram a regressar após o término de seu contrato com uma multinacional que não viu mais lucros suficientes na manutenção de sua estação espacial. Em suma, no romance, os trabalhadores são deixados à própria sorte, abandonados, sofrendo os rigores do espaço e sobrevivem pela força de vontade, mesmo com a perda de cálcio dos ossos e encolhimento do coração. Esta passagem não só mostra a natureza rebelde que os rastafarianos tinham no passado devido à sua causa de libertação dos negros, como também mostra a sua dependência da tecnologia que se recusam a abandonar depois de tantos sacrifícios empreendidos.

Embora os rastafaris se apoiem fortemente na utilização da tecnologia, continuam a manter-se fiéis às raízes da sua cultura. "O casco improvisado de Zion lembrava a Case os cortiços de Istambul, as placas irregulares e descoloridas, desenhadas a laser com símbolos rastafaris." (Gibson, 2023). Gibson está mais uma vez ligando o passado ao futuro. Ao ligar o uso da religião rastafári, podemos ver que a ligação entre os sionistas e a tecnologia é completamente mental e espiritual. E, embora Gibson não tivesse a intenção de usar os rastafaris desta forma, é fácil perceber porque é que os usou. Na história, a cultura rastafariana foi fundada e centrada na libertação das pessoas negras. Gibson mantém este aspecto do povo através da sua história de origem e aplica-o à libertação que Case e Molly procuram. Para não falar do nome do navio que Maelcum tem, chamado "The Tug Marcus Garvey", que é claramente o nome do líder político jamaicano Marcus Mosiah Garvey, que lutou pela libertação dos negros, pelo nacionalismo e pelo pan-africanismo. Devido à história da cultura, Gibson os utiliza para ajudar Molly e Case a chegar ao estrangeiro no navio Villa Straylight.

Como já foi referido, os sionistas têm uma ligação mais espiritual com o mundo que os rodeia, ao contrário de todas as outras personagens do romance. Nenhuma das outras personagens parece falar de qualquer tipo de Deus ou deuses, para além de um palavrão ocasional. Devido à sua cultura, acreditam em Deuses, e até acreditam que a personagem Wintermute é um Deus quando se deparam pela primeira vez com a sua mensagem, em vez de pensarem que ele é uma I.A. Enquanto os rastafari têm de ter uma relação entre os seus corpos e a tecnologia, parece faltar-lhes a relação mental que as personagens brancas

têm com a tecnologia. As suas mentes vêem a tecnologia de forma diferente, como se não houvesse uma relação entre as mentes dos rastafari e a tecnologia que utilizam para sobreviver. Eles percebem que a I.A. Wintermute é um Deus, porque nunca interagem diretamente com esse tipo de tecnologia.

A personagem Case, até experimenta a mesma ligação que os sionistas têm quando morre e a música dub, também de referencial afro, de alguma forma o traz de volta. Sem a música de adoração a tocar de fundo, Case não teria sido capaz de escapar à matriz em que uma das I.A. o aprisionou. "A música acordou-o e, no início, pode ter sido o bater do seu próprio coração" (Gibson, 2023). De certa forma, isto mostra que a cultura rastafári em *Neuromancer* tem um efeito maior na mente, apesar de os rastafári precisarem da tecnologia para sobreviver. Embora tenham uma relação estranha com a tecnologia e o ciberespaço, ainda lhes falta a ligação e a relação que as nossas personagens brancas têm. As personagens brancas não só são capazes de interagir com o ciberespaço, como também o compreendem, relegando as personagens negras em *Neuromancer* a um estado de torpor religioso ou insensatez.

Os Panteras Modernas, grupo simbolizam claramente o partido dos Panteras Negras, que teve início nos anos 1966 e representava a autodefesa, o partido revolucionário afro-americano.. Os Modernos eram mercenários, brincalhões práticos, tecno fetichistas niilistas" (Gibson, 2023). E enquanto os Modernos colocados para representar o partido dos Panteras Negras, Gibson muda mais uma vez a aparência destes personagens para que não pareçam humanas, muito menos afro-americanas. "O seu rosto era um simples enxerto feito de colagénio e polissacáridos de cartilagem de tubarão, liso e hediondo. Era uma das peças mais desagradáveis de cirurgia eletiva que Case alguma vez vira. Quando Angelo sorriu, revelou os caninos afiados de um animal de grande porte" (Gibson, 2023). Se considerarmos que Gibson está usando o Partido dos Panteras Negras como referência original para os Panteras Modernas, então poderíamos dizer que está a animalizar seus personagens? Estará Gibson desumanizando estas pessoas porque é racista? Ou porque, tal como no futuro que criou, não vê raça. Apenas pessoas com transformações loucas devido à tecnologia e aos avanços médicos? Poderíamos dizer o mesmo de Molly, como já referi anteriormente ao longo desta dissertação ? Será que Gibson usa as cirurgias eletivas no romance para esconder a raça? Talvez sim, talvez não, mas

esta parece ser a sua única interação com a tecnologia. Quando ajudam Case e Molly a roubar a flatline, os Panteras Modernos estão lá principalmente para criar uma distração para o pessoal da segurança. São outro grupo que não parece ser capaz de entrar no ciberespaço no *Neuromancer* de Gibson. No entanto, sem o líder dos Modernos, nunca teríamos o nome "Wintermute". Nunca nos é dito como é que o Wonderboy recebeu a mensagem, apenas que se destinava a Case. Isto levanta a questão de saber se eles são ou não capazes de entrar no ciberespaço, o que seria meramente especulativo de nossa parte apontar. De fato, nunca nos é dito o contrário.

A cultura popular negra é um espaço contraditório, local de contestação estratégica, não podendo ser explicado em binarismos simples (HALL, 2018, p. 379). Na nova ordem, as identidades sociais, segundo Canclini,

“Estruturam-se menos pela lógica dos Estados do que pela dos mercados; em vez de se basearem nas comunicações orais e escritas que cobriam espaços personalizados e se efetuavam através de interações próximas, operam mediante a produção industrial de cultura, sua comunicação tecnológica e pelo consumo diferido e segmentado de bens. (CANCLINI, 2001, p. 59)

Sabe-se que os Estudos Culturais têm por maiores enfoques as abordagens, problematizações e reflexões relativas à cultura, analisando a produção cultural de uma sociedade, a fim de entender o comportamento e as ideias compartilhadas pelas pessoas que nela vivem, principalmente num tempo em que se procura romper com preceitos tradicional e conservadoramente arraigados, promovendo a hibridação com novas concepções. Os Estudos Culturais se preocupam em intensificar os debates a respeito da cultura e seu significado político. É justamente o que faz Canclini, ao abordar o multiculturalismo como embate de duas forças: a teorização acadêmica construtivista, que concebe “as identidades como historicamente constituídas, imaginadas e reinventadas em processos de hibridização e transnacionalização” (CANCLINI, 2001, p. 144), e os movimentos sociopolíticos, que “absolutizam o enquadramento territorial originário das etnias e nações, fixam dogmaticamente

os traços biológicos e telúricos associados a essa origem como se fossem alheios às peripécias históricas e às mutações contemporâneas”.

Ao ler o romance cyberpunk de William Gibson, *Neuromancer*, de 1984, a raça e a identidade não são as primeiras coisas que vem à cabeça. Embora se tenha tornado uma questão importante que ainda está sendo debatida, é importante ter em conta que é um tema principal do romance, independentemente das intenções de Gibson. É difícil ignorar que, embora os locais dos romances pareçam diversificados, as personagens não o são, criando um tema problemático para a identidade pessoal que as próprias personagens negras apontam. Os rastafaris dependem da tecnologia que os rodeia para viver, mas não conseguem compreender o que ela é. Não se apercebem de que a tecnologia é artificial. Não se apercebem de que é feita pelo homem e recorrem à crença de que não é humana nem máquina, mas algum tipo de entidade espiritual. A utilização da tecnologia pelas Panteras Modernas parece tirar-lhes qualquer tipo de identidade, pois já não parecem humanos devido a todas as cirurgias tecnológicas a que foram submetidos. As cirurgias tiraram qualquer tipo de característica física de raça. No fim de contas, “*Neuromancer*” é simultaneamente consensual e imaginativo, o que significa que é simultaneamente fatos e ficção. As pessoas negras são diferentes dos brancos na aparência, mas, biologicamente, somos todos da mesma espécie. Sem o uso da raça e das identidades racializadas, não teríamos a estabilidade dos futuros pós-humanos (cyborgs) e cyberpunk. Ou seja, não teríamos o gênero cyberpunk.

Considerações Finais

O principal exercício proposto por esta dissertação foi a reflexão sobre a presença dos elementos fundantes da identidade em relação a Ficção Científica, *Neuromancer*, de William Gibson. Relacionando-os com as representações da ficção especulativa e suas propostas para um futuro da humanidade, que permearam o imaginário desde as primeiras edições das produções estadunidenses do gênero.

As justificativas por trabalhar primordialmente com o texto de William Gibson são diversas, desde a baixa frequência com que os pesquisadores o utilizam como fonte, assim como a provocação em explorar um campo pouco conhecido, em que modos de análise ainda estão por se desenvolver, somado ao desafio extra que envolveu a metodologia interdisciplinar a ser aplicada.

A trajetória da dissertação se iniciou com a apresentação de aspectos da construção de representações sobre a noção de ciberespaço no campo da ficção. A ficção científica revela-se sempre atual e contemporânea por abordar o imaginário científico presente no momento de sua produção textual. No contexto do discurso público sobre raça e tecnologia, especialmente liderado por escritores e apoiado por ciberteóricos, surgiram preocupações em relação às possíveis novas configurações sociais imaginárias que poderiam emergir graças ao avanço tecnológico. Daí a contraposição proposta pelo afrofuturismo. Enquanto a ficção científica se baseava em uma mensagem comum sobre raça e etnia, destacando o potencial desaparecimento das divisões raciais rígidas, para promover seus títulos. No entanto, o afrofuturismo como movimento artístico e cultural, evidenciou como a raça continua ocupando um lugar central nas narrativas contemporâneas sobre tecnologia, mesmo que de forma implícita ou subentendida. As representações da raça e da etnicidade na ficção científica criaram uma dissonância cognitiva, uma vez que a diversidade racial era neutralizada, mas nunca completamente eliminada. Essa alteridade era necessária para sustentar a ideologia da tecnologia que estava sendo apresentada.

Todo discurso parte de algum lugar, de um ponto de vista determinado por condições históricas, por um espaço e por um agente. É uma construção cujos autores podem ser rastreados, assim como seus interesses. Partindo disso, o pensamento de Said (1995; 2011) analisa a construção dos discursos que o Ocidente realizou sobre os povos do Oriente e África, ao que ele denominou Orientalismo, marco no campo dos estudos pós-coloniais. Em suas narrativas, Gibson apresenta um cenário globalizado onde diferentes culturas se misturam, e a tecnologia desempenha um papel central na construção dessas identidades híbridas. Ele questiona e subverte os estereótipos e as hierarquias culturais ao explorar as possibilidades e os limites da tecnologia e da interação entre seres humanos e máquinas.

Contudo, a tentativa de compreensão da produção de William Gibson estudada só foi possível mediante a busca pelo entendimento da conjuntura em que elas foram produzidas e de questões referentes ao próprio desenvolvimento da técnica e a formação das consciências produzidas a partir das lógicas do romance *Neuromancer*. Foi necessário a efeito de comparação o estudo do panóptico para uma aproximação mais importante do conceito do “intangível” ciberespaço.

No contexto da luta pela liberdade e na projeção coletiva das pessoas negras, o presente é concebido como um futuro em relação ao passado. Essa perspectiva é sustentada pela busca por contextos menos opressivos para as gerações futuras, mantendo uma conexão contínua entre ficções e noções de futuro que são constantemente criadas e compartilhadas como parte integrante de uma experiência comum. Assim, o afrofuturismo não necessita necessariamente abordar um tempo futuro para proporcionar imagens e narrativas que ressoam na população negra. O poder reside na própria narrativa, em sua recepção e em sua capacidade de oferecer cura e empoderamento.

O afrofuturismo, como uma estética literária e cultural, tem como objetivo reimaginar o futuro e oferecer uma compreensão mais profunda da experiência negra, utilizando a ficção científica e a fantasia como ferramentas. Para alcançar esse propósito, o afrofuturismo combina elementos de ficção científica, ficção especulativa e mitologia, explorando assim as questões e desafios enfrentados pelas pessoas de cor. Além disso, o afrofuturismo abrange também dimensões sônicas, reconhecendo a importância da música como meio de expressão dos temas e ideias presentes no movimento. Dessa forma, o afrofuturismo busca estabelecer uma ligação entre o passado ancestral dos afro-americanos e futuros utópicos por meio da criação de narrativas especulativas. Essas narrativas exploram as possibilidades de transformação social, cultural e tecnológica, proporcionando uma visão esperançosa e imaginativa para a comunidade negra e para a sociedade como um todo.

No contexto dos romances de ficção científica e cyberpunk, observamos uma ênfase na mente, no corpo e no controle exercido pela tecnologia em uma sociedade frequentemente sombria e injusta. No entanto, ao analisarmos obras como *Neuromancer*, de William Gibson, identificamos a presença marcante de

elementos exóticos relacionados à raça, que são utilizados para demarcar as características das personagens. Embora *Neuromancer* seja considerado multicultural, sua falta de representação significativa de personagens não brancas evidencia as limitações do gênero cyberpunk em abordar a diversidade étnica e racial de maneira substancial.

A identidade racial desempenha um papel central na ficção cyberpunk, especialmente no que se refere à forma como a tecnologia afeta o corpo e a mente, provocando mudanças na identidade pessoal. A relação entre identidade racial e a visão futurística é explorada nesse contexto, uma vez que a identidade racial é solidificada na narrativa cyberpunk para criar fronteiras instáveis entre mente e corpo. No entanto, é intrigante que Gibson tenha optado por ignorar essa característica importante da ficção cyberpunk em *Neuromancer*.

Ao examinarmos mais detalhadamente o romance, percebemos a presença de personagens com diversidade racial, embora em papéis secundários. Essas personagens atuam como "mediadoras" entre a máquina e o corpo, controlando os avanços tecnológicos, mas sem acessar diretamente o poder exercido pelas personagens brancas. Embora tenham uma relação física com a tecnologia, por meio de implantes e conexões com as máquinas, a verdadeira ênfase desses personagens parece recair na relação com a mente, não com o corpo.

O mundo retratado por Gibson em *Neuromancer* está longe de ser uma utopia. Após uma guerra global devastadora, o cenário futurista apresenta uma sociedade que sofre com a poluição atmosférica e a degradação irreversível da natureza, resultando na extinção de espécies como os cavalos devido a uma peste. Nesse mundo distópico, organizações globais repressivas, como o *zaibatsu* e a *yakuza*, controlam a vida das pessoas, mas são, por sua vez, manipuladas por uma inteligência artificial chamada *Wintermute*. *Wintermute*, tendo se tornado autônomo, busca se libertar do controle humano e fundir-se com outra IA chamada *Neuromancer* para alcançar o poder supremo. Para atingir seus objetivos, *Wintermute* não hesita em cometer assassinatos brutais, inclusive contra crianças pequenas. Diante disso, o romance pode ser interpretado como uma distopia clássica, na qual as máquinas trazem terríveis consequências para os seres humanos.

Nesse sentido, o mundo futuro apresentado por Gibson é uma distopia em que a "revolução multimídia" ultrapassou limites alarmantes. Se as realidades virtuais passarem a dominar completamente o nosso cotidiano e chegarmos a considerar nossos corpos como inúteis, não estaremos vivendo em uma utopia, mas sim sob o total controle da mídia. Embora a mídia possa nos proporcionar a ilusão de liberdade ao expressar nossos desejos por meio do ciberespaço, seu poder de controle pode se tornar ainda mais forte por meio dessa ilusão, e Gibson nos alerta sobre esse perigo. Nesse contexto, é importante refletir sobre como corpos negros, que já estão sujeitos a opressões e dominações, poderiam ser libertados nessa condição. Além disso, é fundamental considerar até que ponto a mera divulgação de hashtags nas redes sociais pode ter um impacto efetivo no ativismo, capaz de transformar as estruturas de poder existentes. *Neuromancer* nos leva a uma reflexão crítica sobre o poder e os limites das mídias e tecnologias, destacando os perigos da alienação e do controle excessivo. Gibson nos convida a questionar como a nossa relação com a tecnologia e a mídia pode afetar nossas identidades, relações sociais e capacidade de transformação social. Nesse sentido, é necessário buscar um equilíbrio entre o avanço tecnológico e a preservação de nossos direitos, liberdades e diversidades, garantindo que as narrativas distópicas não se tornem profecias autônomas, mas estímulos para a reflexão crítica e ações transformadoras.

Dentre os grupos minoritários apresentados em *Neuromancer*, os rastafaris desempenham um papel significativo, embora muitas vezes sejam retratados de maneira estereotipada. A história de rebelião da colônia de Zion, fundada por trabalhadores que se recusaram a retornar após o término de seus contratos, evidencia a natureza rebelde dos rastafaris e sua dependência contínua da tecnologia. Essa passagem não apenas destaca a causa de libertação dos negros, mas também demonstra sua resistência e sobrevivência diante dos desafios impostos, mesmo enfrentando dificuldades físicas.

Ao analisarmos o romance *Neuromancer* de William Gibson, percebemos a manutenção de estereótipos da cultura rastafári por parte do autor, especialmente através da personagem Maelcum. Essa representação limitada retrata os rastafaris de maneira simplista, enfatizando seus cabelos dreadlocks e sua liberdade na consumação de drogas, sem explorar de forma mais

abrangente sua cultura e identidade. No entanto, vale dizer, Gibson compensa essa abordagem estereotipada ao retratar a história de rebelião da colônia de Zion. Essa história destaca a natureza rebelde dos rastafaris, bem como sua dependência da tecnologia que não estão dispostos a abandonar, apesar dos sacrifícios enfrentados.

Quando os autores publicados que recebem mais destaque formam um grupo homogêneo, esses discursos tendem a ser também homogêneos. Se nesse recorte de autores, a sua composição é determinada por homens brancos, heterossexuais, cisgênero e sem deficiência, são as suas impressões que passam a organizar as experiências coletivas, inclusive as de futuro imaginado. O racismo, antes de tudo, equivale a esconder a humanidade dos corpos negros com uma série de fantasias sobre suas histórias, inferindo-lhes signos rígidos e depreciativos

A história do sujeito negro é então percebida como algo que sequer existe, assim como o próprio sujeito negro. Quando “para o racista, vê um negro é não ver que ele não está lá; que ele não existe; que ele mais não é que o ponto de fixação patológico de uma ausência de relação” (MBEMBE, 2014, p.66).

Embora os rastafaris mantenham uma forte relação com a tecnologia, eles permanecem fiéis às raízes de sua cultura. Gibson estabelece uma conexão entre a religião rastafári e a tecnologia, destacando a ligação mental e espiritual dos sionistas com o mundo ao seu redor. Essa abordagem ressalta a importância da cultura rastafári em *Neuromancer*, mesmo que, em alguns momentos, Gibson utilize estereótipos ao retratá-los. Além disso, o romance apresenta sua versão de grupo político negro, os chamados Panteras Modernas, que simbolizam o partido dos Panteras Negras e desempenham um papel significativo na narrativa. No entanto, Gibson retrata esses personagens de forma que não parecem humanos, distanciando-os de sua identidade racial e física. Essa representação levanta questões sobre a desumanização dos personagens negros no contexto do futuro distópico criado por Gibson. ao analisarmos *Neuromancer*, é evidente que a questão racial e a identidade são temas importantes no romance, independentemente das intenções do autor. A falta de diversidade na representação das personagens negras cria uma problemática em relação à identidade pessoal que essas personagens

enfrentam. A dependência dos rastafaris em relação à tecnologia é evidente, mas eles não compreendem completamente sua natureza artificial, atribuindo-lhe características espirituais. Já as Panteras Modernas perdem sua identidade humana devido às cirurgias tecnológicas pelas quais passaram.

Neuromancer, assim como outros romances de ficção cyberpunk, reflete as limitações na representação da diversidade étnica e racial, focando principalmente em personagens brancas. Essas obras proporcionam uma reflexão sobre as interações complexas entre tecnologia, identidade racial e poder, porém é necessário considerar as implicações e lacunas na abordagem dessas questões. Embora as pessoas negras sejam visualmente diferentes dos brancos, é importante reconhecer que, biologicamente, compartilhamos a mesma humanidade. A discussão sobre raça e identidade é um tema relevante e deve ser abordado de maneira mais abrangente e inclusiva na literatura e na ficção especulativa. A análise crítica dessas obras é fundamental para promover discussões mais amplas e inclusivas acerca da diversidade étnica e racial. Embora não seja explicitamente afrofuturista, "Neuromancer" pode ser visto como parte de uma conversa mais alargada sobre a reimaginação do futuro e o desafio das narrativas tradicionais.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, R. & E. Jones, C. (2016). Afrofuturism 2.0 The Rise of Astro-Blackness. Lexington Books.

BARAKA, A. (1971) Raise Race Rays Raze Essays Since 1965. Random House.

CANCLINI, Nestor Garcia. Culturas híbridas. São Paulo: EDUSP, 2013.

_____, .. Consumidores e Cidadãos – Conflitos Multiculturais da Globalização. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2001.

CARLI, E., de Moraes 2018. O AFROFUTURISMO É POP — Os filmes “Pantera Negra” e o álbum-visual “Dirty Computer” de Janelle Moná e agem com terremoto cultural que afrofuturiza os rumos da Cultura Pop, disponível online em <https://medium.com/@acasadevidro/o-afrofuturismo-é-pop-os-filmes-pantera-negra-e-o-álbum-visual-dirty-computer-de-janelle-944b6ce50837> ;

CARVALHO, Vânia Carneiro de. As representações da natureza na pintura e na fotografia brasileira século XIX. In.: FABRIS, Annateresa (Org.). Fotografia: usos e funções no século XIX. São Paulo: Edusp, 1991.

CATANI, Afrânio Mendes. O que é imperialismo. São Paulo. Brasiliense: 1984.

CSICSERY-RONAY, Istvan (2011). The seven beauties of science fiction. Middletown: Wesleyan University Press.

DABIRI, E., 2014. Why I am not Afropolitan, disponível online em Africa is a Country <https://africasacountry.com/2014/01/why-im-not-an-afropolitan/>

DAVIS, Angela (2016 [1981]). Mulheres, raça e classe. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo.

DALCASTAGNÈ, Regina (2017). Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. In: DALCASTAGNÈ, Regina e JENSEN, Laeticia (orgs). Literatura e exclusão. Porto Alegre, Zouk.

DERY, Mark, 1994. Black to the Future, em Flame wars the discourse of cyberculture. Durham, NC: Duke University Press, 1994;

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O que é a Filosofia. São Paulo: Ed. 34, 1997a.

DU BOIS, W. E. B. (2000 [1920]) The comet. In: THOMAS, Sheree R. (ed.). *Dark Matter: a century of speculative fiction from the african diaspora*. New York: Warner Books. p. 5-18. ELIA, Adriano (2014). The languages of afrofuturism. *Lingue e Linguaggi*, v. 12, p. 83-96.

ESHUN, Kodwo (1998). *More brilliant than the sun: adventures in sonic fiction*. GrãBretanha: Quartet Books.

ESHUN, Kodwo (2003). Further considerations on afrofuturism. In: *CR: The New Centennial Review*, v. 3, n. 2, p. 287-302, summer 2003.

Eshun, K., 1998. *More Brilliant Than the Sun: Adventures in Sonic Fiction*. Londres: Quartet Books; Estadão Conteúdo, 2018. Conheça o afrofuturismo, movimento presente em 'Pantera Negra', disponível online em <https://www.tribunapr.com.br/mais-pop/conheca-o-afrofuturismo-movimento-...pantera-negra/> ;

Eze, C., 2014. Rethinking African culture and identity: the Afropolitan model, *Journal of African Cultural Studies*, 26:2, 234-247;

FANON, Frantz. *Pele negra máscaras brancas*. Salvador. Editora EDUFBA. 2008.

FOUCAULT, M. (2013 [1975]). *Vigiar e Punir; Nascimento da Prisão*, Edições 70. Disponível:< https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/centrocultural/foucault_vigiar_punir.pdf> Acessado em 06 de maio de 2023.

FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico, as heterotopias*. Posfácio de Daniel Defert. [tradução Salma Tannus Muchail]. São Paulo: n-1 Edições, 2013a.

FIKER, Raul (1985). *Ficção científica: ficção, ciência ou uma épica da época?* São Paulo: L&PM Editores.

GIBSON, Willian. *Neuromancer*. São Paulo: Aleph, 2023.

GINWAY, M. Elizabeth. *Ficção científica brasileira: mitos culturais e nacionalidade no país do futuro*. Trad. Roberto de Sousa Causo. São Paulo: Devir, 2005.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. 2ªed. Org. Liv Sovik; Tradução: Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018

JAMESON, Frederic. Progress versus Utopia; Or, Can We Imagine the Future? *Science Fiction Studies*, Vol. 9, No. 2, Utopia and Anti-Utopia (Jul., 1982), pp. 147-158 Published by: SF-TH Inc. Disponível em: <<https://blogs.commons.georgetown.edu/engl-594-fall2013/files/2013/08/JamesonProgressVersusUtopia.pdf>> Acessado em: 14/10/2022

KELLNER, Douglas. Como mapear o presente a partir do futuro: de Baudrillard ao cyberpunk. In: . A cultura da mídia. Bauru: EDUSC, 2001. p.377-419.

KOEPSSELL, David R. A ontologia do ciberespaço: a Filosofia, a lei e o futuro da propriedade intelectual. São Paulo: Madras, 2004.

LEFEBVRE, Henri. Introdução À Modernidade. Rio De Janeiro: Paz E Terra, 1968.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Ed.34, 2000.

_____, . A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Loyola, 1998a.

_____, . O que é o virtual? São Paulo: Ed. 34, 1996.

LOVECRAFT, H. P. (2008 [1927]). O horror sobrenatural em literatura. Trad. Celso. M. Paciornik. São Paulo: Iluminuras.

MACHADO, Carlos Eduardo Dias (2014). Ciência, tecnologia e inovação africana e afrodescendente. Brasília: Fundação Cultural Palmares.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. REY, German Os exercícios do ver. São Paulo: Editora Senac, 2002.

MBEMBE, A., 2007. 'Afropolitanism', in Simon Njami and Lucy Durá n (eds.), *Africa Remix: Contemporary Art of a Continent*, Johannesburg: Jacana Media, pp 26–30 traduzido pelo português por Cleber Daniel Lambert e Silva in *Ískesis | v. 4 | n. 2 | julho/dezembro - 2015| 68 – 71*, disponível online em: <https://filosofia>

africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/achille_mbembe_-_afropolitanismo.pdf;

_____, . Crítica da razão negra, Antígona Editores
Refractarios Lisboa, 2014

_____, . Necropolítica, Edições n-1 São Paulo, 2018 Memmi, A., 2007. Retrato do Colonizado Precedido pelo Retrato do Colonizador, Civilizaçã Brasileira; Mignolo, W., 2011. The Darker Side of Western Modernity: Global Futures, Decolonial Options, Durham: Duke UP

NELSON, Alondra (2002). Introduction: future texts. Social Text 71, v. 20, n. 2, p. 1-15, summer.

ORTIZ, Renato. Mundialização e cultura. São Paulo: Brasiliense, 2000.

PEREIRA, Renato Pignatari. Brasil Especulativo: Ciência e Brasilidade na Ficção de Jerônimo Monteiro. São Paulo: 2019.

WILLIAMS, Raymond. O campo e a cidade na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

RANCIERE, J., 2012. O Espectador Emancipado, Editora WMF Martins Fontes;

RAMAL, Andrea Cecília. Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2002.

REZAIRE, T., 2014. 'Afro cyber resistance: South African Internet art', Technoetic Arts: A Journal of Speculative Research 12: 2+3, pp. 185–196;

SAID, E., 1983. Traveling Theory, in The World, the Text, and the Critic, Harvard University

Press; Santos Queiroz, L., 2013. Travestimento: Literatura, Gêneros e Escritura, Caderno de Gênero e Tecnologia, Número 25/26 - janeiro a junho/2013;

STERLING, Bruce. "Preface". In Burning Chrome, William Gibson. Nova York: Ace Books, 1987.

SILVA, Carlos Alberto F. da; SILVA, Michele T. Cândido da. A dimensão socioespacial do ciberespaço: uma nota. Disponível em: <<http://www.tamandare.g12.br/indexciber.htm>>. Acesso em: 20 out. 2022.

TAVARES, Braulio. O que é ficção científica. São Paulo: Brasiliense, 1992.

TEIXEIRA COELHO, J. Moderno pós-moderno: modos e versões. 4.ed. São Paulo: Iluminuras, 2001.

TODOROV, Tzvetan (2012 [1970]). Introdução à literatura fantástica. Trad. Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva.

ZALUAR, A. E. O doutor Benignus. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994

Glossário

Afrofuturismo:

O Afrofuturismo é um movimento cultural e artístico que combina elementos da cultura africana, afro-americana e diaspórica com a ficção científica, o fantástico e a tecnologia. Ele explora narrativas futurísticas, especulativas e utópicas, reimaginando o papel dos negros na sociedade, muitas vezes abordando questões de identidade, história e cultura.

Ciberespaço:

Ciberespaço refere-se ao ambiente virtual e global formado pela interconexão de redes de computadores. É um espaço eletrônico onde as interações ocorrem, e as informações são compartilhadas por meio da internet. O termo é frequentemente associado à realidade virtual e à experiência digital.

Cibernética:

A Cibernética é uma disciplina interdisciplinar que estuda sistemas de controle, comunicação e retroalimentação em máquinas e seres vivos. Ela abrange uma variedade de campos, incluindo biologia, engenharia, matemática e ciência da computação, explorando como sistemas podem ser controlados e comunicar informações.

Cyberpunk:

O Cyberpunk é um subgênero da ficção científica que se desenvolve em ambientes urbanos distópicos e tecnologicamente avançados. Geralmente, aborda temas como megacorporações, hackers, inteligência artificial, realidade virtual e a interação complexa entre humanos e tecnologia.

Diáspora negra:

A Diáspora negra refere-se à dispersão da população negra ao longo da história, especialmente devido ao tráfico de escravos. O termo é usado para descrever a comunidade negra globalmente, sua cultura e suas contribuições em diferentes partes do mundo.

Ficção científica:

A Ficção Científica é um gênero literário e cinematográfico que explora cenários futuristas, avanços científicos e tecnológicos, muitas vezes extrapolando a ciência atual para criar narrativas especulativas.

Hacker:

Um Hacker é alguém habilidoso em manipular e explorar sistemas de computadores. O termo pode ter conotações positivas (hackers éticos que usam suas habilidades para fins construtivos) ou negativas (hackers maliciosos que buscam explorar vulnerabilidades).

Hipertexto:

O Hipertexto é um tipo de texto eletrônico interativo que permite a navegação não linear entre diferentes partes do conteúdo, geralmente por meio de links. É amplamente utilizado na web e em documentos digitais.

Heterotopia:

O conceito de Heterotopia, conforme formulado por Michel Foucault, refere-se a espaços físicos e mentais que possuem uma relação particular com outros espaços, muitas vezes operando fora das normas sociais e culturais dominantes.

Maelcum:

Maelcum é um personagem do livro "Neuromancer" de William Gibson. Ele é um samurai streetwise e uma figura significativa na narrativa cyberpunk.

Neuromancer:

"Neuromancer" é um romance cyberpunk de William Gibson, publicado em 1984. É uma obra seminal no gênero, explorando temas de inteligência artificial, realidade virtual e hacking.

Paperback:

Paperback refere-se a uma edição de livro com capa mole ou flexível, frequentemente mais acessível em termos de preço do que a versão de capa dura.

Rastafari:

O Rastafari é um movimento religioso e cultural originado na Jamaica na década de 1930. Os seguidores, conhecidos como Rastafaris, adotam uma filosofia que inclui a reverência ao imperador etíope Haile Selassie, a prática do dreadlock e um estilo de vida natural.

Sprawl:

O termo "Sprawl" é frequentemente usado no contexto do cyberpunk para descrever megacidades altamente desenvolvidas e expansivas, caracterizadas por sua extensão horizontal.

Sun Ra:

Sun Ra foi um músico de jazz, compositor e líder de banda conhecido por suas contribuições únicas para o gênero. Ele também era uma figura proeminente no movimento afrofuturista.

